



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

NAÉLITON SOUZA FREITAS

IMPLICAÇÕES DA PROSÓDIA NO GÊNERO PALESTRA MOTIVACIONAL

FORTALEZA

2020

NAÉLITON SOUZA FREITAS

IMPLICAÇÕES DA PROSÓDIA NO GÊNERO PALESTRA MOTIVACIONAL

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Área de Concentração em Aquisição, Desenvolvimento e Processamento da Linguagem da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Célia Clementino Moura

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S239i Souza Freitas, Naéliton.
IMPLICAÇÕES DA PROSÓDIA NO GÊNERO PALESTRA MOTIVACIONAL / Naéliton Souza Freitas. –
2020.
100 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2020.
Orientação: Profa. Dra. Ana Célia Clementino Moura.
1. Prosódia. 2. Gênero palestra motivacional. 3. Análise acústica. I. Título.

CDD 410

NAÉLITON SOUZA FREITAS

IMPLICAÇÕES DA PROSÓDIA NO GÊNERO PALESTRA MOTIVACIONAL

Dissertação submetida ao programa de Pós-Graduação em Linguística, Área de Concentração em Aquisição, Desenvolvimento e Processamento, pela Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Aprovada em: 29/ 05 /2020.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Célia Clementino Moura

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Elaine Cristina Forte-Ferreira

Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA

Profa. Dra. Meire Virgínia Cabral Gondim

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

À minha amada mãe, Marlene, quem me deu a vida, o primeiro livro e, assim, me mostrou a importância da busca pelo conhecimento. Meu maior exemplo de força e perseverança.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus pais e irmãos por todo apoio e incentivo. Em especial, agradeço à minha mãe por dividir e compartilhar dos meus sonhos.

À UFC, por me acolher como discente desde a graduação, especialmente ao PPGL e aos professores, pelos ensinamentos acadêmicos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento deste estudo.

À minha querida orientadora, Profa. Dra. Ana Célia Clementino Moura, pela participação e orientação deste trabalho. A você, toda minha gratidão pela ajuda e compreensão ao longo do mestrado.

Aos professores Américo Saraiva, Ricardo Leite, Ronaldo Lima Jr. e Camila Sousa pelas considerações relevantes acerca do texto de qualificação.

A Francisco G. Nogueira, por cada “troca de figurinhas”, companheirismo, apoio e por todo tipo de ajuda prestado ao longo do desenvolvimento desta pesquisa.

Aos queridos amigos Gênesson Johnny, Luana Rabelo, Damião Soares, Erihan Costa, Mayara de Castro, Melka Freitas, Jefferson Rodrigues, Suelen Barros e Wilton Cavalcante por estarem sempre dispostos a ouvir, colaborar de alguma forma, pelo companheirismo e amizade sincera. Ter vocês por perto foi - e é - fundamental.

À colega de mestrado, Victória Glenda, por compartilhar momentos tão especiais e por tornar a caminhada um pouco mais suave.

Obrigada a todos!

“É principalmente nas inflexões e nos matizes da voz que reside a força expressiva da linguagem humana”.

Dale Carnegie

RESUMO

A prosódia, como recurso suprasegmental da fala, que auxilia na produção de intenções durante a elaboração de enunciados, mostra-se um objeto de estudo passível de ser estudado por diversas perspectivas, no caso da presente pesquisa, realizamos uma análise acústica do discurso motivacional proferido por palestrantes. Observamos a intenção existente nos enunciados que apresentam caráter marcadamente motivacional e, também, fizemos uma análise acústica dos elementos prosódicos de variação da duração: *pitch* (altura), duração, velocidade da fala e pausa; e de elementos prosódicos de volume: a intensidade. A análise acústica das frases foi realizada com o auxílio do PRAAT, um software aberto usado em análise e síntese da fala. Verificamos como esses elementos colaboram para a constituição do gênero discursivo palestra motivacional, o qual possui como uma de suas principais características: a persuasão. Por palestra motivacional, referimo-nos ao discurso que apresenta ao público mensagem de otimismo, encorajamento, orientação e sugestão de direcionamento (BRUNELLI, 2004). Para a realização da pesquisa, tivemos como referencial teórico de base os estudos realizados por Cagliari (1992), Bollela (2006) e Antunes (2015). Tomando-se como referência os aspectos prosódicos citados, temos como hipótese básica a existência de uma relação direta entre elementos prosódicos e a construção do gênero supracitado. A fim de verificar nossas hipóteses de pesquisa, selecionamos um *corpus*, elegendo dois vídeos de palestras motivacionais proferidas respectivamente por Leandro Karnal e Clóvis de Barros Filho, que versam sobre questões de aprimoramento profissional. Após a escolha dos vídeos, selecionamos frases que foram separadas em enunciados persuasivos e enunciados não-marcados. O primeiro grupo é formado por frases que contêm mensagem de otimismo, aconselhamento, sugestões, ordens e apelos direcionados ao público, enquanto o segundo é formado por enunciados nos quais o conteúdo motivacional não está explícito em sua elaboração. A análise dos dados demonstra que os palestrantes fazem uso dos parâmetros prosódicos de forma recorrente quando desejam enfatizar algo na fala ou nos pontos em que a persuasão é o foco da palestra. O resultado comprovou que a prosódia contribui para a persuasão no discurso motivacional por meio de estratégias de organização da fala. Tais estratégias apoiam-se no uso de elementos prosódicos (*pitch* (altura), duração, volume, velocidade da fala e pausa) de forma dinâmica e recorrente na fala dos palestrantes.

Palavras-chave: Prosódia. Gênero palestra motivacional. Análise acústica.

ABSTRACT

Prosody, as a suprasegmental resource of speech, which helps in the production of intentions during the elaboration of statements, is an object of study that can be studied from different perspectives. In the case of the present study, we performed an acoustic analysis of the motivational speech given by speakers. We observed the existing intention in statements that have a markedly motivational character and, also, we did an acoustic analysis of the prosodic elements of the duration variation: pitch (height), duration, speech rate and pause; and prosodic elements of volume: intensity. The acoustic analysis of the sentences was performed by using PRAAT, an opened source software used in speech analysis and synthesis. We verified how these elements collaborate for the constitution of the discursive genre motivational lecture, which has persuasion as one of its main characteristics. By motivational speech, we refer to the speech that presents the public with a message of optimism, encouragement, guidance and suggestion of direction (BRUNELLI, 2004). To carry out the research, we had as a base theoretical reference the studies developed by Cagliari (1992), Bollela (2006) and Antunes (2015). Taking as a reference the above-named prosodic aspects, we have as a basic hypothesis the existence of a direct relationship between prosodic elements and the construction of the previously mentioned discursive genre. In order to verify our research hypotheses, we selected a corpus, choosing two videos of motivational speeches given by Leandro Karnal and Clóvis de Barros Filho, respectively, which deal with professional improvement issues. After choosing the videos, we selected phrases that were separated into persuasive and unmarked statements. The first group consists of phrases that contain messages of optimism, advice, suggestions, orders and appeals directed to the public, while the second group consists of statements in which the motivational content is not explicit in its elaboration. The result proved that prosody contributes to persuasion in motivational discourse through speech organization strategies. Such strategies are supported by the use of prosodic elements (pitch (height), duration, volume, speed of speech and pause) in a dynamic and recurrent way in the speech of the speakers.

Keywords: Prosody. Genre motivational lecture. Acoustic analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Anotações das informações de intensidade em trecho de fala não-marcadas	71
Figura 2 - Anotações das informações de intensidade em trecho de fala não-marcadas.....	72
Figura 3 - Anotações das informações de pausa na fala.....	75
Figura 4 - Anotações das informações de pausa na fala.	76
Figura 5 - Anotação de alongamento vocálico dentro de uma sentença.....	79
Figura 6 - Anotação de alongamento vocálico dentro de uma sentença.....	80
Figura 7 - Anotação de alongamento vocálico dentro de uma sentença na fala de Clóvis de Barros Filho.....	82
Figura 8 - Mudança de sílaba tônica em uma palavra.....	83
Figura 9 - Mudança de sílaba tônica em uma palavra.....	85
Figura 10 - Registro de latência de longa duração dentro da frase motivacional.....	86
Figura 11 - Registro de latência de longa duração dentro da frase motivacional	88
Figura 12 - Registro de taxa de elocução de uma palavra em uma frase motivacional.....	92
Figura 13 - Registro de taxa de elocução de uma palavra em uma frase motivacional.....	93

LISTA GE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de pausas em frases motivacionais	74
---	----

LISTA DE QUADROS

Tabela 1- Vídeos selecionados por ordem de visualizações	56
Tabela 2 – Frases com conteúdo motivacional coletadas no vídeo de palestra motivacional título “O que estou fazendo de mim” proferido por Leandro Karnal.....	57
Tabela 3 – Frases com conteúdo motivacional coletadas no vídeo de palestra motivacional proferido por Clóvis de Barros Filho	61
Tabela 4 – Informações de duração de pausas nos enunciados	62
Tabela 5 – Informações de duração de pausas nos enunciados.	66
Tabela 6 – Informações de tempo de latência nos enunciados	67
Tabela 7 – Alongamento das vogais em advérbios	67
Tabela 8 – Lista de palavras com deslocamento de sílaba tônica	82
Tabela 9 – Maior e menor taxa de elocução referente a velocidade de fala no discurso dos participantes.....	90

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Apresentação do tema	15
2 A PROSÓDIA E SUAS ESPECIFICIDADES NO DISCURSO	20
2.1 Prosódia.....	20
2.1.1 Elementos prosódicos	23
2.1.2 A sílaba	23
2.1.3 Prosódia e discurso	24
2.1.4 Parâmetros prosódicos	25
2.2 Retórica e persuasão	27
2.2.1 Elementos da persuasão na retórica	31
2.3 Correlatos perceptíveis da prosódia	37
2.3.1 <i>O ritmo da fala</i>	36
2.3.2 <i>Pitch</i>	38
2.3.3 <i>A duração</i>	38
2.3.4 <i>Volume</i>	40
2.3.5 <i>Intensidade</i>	40
3 O GÊNERO PALESTRA MOTIVACIONAL	42
3.1 Quanto à construção composicional	47
3.2 Quanto aos aspectos expressivos	49
3.3 Quanto aos aspectos temáticos	51
4 METODOLOGIA DE PESQUISA	52
4.1 Caracterização da pesquisa	52
4.1.1 Dos métodos de procedimento	52
4.2. Fala espontânea versus fala atuada	54
4.3 Delimitação do universo da amostra	54
4.4 Seleção de frases de caráter persuasivo com base em análise perceptiva.	58
4.5 Procedimentos de coleta de dados	59
4.6 Procedimento de análise de dados	60
4.7 Anotação e segmentação manual dos dados	65
5 ANÁLISE DE DADOS	69
5.1 Frases não-marcadas	69
5.2 A pausa	73
5.3 Duração e alongamento das vogais	77

5.4 Latência	86
5.5 Velocidade da Fala	88
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	97

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação do tema

O ser humano desenvolveu a capacidade de linguagem no percurso de sua evolução, o que possibilitou a produção de intenção mediante, dentre outros aspectos linguísticos, o recurso da prosódia, considerada uma capacidade pragmática. A linguagem pode ser utilizada para atingir um fim, seja ele influenciar, aconselhar, induzir ou inspirar o outro, convencê-lo de algo; pode ainda ser usada para despertar emoções no outro e, igualmente, demonstrar emoções para alguém. Todas essas funções podem ser articuladas por meio da prosódia, que é de fundamental importância para a compreensão e interpretação do que o sujeito pretende comunicar por meio da fala (LOPES; LIMA, 2014).

Ao longo de minha experiência como aluno de psicologia em estágios na clínica-escola e, posteriormente, como psicólogo clínico, deparei-me com casos de pacientes vítimas de doenças neurodegenerativas, em sua maioria, Alzheimer. Segundo Cruz (2008), a doença de Alzheimer é definida na área médica como uma patologia cerebral degenerativa de causa desconhecida. O Alzheimer tem impacto sobre o funcionamento dos níveis superiores cognitivos e se caracteriza por diversos déficits que prejudicam o funcionamento mental e social do sujeito. Dessa forma, o Alzheimer altera tanto as estruturas neurológicas como a linguagem, os processos cognitivos, a interação e as práticas de atividades sociais.

Observei durante as consultas que, alguns pacientes, idosos na faixa de 65 a 78 anos, apresentavam dificuldade em expressar suas emoções e intenções no geral, através de sua fala que, na maioria das vezes, eram falas monótonas, no sentido de não haver variações recorrentes na melodia da voz. Ao evidenciar tais características e frequência dessas ocorrências referentes ao padrão entoacional da fala de pacientes com Alzheimer, resolvi aprofundar-me no estudo da prosódia, elemento que pode ser dividido em prosódia afetiva e prosódia linguística, cuja função está diretamente ligada à elaboração de intenção na fala, mediante seus elementos, que funcionam como ferramentas para a construção de enunciados.

Tradicionalmente, o estudo da prosódia se dedica às características da emissão dos sons da fala, ou seja, a prosódia se ocupa do modo como os enunciados são emitidos oralmente. Assim, ela está relacionada primordialmente com a língua falada, que possui diferenças em relação à escrita (sistema de signos criado dentro de uma determinada cultura que serve como instrumento na comunicação humana) e que, por sua vez, possui particularidades em sua organização. Porém, ambos os sistemas estão ligados de certa forma,

e, nesse sentido, os sinais de pontuação, por exemplo, segundo Pacheco (2006), assumem a função de marcadores prosódicos na língua escrita, pois esses sinais têm a função de transmitir à escrita as variações melódicas existentes em caso do texto oralizado, lido.

Dessa forma, de acordo com Cagliari (1992), Bollela (2006) e Barbosa (2019), a prosódia está associada à dinâmica da voz nos seguintes aspectos: frequência, intensidade, entonação, ênfase, velocidade e duração. Todos eles modelam a fala do sujeito e conferem sentido durante a formulação de seu discurso. É válido salientar que a prosódia está presente no desenvolvimento da linguagem desde muito cedo, uma vez que a criança consegue discriminar a modulação melódica da fala do outro, até mesmo, antes de compreender o significado das palavras ditas por aqueles que a cercam. Segundo Lopes e Lima (2014), nos estágios pré-verbais, inicia-se o estabelecimento dos parâmetros prosódicos, pois antes de compreender as primeiras palavras, as crianças já possuem o domínio dos padrões de entonação de sua língua materna.

Kent (1996) assevera que, para a compreensão da linguagem, é importante que o sujeito tenha a capacidade de perceber e de processar os elementos contidos no fluxo da fala, bem como as informações que ela expressa. Isso ocorre, de acordo com o autor, antes mesmo do contato da criança com a escola, visto que, antes de termos conhecimento do significado do léxico da nossa própria língua, nos familiarizamos primeiramente com o ritmo do idioma, ou seja, com os elementos prosódicos. Os elementos prosódicos identificados pelo recém-nascido têm uma função muito importante na organização das informações da fala, o que explicaria a familiaridade das crianças com as intenções transmitidas por cada sinal de pontuação que se relacionam com a modulação da voz.

Em sua obra intitulada *Linguística e comunicação*, lançada na década de 60, Jakobson (2008) observa que o enunciado produzido pelo sujeito através da fala não transmite apenas a mensagem, mas também pode mostrar sua atitude e características de sua personalidade por meio da entonação, frequência, ênfase, tom, pausas etc. Observando todos esses fatores, seria possível compreender a expressão da mensagem e das emoções nela contida.

Dentre as funções desempenhadas pelos elementos prosódicos no discurso está a persuasão que, de acordo com Citelli (2004), é um recurso comumente usado dentro da retórica para convencer o interlocutor de uma possível verdade. O ponto de vista do receptor seria conduzido por um emissor, à medida que este, falando de maneira impessoal, constrói, sob a forma da negação, uma afirmação que objetiva persuadir aquele acerca da verdade. A

persuasão está, em certo modo, segundo Amossy (2011), presente em todos os gêneros do discurso.

Tendo em vista as funções dos elementos prosódicos dentro do discurso, no que diz respeito à construção do propósito comunicativo e da atitude do sujeito frente ao que é dito, alguns estudiosos retomam a investigação sobre o fenômeno da prosódia. Alguns autores (CAGLIARI, 1992; SCARPA, 1999; BOLLELA, 2006) afirmam que o estudo dos fenômenos ligados à prosódia está situado entre linguística e engenharia do som, entre sintaxe e semântica, entre fonética e fonologia, entre língua e discurso. Bolella (2006), em seu artigo *A prosódia como instrumento de persuasão*, estabelece parâmetros para a estruturação de pesquisas na área de intersecção entre aspectos prosódicos e argumentativos que serão utilizados nesta pesquisa.

É válido ressaltar que, quando falamos a respeito de aspectos prosódicos no momento da comunicação, estamos nos referindo a aspectos audíveis da prosódia. Ou seja, aqueles que podem ser interpretados pelo interlocutor no momento da interação. Segundo Barbosa (2016), o controle da enunciação envolve a coordenação da sequência de gestos articulatórios da cadeia fônica, os quais são controlados pelas intenções comunicativas do enunciador. Assim, é papel da prosódia o estudo da coordenação gestual presente no enunciado.

Levando-se em consideração os novos métodos de estudo no campo da prosódia, este trabalho tem como objetivo verificar a influência de elementos prosódicos, mediante análise acústica, na construção do gênero palestra motivacional. Dessa forma, a presente pesquisa procura contribuir para o avanço dos estudos linguísticos relacionados aos aspectos prosódicos na comunicação, uma vez que se trata de um recurso importante para a transmissão de ideias e para a construção de sentido na interação social. O estudo da prosódia pode ampliar o horizonte de possibilidades de uso da linguagem e, até mesmo, subsidiar insumos para um domínio mais amplo e eficaz da modalidade oral em diferentes situações comunicativas, a partir do conhecimento e do domínio de aspectos como volume, tom, velocidade, pausa, dicção etc.

Com base no que foi apresentado anteriormente, o problema que norteou esta pesquisa está relacionado à investigação da atuação de elementos prosódicos na construção do gênero oral palestra motivacional, considerando ser a persuasão uma de suas principais características. Por palestra motivacional, referimo-nos ao discurso que apresenta mensagem de otimismo, orientações, encorajamento e sugestão de direcionamento ao ouvinte (BRUNELLI, 2004). Tal discurso é marcado por um apelo emotivo dirigido ao público.

Apesar de não haver um consenso a respeito do papel que a prosódia desempenha dentro do discurso, segundo Cagliari (1992), acredita-se que esse elemento é de fundamental importância para a compreensão da mensagem contida no discurso no momento da situação comunicativa. Levando-se em consideração esse fato como ponto de partida, a presente pesquisa pretende atuar na área de interseção entre análise fonética-acústica e discurso, a fim de compreender como os elementos prosódicos influem e se articulam na construção no gênero palestra motivacional.

Tendo em vista nosso problema de pesquisa, objetivamos **verificar a interferência de elementos prosódicos na construção do gênero discursivo palestra motivacional**. Para alcançarmos esse objetivo geral, traçamos alguns objetivos secundários, cuja função é auxiliar na obtenção do objetivo geral desta pesquisa: **identificar regularidades de aspectos prosódicos na produção oral no gênero palestra motivacional**, ou seja, observar a frequência com que os aspectos prosódicos de duração (pitch, duração, velocidade de fala e pausa) e volume (intensidade) se apresentam dentro do discurso dos palestrantes para que consiga alcançar uma comunicação efetiva; **verificar a articulação de elementos prosódicos por parte do palestrante para alcançar seu objetivo: a persuasão**, isto é, averiguar, mediante análise acústica, como os elementos prosódicos de duração e volume se articulam na fala do palestrante de modo que ele consiga alcançar seus propósitos comunicativos e a adesão do auditório a suas ideias; **investigar como os aspectos prosódicos variam de acordo com o uso de termos motivacionais**, em outras palavras, identificar, através de análise acústica, a forma como os elementos prosódicos variam em trechos de fala que são carregadas de conteúdo motivacional, observando a dinâmica das ondas sonoras de pitch e intensidade, juntamente com seus valores alcançados no espectrograma¹ em Hertz (Hz) e dessibéis (dB) dentro da fala dos palestrantes.

Aliados aos objetivos desta pesquisa, construímos algumas hipóteses que servem como pontos norteadores para a concretização do presente estudo. Assim, partimos do pressuposto de que há uma relação direta entre os elementos prosódicos e a construção do gênero palestra motivacional. Juntamente com essa conjectura, acreditamos também que os elementos prosódicos estão diretamente ligados à construção da persuasão, de modo que, quanto maior a presença de conteúdo motivacional, maior a ocorrência de variação dos

¹“O espectrograma pode ser definido como um gráfico que mostra a intensidade por meio do escurecimento ou coloração do traçado, as faixas de frequência no eixo vertical e o tempo no eixo horizontal. Sua representação mostra estrias horizontais, denominadas harmônicos. O espectrograma demonstra visualmente as características acústicas da emissão, porém essas informações exigem interpretação por parte do avaliador.”(VALENTIM, 2010, p. 335).

aspectos prosódicos. Além disso, supomos que o palestrante faz uso de elementos prosódicos na tentativa de alcançar seu objetivo: a persuasão e, por fim, que quanto maior o uso de palavras ligadas ao conteúdo motivacional, mais marcado o acento prosódico.

Ainda sobre a prosódia, serão apresentadas as funções de elementos prosódicos analisados nesta pesquisa: *pitch*, duração, volume, velocidade da fala e pausa. A terceira seção desta pesquisa, por sua vez, mostra os procedimentos metodológicos envolvidos nas análises acerca do gênero palestra motivacional, o procedimento de coleta e da análise dos dados. No final do trabalho, além de expormos os resultados e tecermos nossas conclusões, levantaremos discussões acerca deles.

2 A PROSÓDIA E SUAS ESPECIFICIDADES NOS DISCURSOS

Nesta seção, serão expostos os fundamentos teóricos que sustentaram a análise dos elementos prosódicos no discurso oral motivacional em palestras. De início, serão apresentadas as teorias de base desse estudo que forneceram os pressupostos para a análise do fenômeno em questão. A prosódia será abordada de acordo com estudos feitos por alguns pesquisadores (CAGLIARI, 1991; BOLLELA, 2006; BARBOSA, 2012; ANTUNES, 2015) que serviram como base teórica para esta pesquisa, destacando-se os seguintes elementos prosódicos: *pitch*, duração, volume, velocidade da fala e pausa. Logo após, segue-se uma revisão bibliográfica acerca dos elementos prosódicos relacionados à persuasão e dos estudos linguísticos sobre o tema. Traremos concepções de alguns linguistas que exploraram elementos prosódicos em seus trabalhos e de alguns pesquisadores que atuam no campo da acústica.

2.1 Prosódia

Nesta seção apresentamos alguns conceitos referentes à prosódia e a seus constituintes a partir da perspectiva de Cagliari (1992; 1993) e Barbosa (2012; 2013; 2019). Realizaremos uma abordagem a respeito da definição do campo prosódico e observaremos a existência de algumas particularidades sobre sua definição e de quais elementos essa área se ocupa. Serão salientadas concepções com maior destaque e recorrência no contexto atual dos estudos prosódicos.

A prosódia é um fenômeno que vem sendo estudado cientificamente por linguistas há décadas, e a origem desses estudos é bastante antiga (COUPER-KUHLEN 1986, SCARPA, 1999; BOLLELA, 2006). O termo prosódia vem do grego *προσῳδία*, *prosodía*, palavra composta pelos elementos *προς*, *pros-*, "verso", e *ᾠδή*, *odé*, "canto". O termo era usado para se referir a elementos da fala que não eram assinalados na ortografia, tais como: acento, entoação e melodia da voz, os quais receberam representações, posteriormente, no desenvolvimento da escrita. Os gregos conseguiam notar a importância dos elementos prosódicos na oratória e poesia, por exemplo. Por conta de algumas alterações referentes ao termo prosódia, ela passou a ser designada como versificação. O conceito de prosódia também foi utilizado por teóricos literários, segundo Bollela (2006), para compor as teorias de métrica poética e do ritmo da poesia e da prosa.

A despeito de usarem termos diferentes e terem conceituado a prosódia antes mesmo do desenvolvimento da linguística como ciência, os gregos já concebiam a importância da prosódia dentro da fala do orador. Podemos exemplificar esse fato citando a importância que Aristóteles (1999) dava às estratégias da boa oratória. Por meio da prosódia, dizia o filósofo ser possível enfatizar expressões ou termos que se deseje destacar no discurso, gerar ou desfazer ambiguidades, fazer alusões, dar determinado tom à fala, expressar emoções e gerar emoções no auditório e, também, fazer com que o ouvinte mude de atitude, capacidade essa que é de grande importância para a persuasão dentro do gênero aqui estudado.

Na linguagem oral, a prosódia tem o papel de modular os enunciados produzidos pelo sujeito de acordo com suas intenções e objetivos que almeja alcançar. Quando o texto falado é registrado em linguagem escrita, o que torna possível que as variações melódicas da fala do sujeito sejam recuperadas são os sinais de pontuação que sinalizam as mudanças de entonação durante a leitura. Dessa forma, a prosódia se torna importante na produção da enunciação no momento em que modula a fala do sujeito para que ele possa alcançar seus objetivos em relação ao ouvinte, produzindo, assim, intencionalidade através da fala.

Conforme os estudos a respeito do termo prosódia avançaram, esse fenômeno foi sendo encarado de diferentes formas. Alguns gramáticos defendiam que a prosódia deveria se restringir ao estudo da pronúncia dos diversos sons presentes nos vocábulos. A gramática normativa, por sua vez, centrava os estudos da prosódia na forma correta da pronúncia das palavras, ou seja, estava associada às regras do bem-dizer da erudição.

Atualmente a prosódia é estudada levando-se em conta fatores linguísticos tais como elementos prosódicos de volume, duração e variação de altura melódica. Também se consideram fatores paralinguísticos (marcadores discursivos), atitudes proposicionais e sociais. É válido salientar que os fatores citados são combinados com aspectos sociais e biológicos, por exemplo, classe social, nível de escolaridade, gênero e faixa etária. Com a evolução dos estudos prosódicos, a prosódia passou a ser considerada um elemento que estaria no plano suprasegmental da língua. Segundo Cagliari (1992), a prosódia vai além da melodia das frases proferidas no discurso, ela também está ligada a elementos fônicos e fonêmicos, podendo expressar variações de alguns aspectos da fala como duração, intensidade, pausa, altura, ritmo etc. Todos esses elementos prosódicos ajudam a compor os aspectos suprasegmentais da fala.

Segundo Barbosa (2012), a prosódia pode ser estudada através de suas funções tanto no plano linguístico quanto no expressivo. No que diz respeito ao plano expressivo, podemos destacar as funções prosódicas atitudinais (atitude, estilo de elocução e postura

interpessoal), indiciais (e.g., origem social e marcas de gêneros) e afetivas (e.g., emoções, sentimentos e afetos). É possível identificar essas funções em quase todos os enunciados, visto que são traços presentes e difíceis de serem omitidos no momento da enunciação. Já no plano linguístico, podem-se apontar as funções discursivas dialógicas de turno e não dialógicas, como em um monólogo, as funções demarcativas, que indicam limites de constituintes prosódicos, assim como as funções de marcação de proeminência, que indicam a saliência de um constituinte prosódico.

Nos estudos recentes, a prosódia é compreendida pelas teorias linguísticas como o conjunto de elementos fônicos suprasegmentais, ou seja, que se localiza acima da apresentação segmental linear dos fonemas. De acordo com Bollela (2006), Cagliari (1992) e Scarpa (1999), o estudo dos fenômenos ligados à prosódia compreende fatores ligados à sintaxe e à semântica, à fonética e à fonologia, à interseção entre língua e discurso, o que torna seu estudo mais amplo.

Segundo Crystal (1969), a prosódia poderia assumir duas funções dentro da fala, seriam elas as funções gramaticais e as semânticas. A prosódia, para o autor, nos possibilita determinar estruturas gramaticais que estão ligadas a padrões entoacionais (ascendente ou descendente). Sabemos que uma alteração entoacional realizada pode modificar o padrão entoacional de um enunciado, colocando-o em uma diferente estrutura, por exemplo, quando uma palavra tem a sua sílaba tônica deslocada por conta do alongamento de uma vogal ou da ênfase dada a uma determinada sílaba. É sabido que o sentido de um texto, escrito ou falado, é construído tanto por parte do autor quanto do ouvinte. Nesse contexto, de acordo com a percepção de ambos os padrões entoacionais na expressão do orador, é possível criar múltiplos sentidos dentro do que se pretende comunicar.

Nessa esteira, autores como Cagliari (1992), Bollella (2006) e Antunes (2007) expõem um paralelo entre aspectos gramaticais (linguísticos) e a função expressiva (expressões dos falantes) dos elementos prosódicos. Alguns teóricos, a exemplo de Moraes (1984) fazem uma categorização mais precisa, dividindo essa categoria em três planos: pragmático, sintático e semântico. É válido ressaltar que essas funções podem se entrelaçar, no sentido de ocorrerem ao mesmo tempo e não separadamente na fala do sujeito. Dessa forma, se estabelece uma ocorrência conjunta desses dois fatores que são colocados em oposição por alguns autores. Dentro desse entrelaçamento de funções expressivas e gramaticais, a persuasão, que pode ser considerada como parte da função comunicativa da prosódia dentro do gênero palestra motivacional, pode acontecer em forma de conselhos, sugestões, súplicas, ordens etc

2.1.1 Elementos prosódicos

A prosódia é um elemento da fala que tem como função estruturar o enunciado, delineando a melodia da fala através da sua própria articulação, cuja evidência se dá acusticamente em unidades prosódicas (BARBOSA, 2019). A prosódia organiza a fala em níveis diversos, da sílaba ao enunciado entoacional.

2.1.2 A sílaba

Na área da fonética e fonologia, a sílaba pode ser definida como a unidade básica da fala. Isso se deve ao fato das consoantes e vogais não serem realizadas de forma isolada, mas, sim, na sílaba. Ao pronunciarmos a sílaba [fa], nota-se que a consoante e a vogal constituem um todo, em uma única emissão de voz (BARBOSA, 2019). A fala é considerada um sistema dinâmico que funciona de acordo com determinados parâmetros resultantes de atividade articulatória. Ela é formada por uma sequência de sons, os quais possuem características singulares e delimitadas. Isso se deve aos movimentos articulatorios bastante complexos gerados pelo falante.

A sílaba é considerada o primeiro princípio articulatório que seria ativado, responsável por gerar enunciados complexos, os quais não poderiam existir sem a soma das unidades silábicas. Segundo Cagliari (1981), a decomposição da fala em unidades silábicas seria fruto de uma sensação cinestésica da atividade de músculos que auxiliam na respiração. Em relação ao ouvinte, a decomposição da fala em unidades silábicas seria orientada por uma sensação distinta da do falante, a sensação de empatia fonética. A explicação para esse fenômeno é a seguinte: o ouvinte capta da fala os elementos que são propagados acusticamente, evidências suficientes para a reestruturação e identificação do programa que foi usado para a produção daquilo que escuta, assim o ouvinte pode sentir naquilo que escuta a produção das sílabas do enunciado.

Podemos notar que a articulação das unidades silábicas é responsável pela configuração básica do ritmo da fala. Algumas sílabas podem se realizar de forma silenciosa, sendo importante para que o ritmo não se desconfigure no momento de hesitação ou pausa da fala. Segundo Freitas (1997), a sílaba representa um dos elementos prosódicos que possui um papel fundamental na construção do ritmo nos enunciados que usamos no momento da

comunicação. O ritmo da fala é identificado pelo falante de forma intuitiva, uma vez que essa noção é adquirida de forma muito precoce na aquisição da linguagem.

A sílaba seria consequência de um processo aerodinâmico de correntes de ar que são liberadas pelos pulmões, sendo responsável pela formação acústica dos sons da fala quando passam pelas cavidades nasais do aparelho fonador. Para Cagliari (1992), a sílaba possui três partes: duas periféricas e uma parte nuclear. Tanto o núcleo quanto as unidades periféricas pode mudar de duração de acordo com cada parte que compõe a sílaba. Os elementos que compõem a estrutura da sílaba são passíveis de serem analisados a partir de aspectos aerodinâmicos da fala. Assim, é possível afirmar que um som é uma vogal (V) quando a composição das cavidades supraglotais está aberta por toda a extensão do tubo fazendo com que a passagem de ar fique livre, não produzindo fricção local. Em contrapartida, podemos afirmar que um som é uma consoante (C) quando ocorre um bloqueio total ou parcial nas cavidades supraglotais, o que significa dizer que ocorre um estreitamento do canal, e, quando o som passa por ele, provoca uma fricção ou oclusão local.

2.1.3 Prosódia e discurso

A prosódia tem um papel fundamental no que diz respeito à estruturação do discurso na situação de interação comunicacional. Um dos conceitos que nos permite identificar com maior precisão a importância da prosódia em um diálogo, por exemplo, é a tomada de turno na fala. De acordo com Barbosa (2019), a tomada de turno pode ser de dois tipos: cooperativa e competitiva. No que concerne ao turno competitivo, o interlocutor que tenta assumir o turno do outro falante se utiliza de propriedades prosódicas para realizar tal ato. Muitas vezes, ele eleva a intensidade da fala, que se sobressai sobre a do outro. Com essa ação, ele espera que o outro ceda sua vez.

Outro aspecto importante da prosódia dentro da interação comunicacional citada pelo teórico são as formas prosódicas. A prosódia acaba por propiciar que o falante formule diversas ilocuções por meio de diferentes formas prosódicas. A forma prosódica é definida na literatura como um delineamento melódico, delineamento de duração ou de intensidade. Podemos citar como outra função importante da prosódia dentro do discurso que é a segmentação que acaba por delimitar "fronteiras" terminais e não terminais dentro da fala do sujeito.

Por fim, através da prosódia, é possível, dentro do discurso, organizar unidades temáticas através das pausas mais alongadas. Muitas vezes, ao encerrar uma fala ou

pensamento, se nota esse alongamento da pausa para a mudança temática. Esse fator pode sofrer alterações dependendo do estilo da fala: espontânea ou não espontânea.

A prosódia tem ganhado destaque nos estudos envolvendo análise acústica da fala, pois é um elemento bastante importante na formulação de enunciados e intenções na fala do sujeito. Ao falarmos de aspectos prosódicos no momento da interação entre falantes, estamos falando sobre as propriedades que são perceptíveis, ou seja, audíveis da prosódia. Esses aspectos podem ser captados e decodificados pelo nosso sistema de percepção. No entanto, nem sempre as cadeias fônicas emitidas por um falante no momento da comunicação são passíveis de serem captadas pelo sistema perceptivo.

2.1.4 Parâmetros prosódicos

De acordo com Cagliari (1992) e Bollela (2006), os elementos prosódicos podem ser distribuídos em três grupos diversos conforme suas características: elementos prosódicos de duração, elementos prosódicos de intensidade e de variação da altura melódica.

- a) Elementos prosódicos de duração: o acento, responsável pela marcação das ondulações rítmicas da fala; o ritmo, que se destaca na repetição dos acentos; a velocidade de fala; a pausa, silêncio na fala em meio a enunciados, possuindo a função de segmentação da fala; a duração, presente no alongamento de sílabas e fonemas; a concatenação, referente à junção de palavras; e a velocidade de fala.
- b) Elementos prosódicos de intensidade: volume.
- c) Elementos prosódicos de variação da altura melódica: a tessitura (alteração de grave e agudo na fala), a entoação (variação ascendente ou descendente na melodia da frase), o tom (a variação melódica dentro dos itens lexicais); o acento frasal e a qualidade de voz (murmurada; áspera; rouca; hipernasalisada etc.)

Estes elementos prosódicos podem, segundo Cagliari (1992), apresentar diferentes funções no discurso oral, tais como: fonológica (fonêmica), morfológica (lexicalização); sintática (categorias e funções), discursiva (coesiva), dialógica (turnos conversacionais); semântica (conotações, subentendidos), pragmática (atitudes do falante), identificação do falante ou da língua, reestruturação da produção da fala, fonética.

Ainda de acordo com Cagliari (1992), esses elementos prosódicos alternam-se de formas variadas dentro da fala do sujeito, dando origem a um determinado “desenho melódico”. O autor compara o resultado da alternância dos elementos prosódicos na fala a

cadeias montanhosas com vales e picos. Cagliari, segundo Bollela (2006), dá a este perfil da fala do sujeito o nome de ársis (picos) e tésis (vales) que seriam uma soma dos elementos prosódicos de isocronia. Essa figura apresentada pelo autor seria o resultado da modulação de elementos fônicos na fala, possuindo, assim, uma função prosódica independente das funções dos elementos prosódicos constitutivos.

Alguns autores, como Couper-Kuhlen (1986), são ainda mais específicos em suas caracterizações das funções que os elementos prosódicos podem assumir no discurso, sendo elas as seguintes:

- a) Função informacional: compreende a diferença entre as informações que foram dadas ao ouvinte no momento da comunicação e as que já estavam dadas, ou seja, comum aos dois dentro de um determinado contexto, baseado no conhecimento enciclopédico ou de mundo compartilhado por um grupo.
- b) Função gramatical: diz respeito à correlação entre estruturas gramaticais e entoacionais. Também pode ser classificada por alguns autores como função modal: expressando ideias de possibilidade, obrigação, dedução, desejo, proibição, vontade, capacidade etc.
- c) Função ilocucionária: está associada às intenções do orador, da forma como se transmite a informação. Ou seja, não está ligada meramente ao conteúdo semântico, mas ao como se diz.
- d) Função atitudinal: remete às emoções que são expressas através da fala, que são explicitadas mediante as informações linguísticas que formulam determinada expressão atitudinal
- e) Função discursiva: está relacionada a estruturas tonais que estão ligadas a elementos suprasegmentais, os quais vão além do enunciado, responsáveis por tecer elos coesivos no texto.
- f) Função indicação: diz respeito aos indicadores de identidade dentro do discurso do sujeito que transmite uma mensagem. Tais indicadores podem ser captados na fala do indivíduo: idade, origem, classe social etc.

Com base nos textos e autores que serviram de base para essa pesquisa, podemos afirmar que os elementos prosódicos têm um papel fundamental no discurso, dentre eles, revelar as intenções dos sujeitos no momento da comunicação. Mediante esses elementos,

podemos identificar no orador suas intenções, crenças, atitudes e ideologias. Dentro da análise acústica de elementos prosódicos como duração, qualidade da voz, velocidade da fala, volume, pausas etc., podemos notar como esses elementos se articulam com a finalidade de que o falante possa transmitir aquilo que deseja, mediante a manipulação desses recursos. Podemos observar alterações na velocidade da fala quando o orador deseja causar certo suspense sobre o que dirá em seguida, ou quando solta uma frase de efeito e observa a recepção do público àquela frase. Há uma constante manipulação dos elementos prosódicos dentro do discurso de um conferencista.

De acordo com trabalhos produzidos por Bolella (2006), seguindo a perspectiva de Cagliari (1992), os elementos fonéticos são agrupados em: elementos prosódicos de dinâmica da fala (pausa, ritmo, ársis/téssis, duração), elementos de qualidade da voz (qualidade da voz e volume) e elementos da melodia da fala (entoação, tessitura, tom). Já os elementos considerados linguísticos são classificados conforme as funções interpretativas e estruturais que desempenham.

Podemos definir as funções estruturais como elementos que seguem o sistema de uma língua, por exemplo, aquilo que chamamos de *stress* em uma língua, que são padrões de pausas e entoações. As funções interpretativas da língua, por sua vez, estão ligadas a elementos que regem regras sintáticas, fazendo com que aquilo que é falado seja organizado pelo orador de tal forma que sua mensagem chegue de maneira eficaz ao ouvinte. É válido salientar que os elementos suprasegmentais referentes à função sintática e semântica são selecionados no momento da comunicação por parte do falante dentro de um determinado contexto, assim, tentando alcançar seu propósito comunicativo. Nessa perspectiva, podemos ver que o uso desses elementos é feito de forma organizada, não aleatória.

2.2 Retórica e persuasão

Antes de abordarmos as características acústicas dos elementos prosódicos e da fala do orador dentro da descrição fonética, apresentamos as definições de retórica e persuasão dentro de uma perspectiva histórica, para que, assim, fique mais claro aquilo que será abordado posteriormente durante a análise dos dados quando relacionarmos os elementos prosódicos à persuasão.

A arte de saber expressar com perfeição ideias e pensamentos sempre foi algo bastante valorizado entre os gregos desde os primórdios da vida em sociedade. Expressar-se com eloquência e precisão era visto como uma arma de dominação entre os gregos antigos.

Com a vigência da democracia na Grécia, segundo Sousa (2000), houve um considerável crescimento no interesse pela oratória na sociedade grega. Isso aconteceu porque os cidadãos tiveram a permissão para se reunirem em assembleia geral, na qual eram discutidos e resolvidos todos os tipos de problemas referentes à vida na *polis*. A assembleia geral era um órgão legislativo, executivo e judicial, ou seja, era onde se exerciam os altos poderes da *polis*. Em algumas obras, mais especificamente tragédias e comédias gregas, podemos observar o poder da assembleia geral, que tem o poder de decidir pela guerra ou evitá-la. Nela, todos os cidadãos, contanto que fossem livres, poderiam ter direito a voto. Porém, um fator determinante para que um membro da assembleia geral se tornasse influente seria o seu poder e habilidade com a oratória, ou seja, quanto melhor se expressasse, mais influente se tornaria.

À guisa de exemplo de obras clássicas gregas que ilustrariam o papel central que a Assembleia dispõe na sociedade da época, podemos citar: em *Eumênides* (458 a.C.), última tragédia da *Oréstia* de Ésquilo, há um julgamento público do personagem histórico e mitológico de Orestes, simbolizando o embate entre o direito antigo, da vingança de sangue clamado pelas Eríneas (ou Eumênides depois de pacificadas) e o novo direito, o da cidade, simbolizado em Apolo e ratificado por Atena. Na comédia do período clássico grego, cujo Aristófanes é o principal autor, pululam exemplos de como a retórica e o discurso constituíam elemento caro e poderoso aos gregos. Praticamente em todas as suas peças, temos comentários sobre as instituições democráticas, sendo a assembleia uma delas, a qual representa o palco perfeito para a atuação de demagogos como Cleon, adversário político de Aristófanes. Em *Os Cavaleiros* (424 a.C.), Cleon realiza maus discursos, fazendo, através de estratégicas retóricas, que se pareçam com bons discursos. Em *As Nuvens* (423 a.C.), há um embate entre o que seria o bom e o mau discurso, ambos representados como personagens na peça; repleto de ironia sobre a questão do discurso em si, os dois têm uma batalha de sofismos, como se fossem dois oradores. Em *Assembleia de Mulheres* (392 a.C.), todo o enredo se dá dentro da assembleia, palco das decisões da *polis*.

Pelo novo contexto vivido na Grécia, tornava-se cada vez mais indispensável para aqueles que almejavam ascensão social e influência. De acordo com Citelli (2004), a oratória se tornou importante para os cidadãos livres, não só em relação a assuntos políticos, mas também em temas de várias outras profissões, principalmente, na arte de negociar produtos artesanais e agrícolas.

As habilidades ligadas à oratória era algo almejado por muitos, mas nem todos tinham essa capacidade de falar em público e de convencer pessoas e multidões. Aqueles que

apresentavam menos destreza com as palavras e com a oratória, pediam auxílio àqueles que possuíam tais habilidades e eram reconhecidos por esse feito. Dessa forma, com a valorização da retórica, observou-se na época o surgimento de uma nova profissão formada por especialistas na arte da oratória e da persuasão: o sofista.

Por volta do século V a.C, na Sicília, a oratória atingiu o *status* de técnica usada na argumentação. A técnica era usada principalmente entre advogados para defender os que não tinham desenvolvido habilidades da oratória, os quais tinham sido acusados de alguma prática condenável socialmente. Exatamente na Sicília, nasceu aquele que é considerado o pai da retórica, Górgias Leontinos, que difundiu suas técnicas em Atenas, em 427 a. C. No papel de embaixador da Sicília, Górgias fez com que as suas técnicas e habilidades tivessem uma grande repercussão em Atenas, uma vez que tinha seus discursos aclamados e considerados brilhantes pela alta classe ateniense. Não demorou muito até que ele conseguisse discípulos admirados pela sua capacidade de expressar suas ideias em público a ponto de conseguir a adesão do auditório com facilidade.

Dessa forma, Górgias se tornou o primeiro professor de retórica. Ele acreditava que a oratória era bem-sucedida quando o orador conseguia persuadir seu auditório por completo. Deixava claro que sua técnica não tinha como função trazer à tona uma verdade absoluta, mas, sim, convencer os ouvintes daquilo que ele desejava comunicar. Um dos preceitos apresentados por Górgias seria a capacidade do orador de se adaptar àqueles que o escutavam, mas, ao mesmo tempo, usar uma linguagem poética e rebuscada. Os ensinamentos deixados por Górgias foram estudados até mesmo por Aristóteles (SOUSA, 2000).

A arte da retórica, apesar de aclamada, também sofreu duras críticas entre os gregos, pois era acusada de ser usada para fins nefastos, objetivando apenas a persuasão, não tendo compromisso com a verdade e com a justiça. Para Górgias, os especialistas em retórica tinham como função dirigir as pessoas para seus interesses, se tornando pessoas melhores.

A retórica era criticada por alguns filósofos como Platão e Aristóteles porque, segundo eles, ela seria apenas uma ferramenta para se obter a persuasão. Não qualquer tipo de persuasão, mas especialmente aquele que era usado sem compromisso com a verdade. Platão não era a favor da retórica usada para livrar o injusto de sua pena. Em sua obra intitulada *Fedro* (2016), Platão fala sobre a possibilidade de fazer a retórica de uma outra forma, de modo que seja boa e compromissada com a justiça.

Para Aristóteles (1999), ao se analisar a retórica como disciplina que estava em alta na Grécia, seria preciso algumas intervenções para a sistematização da retórica como técnica. Ele atentou para o fato de que alguns oradores tinham sucesso em seus discursos; em

outros, não. Isso deveria ser revisto pelos especialistas em retórica. Explicar o sucesso e o insucesso por parte de oradores seria pertinente para tronar a arte da retórica mais eficaz.

Aristóteles defendia a arte da retórica e exaltava a sua importância porque saber se defender em sociedade por meio da retórica seria algo fundamental, fazendo com que a retórica se tornasse muito importante dentro da cultura grega. Defender-se em sociedade era tão importante quanto um soldado se defender na guerra com o seu corpo.

A persuasão, segundo Citelli (2004), é um recurso utilizado dentro da retórica para convencer o interlocutor de uma possível verdade. O ponto de vista do receptor seria conduzido por um emissor que, falando quase de maneira impessoal, constrói sob a forma da negação uma afirmação que objetiva persuadir alguém acerca da verdade de outra pessoa. O autor defende a existência de graus de persuasão, alguns mais ou menos visíveis, outros mais ou menos mascarados.

Dessa forma, a história da retórica e da persuasão se unem, e, segundo o autor, é possível afirmar que o “elemento persuasivo está colado ao discurso como a pele ao corpo” (CITELLI, 2004, p. 6). Assim, se faz necessário retomar a história da persuasão e da retórica entre os gregos antigos que pode revelar mecanismos de persuasão no discurso oral.

De acordo com Citelli (2004), no discurso clássico grego podem ser lidas algumas formulações que tiveram grande importância para o fundamento do estudo da linguagem, uma vez que, entre os gregos, a preocupação com o pleno domínio das habilidades da expressão verbal era um imperativo. Na vida na *polis*, os gregos tinham que executar com presteza as habilidades de argumentação, dessa forma, surgiu a tradição dos sofistas que discursavam em praça pública e tribunais tentando convencer multidões.

Na Grécia clássica, existiam escolas que se preocupavam em ensinar a arte da argumentação, criando disciplinas que visavam à boa estruturação do discurso oral e da gramática. A criação desse tipo de disciplina evidencia a preocupação dos gregos clássicos com o discurso. A disciplina responsável por fornecer informações para o bom falar e de forma convincente e harmônica era a *retórica*. Assim surgiam as primeiras formas de sistematização acerca da linguagem (CITELLI, 2004). Com o passar do tempo, a retórica foi vista de diferentes formas, chegando a ser encarada, até mesmo, de forma pejorativa, pois passou a ser ligada a recursos de embelezamento do discurso. No entanto, atualmente, os estudos sobre a retórica passaram a receber uma nova atenção, principalmente no que diz respeito a suas funções.

A obra *Retórica*, produzida por Aristóteles, é considerada um marco para os estudos da linguagem e do discurso. Citelli (2004) afirma que essa obra poderia, até mesmo,

ser considerada um guia das maneiras de produzir um texto de caráter persuasivo, uma vez que apresenta uma compilação de estudos acumulados a respeito da retórica. É válido salientar que Aristóteles não tinha a intenção de confundir retórica e persuasão, pois são coisas diferentes. A retórica não é a persuasão, mas mostra o percurso para alcançá-la. Seu compromisso não se restringe à persuasão, pois a retórica está ligada a diversas formas discursivas. A retórica, para Aristóteles, teria algo de científico, possuía um método que permitia verificar as etapas de produção da persuasão. A retórica na concepção de Aristóteles, segundo Citelli (2004), seria a faculdade que nos possibilita gerar a persuasão. Ou seja, ela possibilita descobrir aquilo que é necessário para persuadir. Dessa forma, cabe à retórica mostrar quais mecanismos são usados para obter o *status* de verdade.

Em sua obra *Arte da retórica*, Aristóteles apresenta algumas regras que devem ser aplicadas no discurso que tem como objetivo a persuasão. São fixadas quatro instâncias na estrutura do texto, a saber: o exórdio, a narração, as provas e a peroração. A primeira instância citada permite ao orador assegurar a fidelidade do público. Seria uma primeira aproximação com o auditório. A segunda instância, a narração, é o tema ou assunto sobre o qual os fatos são desenvolvidos. A terceira instância, provas, é o momento de o falante comprovar aquilo que se diz, com o intuito de sustentar sua argumentação. Por último, a peroração é a conclusão. Segundo Citelli (2004, p. 12), a peroração possui quatro partes: “a primeira consiste em dispô-lo [o receptor] mal para com o adversário; a segunda tem fim de amplificar ou atenuar o que se disse; a terceira, excitar as paixões no ouvinte; a quarta, proceder a uma recapitulação.”

2.2.1 Elementos da persuasão na retórica

Aristóteles (1999), em seu tratado sobre a retórica, intitulado *Arte retórica e arte poética*, se preocupou em criar meios e estratégias persuasivas para que o orador conseguisse persuadir o auditório sobre aquilo que é dito. Para o filósofo, os meios de persuasão usados pelo orador podem ser classificados de duas formas: meios técnicos e não-técnicos. A primeira classificação se refere àqueles que têm uma existência independente do orador (documentos, leis e tratados); enquanto a segunda se refere àqueles que são criados pelo próprio orador e que são inseridos em sua argumentação. Os meios de persuasão técnicos podem ser divididos em três grupos distintos, são eles: *ethos*, que diz respeito ao caráter do orador; *pathos*, referente à emoção gerada no auditório por meio do discurso, e o *logos*, que é nada mais do que a argumentação em si.

Segundo Aristóteles (1999), o caráter do orador é de extrema importância para que se atinjam resultados positivos no momento de persuadir a audiência, uma vez que uma pessoa tida como íntegra tende a conseguir mais facilmente a simpatia, confiança e adesão por parte daqueles que o escutam. A confiança gerada pelo *ethos* do orador acaba gerando, supostamente, uma disposição por parte do auditório a ser persuadido. Portanto, o *ethos* pode ser considerado como a impressão, boa ou ruim, que o orador transmite para o seu público, não sendo necessariamente uma imagem real daquilo que o orador realmente é, através da forma como organiza seu discurso e a opinião prévia que o auditório tem sobre ele, ou seja, se é considerado uma autoridade no assunto.

Outro fator importante a ser considerado no momento de proferir seu discurso e conseguir persuadir o auditório é o *pathos*, ou seja, o tipo de emoção que o orador consegue fazer surgir no ouvinte. De acordo com a emoção gerada no auditório (alegria, tristeza, compaixão etc), os indivíduos irão ficar mais ou menos propensos a aderir à tese do orador.

Em relação ao *logos*, que poderia ser designado como o discurso argumentativo, este é considerado a parte principal da oratória, uma vez que é nela onde o orador aplica as regras e técnicas essenciais da retórica. Podemos citar como uma das principais técnicas argumentativas da retórica aristotélica o entimema, uma espécie de dedução dentro da oratória, possuindo estrutura semelhante a do silogismo, no qual o orador alude a um caso específico, tentando persuadir o auditório de que aquilo é algo comum, uma regra geral. O entimema tem como ponto de partida premissas verossímeis, as quais podem ser verificadas em muitos casos e são aceitas pela maioria das pessoas e auditórios.

Segundo Sousa (2000), podemos citar pelo menos três tipos de oratórias criadas por Aristóteles, são elas: deliberativa, forense e de exibição. A primeira tem como objetivo a persuasão dentro da política, mais precisamente em assembleias, por isso considerava mais importante e o foco das escolas onde se lecionava retórica. O orador adota a visão política que considera mais pertinente no momento de sua fala. A oratória forense, por sua vez, é mais presente nos tribunais, onde o orador tinha como função persuadir o júri a favor de um réu, tentando provar sua inocência. Por último, temos a oratória de exibição, cuja finalidade é somente a exibição das habilidades retóricas do orador, mesmo que o foco do elogio seja alguém de prestígio. Esse tipo de oratória, geralmente, ocorria em praça pública, em prestação de homenagem a alguém importante dentro da *polis*.

Recapitulando, cada um dos gêneros da retórica possui diferentes finalidades. A deliberativa tem como objetivo tirar proveito de algo; a oratória forense, o cumprimento da

justiça; a oratória de exibição, por sua vez, serve para enaltecer as habilidades oratórias do orador, mesmo quando está falando sobre a figura de alguém de prestígio.

Aristóteles (1999) sugere que o orador deve utilizar os entimemas com frequência em seu discurso, pois esse é a sua principal ferramenta para obter a persuasão. O entimema, como foi anteriormente citado, se constitui de uma dedução. Nele, as premissas de onde os oradores partem não têm o compromisso de serem verdadeiras, mas, sim, verossímeis. Na concepção aristotélica, os recursos retóricos devem apresentar uma variedade de premissas verdadeiras sobre um determinado tema, na maioria das vezes, premissas que sejam aceitáveis para um determinado grupo ou audiência sobre um determinado tema. Os entimemas são elaborados com base nas premissas de um tema específico para que haja a persuasão.

As temáticas abordadas na oratória deliberativa, com maior frequência, convergiam para temas políticos, impostos, defesa, guerra e paz, legislação e comércio exterior. Para Aristóteles, esses eram os temas para os quais a oratória teria mais serventia. As premissas de onde os oradores partiam eram a felicidade (a nobreza, a riqueza, a boa fama, as honras, a saúde, a beleza, o vigor e a força, o ter muitos e bons amigos, a boa sorte e a excelência ou virtude), uma vez que seria um elemento que ajudaria a ganhar a simpatia e a confiança dos membros da assembleia. Assim, isso passou a ser uma das estratégias da retórica (SOUSA, 2000).

Os temas tidos como importantes na oratória forense eram a justiça, ou seja, comprovar se alguém cometeu ou não algum tipo de injustiça. Segundo Aristóteles, a injustiça poderia ser definida como o ato de causar um ato voluntário contrário à lei. Para que haja efetivamente injustiça, Aristóteles (1999) pontua três elementos: causar um dano, intenção de causar dano e violação da lei. As estratégias de persuasão ligadas à oratória forense seriam: as leis, os contratos, os testemunhos, os juramentos e declarações sob tortura.

A oratória de exibição, por sua vez, tem como objetivo enaltecer o orador e evidenciar suas habilidades oratórias. Como estratégia, o orador se informa do lugar e sobre o auditório para que seu discurso seja mais impactante e tenha o efeito necessário. Apesar de prestar homenagem a alguém de prestígio na *polis*, são as habilidades de oratória do orador o que deve se sobressair.

Segundo Sousa (2000), podemos citar como principais recursos, os quais podem ser utilizados pelo orador no momento da persuasão, a indução e a dedução. A indução pode ser definida como uma linha de raciocínio que parte do particular para o geral, ou seja, da parte para o todo. A dedução, por sua vez, diz respeito à análise lógica usada na construção de argumentos, em que são utilizadas premissas ou argumentos para a obtenção da conclusão. A

conclusão obtida na dedução explícita um conhecimento que já está contido inicialmente na premissa.

Na tradição da retórica de Aristóteles, como já mencionamos anteriormente, o caráter do orador, ou *ethos*, seria a forma como se apresenta e a imagem que o orador passa para sua plateia. Desse modo, a persuasão pode se firmar mediante o caráter do orador. Nessa perspectiva, para ser um bom orador, é preciso que o orador seja capaz de saber argumentar e ser perspicaz na percepção de sua fala e do auditório no momento da comunicação. Podemos observar que a persuasão não se dá apenas por meio das habilidades oratórias do orador, mas também do seu conhecimento e das premissas por ele utilizadas para que haja uma argumentação eficaz.

É válido ressaltar que o *ethos*, como foi dito anteriormente, não corresponde necessariamente à imagem real do orador, mas corresponde, sim, à imagem que ele construiu na interação com o auditório. Essa construção da imagem perante o auditório pode ser considerada de grande valia para a obtenção da persuasão.

Segundo Sousa (2000), para que o orador consiga obter a confiança do auditório é preciso que ele tenha alguns aspectos reconhecidos por parte do público, como: benevolência, racionalidade e excelência. O orador dotado de racionalidade se torna capaz de encontrar as melhores soluções para articular seu discurso da melhor forma possível. O orador deve estar atento tanto a sua imagem como a imagem do auditório, ou seja, deve se adaptar à ideia de que ele tem do próprio público.

Como discutimos anteriormente, neste trabalho, além de lidar com a projeção de imagens durante o seu discurso, o orador também deve estar atento às emoções que é capaz de causar no auditório. O conhecimento prévio que ele tem do auditório, portanto, pode fazer com ele seja capaz de controlar com maior eficácia as emoções do público. O despertar das emoções no auditório é considerado uns dos recursos mais potentes na construção da persuasão. Dependendo da emoção despertada na audiência, é possível que os ouvintes fiquem mais dispostos a aderirem a uma causa ou não.

De acordo com Aristóteles (1991), a maneira que o orador organiza seu discurso é fundamental para obter o resultado esperado, isso está ligado à ordem e ao estilo do orador. Assim, elementos como a intensidade da voz, o tom e o ritmo (elementos que fazem parte dos estudos prosódicos), usados por aquele que discursa, são ferramentas necessárias no momento da comunicação. Esses elementos dão suporte à atuação do orador, sendo que esse tipo de técnica de imitação da voz, era usada também no teatro para passar mais verdade na voz dos atores.

O discurso retórico tem estilo literário, uma vez que tem o objetivo, em parte, de brilhar, surpreender e entreter. Tais características contribuem de forma eficaz para que o orador seja capaz de persuadir o auditório. Aristóteles (1999) chama atenção para a relevância da naturalidade do discurso. Para ele, o auditório não pode se dar conta da superficialidade de um discurso, pois este deve parecer natural e convincente. É exatamente a verdade transmitida no discurso do orador que interferirá no processo de persuasão do auditório.

Dessa forma, se faz necessário que o orador tenha cuidado no momento de ordenar o seu discurso, uma vez que é preciso saber bem o que queremos dizer, mas também é de fundamental importância cuidar da forma como falamos algo. A qualidade e a validade do discurso dependem dessa articulação entre a ordem e o estilo do discurso.

Um dos recursos literários, segundo Sousa (2000), considerados mais importantes por Aristóteles dentro da retórica é a metáfora. Ele salienta que é necessário que a metáfora seja adequada à situação, no sentido de não ser nebulosa demais, ou seja, de difícil interpretação, nem simples demais, ao ponto de tornar o discurso simplista. É importante que o discurso proferido pelo orador mantenha um determinado ritmo e tom. Aristóteles confere uma importância maior ao ritmo por ele tornar o discurso mais agradável de se ouvir e, conseqüentemente, mais fácil de se compreender. Aristóteles, em sua obra, elege como partes mais importantes, a exposição do tema e argumentação do orador.

2.3 Correlatos perceptíveis da prosódia

É a partir da percepção da fala que o falante percebe e manipula os parâmetros prosódicos (frequência fundamental, duração, intensidade e qualidade da voz) e articula os sons da fala para gerar efeitos perceptíveis no ouvinte. Cada um desses parâmetros possui um papel único para a percepção. Podemos elencar como os correlatos perceptivos da prosódia: *pitch*, intensidade, duração e volume percebidos pelo falante. Vale salientar que a qualidade da voz também pode ser considerada um parâmetro prosódico perceptível (BARBOSA, 2016).

De acordo com o que foi exposto nesse trabalho nas sessões anteriores, podemos ver que a prosódia é o elemento principal nesta pesquisa. Um elemento que se mostra cada vez mais importante nos estudos linguísticos, devido a sua importância na compreensão do discurso e das intenções do sujeito. Ressaltamos que, na presente pesquisa, pretendemos realizar uma análise acústica dos elementos prosódicos da variação da duração; especificamente, *pitch* (altura), duração, velocidade e pausa, verificando como esses elementos colaboram para a constituição do gênero discursivo palestra motivacional. Esses parâmetros são considerados de grande

importância para a compreensão da análise acústica da fala e, por isso, nos restringimos a eles, uma vez que se mostram satisfatórios para os nossos fins.

2.3.1 O ritmo da fala

No âmbito da linguística, é fato comum considerar a linguagem humana como possuidora de um ritmo, termo que pode ser entendido, *grosso modo*, como uma manutenção de padrões dentro de um intervalo de tempo. Esses padrões variariam dentro das diversas línguas naturais em termos de sílabas acentuadas *versus* sílabas não acentuadas; vogais longas e breves; variações de Pitch (alto x baixo) (CRYSTAL 1969).

Como já mencionado, a noção de ritmo não se constitui de um conceito trivial nos estudos linguísticos, e, ainda que a palavra esteja presente quase que naturalmente na fala de utentes da língua quando se referem ao ritmo da fala (ou da escrita), muitos autores defendem uma impossibilidade de defini-lo. É o caso de Barbosa (2013, p. 48), quando assevera ser impossível dar uma definição de ritmo que abarque todas as esferas de percepção dos falantes, deslocando o cerne da questão de “o que é ritmo?” para “o que produz/faz ser ritmo?”.

Barbosa define essa experiência rítmica como sendo:

a conjugação de mecanismos de produção e de percepção, tanto na face escrita quanto falada da linguagem, que possibilita apreender operações de estruturação, periodicidade e movimento respectivamente da ordem do visual e do auditivo [...] O rítmico deve então ser buscado, antes de tudo, em mecanismos da visão e da audição que se constituíram filogeneticamente, e se voltam, a cada nova experiência rítmica, para a apreensão da estruturação, da periodicidade e do movimento constitutivos dessa experiência. (BARBOSA, 2013, p.48)

Há dois padrões clássicos de divisão de línguas no tocante ao ritmo silábico: línguas acentuais e silábicas. No primeiro, há intervalos entre as sílabas com duração relativamente igual; no segundo, o elemento que apresenta essa regularidade em intervalos de tempo é o acento (citem-se como exemplo o inglês, árabe e russo). Para o primeiro grupo, a autora cita exemplos do francês, espanhol e italiano.

Em outro estudo, Abaurre-Gnerre (1981: 29 apud MASSINI-CAGLIARI, 2010, p, 318) sugere que é o estilo de fala que vai influenciar no padrão rítmico. Um estilo de fala mais lento estaria marcado por um ritmo silábico, ao passo que o ritmo acentual marca o estilo de fala mais rápido. Vejamos o que assevera a autora:

as velocidades mais lentas favorecem, em geral, a manutenção dos segmentos. Conseqüentemente, com a manutenção e saliência prosódica atribuída às vogais em

núcleo silábico, criam-se condições ideais para um ritmo que tende a ser silábico; 2) certas vogais átonas são freqüentemente reduzidas ou suprimidas nas velocidades mais rápidas, o que causa a aglomeração de segmentos consonantais em torno dos núcleos acentuados, configurando-se, desta forma, o contexto ideal para a implementação do padrão rítmico acentual (com tendência à manutenção de intervalos de tempo constantes entre sílabas acentuadas) (ABAURRE-GNERRE, 1981, p. 29)

Quanto ao Português Brasileiro, as autoras fazem a ressalva de que não há trabalhos que demonstrem existir evidências desses intervalos de regularidade (os chamados intervalos isocrônicos) dentro do nível acústico, seja para uma classificação de tipo silábico ou acentual, deixando claro que “ainda não há um consenso quanto à tipologia rítmica do PB” (MIGLIORINI; MASSINI-CAGLIARI, 2001 p. 316).

Em um dos primeiros estudos acerca do ritmo em PB, Cagliari (1981) havia classificado o português falado no Brasil como uma língua de ritmo acentual; mais tarde, realizando outro estudo, percebe que alguns falantes apresentam o ritmo acentual ao passo que outros apresentam o ritmo silábico, constatando ainda a interessante observação de que todos os falantes apresentavam flutuações rítmicas entre os dois padrões.

Levando-se em conta o trabalho de Dauer (1987), isso não seria um problema, pois algumas línguas poderiam ocupar uma posição intermediária dentro dos dois padrões clássicos de classificação rítmica. O caráter misto do PB também é defendido por Barbosa (2000), embora alguns autores afirmem não haver uma língua de ritmo misto. A classificação mista seria mais um equívoco devido a uma má compreensão do ritmo silábico. Mesmo assim, estudos de natureza fonológica tendem a classificar o PB como sendo uma língua de ritmo misto (MIGLIORINI; MASSINI-CAGLIARI, 2001, p.321), o que os autores negam, defendendo ser o PB uma língua de ritmo acentual. O erro de classificação como de ritmo misto atribuído ao PB é explicado devido a um erro de análise fonológica aplicada sem se levar em conta a distinção que existe dos processos em nível lexical e pós-lexical.

Dentro do âmbito da Fonologia Lexical, as autoras defendem a ideia de os processos que são aplicados em nível pós-lexical é que seriam mais determinantes na classificação do ritmo de uma dada língua, haja vista que é nesse nível que o ritmo atua propriamente. Levando-se em conta essa importância de se considerar em que nível ocorre um dado processo fonológico, processos como o de epêntese, que ocorrem em nível lexical, e que contribuem para uma classificação do PB como sendo de ritmo silábico, não parecem ter sustentação argumentativa forte. O mesmo vale para os demais tipos de processos de reforço, ou seja, aqueles cuja função é preservar a estrutura fonotática de uma dada língua, em PB, da estrutura silábica CV. Processos de nível pós-lexical, como redução vocálica, sândi e

alongamento da tônica, por seu turno, favorecem a classificação do PB como sendo de ritmo acentual. O segundo grupo tem mais peso do que o primeiro, pois “o ritmo atua obviamente no nível pós-lexical, por operar pós-sintaticamente, tomando a combinação das palavras em enunciados, a observação dos processos desse nível pode trazer, com mais segurança, pistas para a classificação do ritmo de uma língua.” (MIGLIORINI; MASSINI&CAGLIARI, 2010, p. 324)

2.3.2 Pitch

O parâmetro prosódico *pitch* pode ser definido como um som que é percebido como grave ou agudo pelo sujeito através do sistema perceptivo, de uma unidade linguística ou em trechos de enunciados. Segundo Cagliari (1999), a sensação de *pitch* em relação a sons mais agudos aumenta de acordo com a intensidade, ou seja, quanto maior a intensidade, maior será a sensação de agudo. Em contrapartida, os tons graves diminuem conforme a intensidade decresce. Via de regra, diferenças entre frequências não podem ser percebidas pelo ser humano. Ou seja, frequências diferentes tendem a ser percebidas de uma mesma forma pelo sistema perceptivo do sujeito envolvido na interação comunicacional. Em estudos envolvendo a análise de *pitch*, é preciso mostrar que duas medidas prosódicas são diferentes e diferenciáveis ao mesmo tempo, ou seja, causam sensações diferentes.

2.3.3 A duração

Na literatura, a duração é compreendida como a sensação que possibilita, através do aparelho perceptivo, avaliar o quão longa ou curta uma unidade é em comparação com outra. Como já foi dito no tópico anterior, em que nos reportamos ao *pitch*, o ser humano tem dificuldade em diferenciar valores de duração, ou seja, não consegue fazer diferenciação de uma unidade para a outra. De acordo com Barbosa (2019), o ser humano é mais sensível para diferenciar a duração de duas sílabas átonas do que entre duas sílabas tônicas. Ele afirma que, caso a comparação aconteça entre sílabas tônicas e sílaba átona, a percepção de uma duração maior da sílaba tônica é acusticamente marcada em sua tonicidade.

A duração, como o próprio nome sugere, é o tempo de duração de uma frase ou partes de um discurso que são passíveis de serem analisadas acusticamente com o auxílio de softwares como o PRAAT, utilizado nesta pesquisa. Trabalhos como o de Bollela (2006) e o de Antunes (2007) abordam a importância desse elemento para a análise acústica e perceptiva

da fala e das intenções do sujeito. Um fato importante da duração na análise acústica e perceptiva da fala é que ela pode ser quantificada e, assim, mostrada sua precisão e importância de forma empírica.

Dentro do aspecto da duração, podemos destacar a velocidade da fala, que pode ser relacionado à quantidade de fala, sejam elas referentes à quantidade de sílabas ou palavras proferidas em minutos, segundos ou milissegundos. A velocidade da fala está ligada à forma como o sujeito articula a sua fala. Esses aspectos se mostram de grande importância para os estudos envolvendo análise acústica da fala. O principal fator que pode ser levado em conta no momento da análise da velocidade da fala é a aceleração e a diminuição da velocidade da fala, que podem indicar, por exemplo, que determinado trecho merece maior atenção por parte dos ouvintes, uma vez que pode ocorrer alongamento das sílabas e das palavras e, conseqüentemente, a ênfase delas.

Uma fala muito acelerada pode indicar a não relevância daquilo que está sendo dito na compreensão do todo, do que o orador pretende ressaltar em sua fala para que a mensagem seja impactante (CAGLIARI, 1991). Quando a fala desacelera, pois uma fala tinha um ritmo acelerado, podemos perceber a sinalização para a ênfase de uma ideia dentro do discurso do palestrante, discurso alvo desta pesquisa, ou simplesmente uma mudança de turno da fala dentro de um diálogo.

Segundo Antunes (2007) e Moura (2016), ao analisarmos os aspectos duração e velocidade da fala, se constata que a sílaba pode sofrer alterações semânticas no momento em que tem a sua duração alongada dentro de uma fala. Quando uma sílaba é alongada, tanto a ênfase e a atenção do falante caem sobre essa palavra que pode ganhar um sentido negativo ou positivo, dependendo da intenção do sujeito, ao articular sua fala dentro do contexto comunicacional. Um fator importante que pode ser observado durante a análise acústica é que o alongamento da sílaba, geralmente, acontece na sílaba tônica, ou a sílaba alongada pode se tornar a sílaba tônica ocorrendo uma reestruturação da palavra e da fala. Isso faz com que a fala do orador possa ganhar inúmeros significados dependendo das estratégias e das intenções adotadas pelo falante.

Outro fator que se mostrou de grande importância na análise acústica da fala foi o elemento prosódico *pausa* que pode assumir diversos significados na fala do sujeito. As pausas, segundo Cagliari (1992) e Bollela (2006), podem ser consideradas dentro da fala como algo corriqueiro, o que, para muitos, não teria um significado relevante; no entanto, a pausa tem um papel importante na organização da fala.

A pausa pode ter diversos significados dentro da fala, por exemplo, momento de deliberação, hesitação e organização daquilo que vai ser dito em seguida, sempre visando a efetiva comunicação de ideias por parte do sujeito. É válido ressaltar que a pausa pode ter apenas a função de uma simples necessidade de respiração durante uma fala, porém, não se deve deixar de observar as outras funções que estão relacionadas à elaboração de significados dentro da situação comunicacional.

2.3.4 Volume

Podemos definir o volume como a sensação que pode ser observada em uma escala forte/fraco. É tido como a variação de intensidade acústica que faz com que um som seja mais ou mais forte e perceptível. Segundo Barbosa (2016), essa escala seria determinada pela potência de um determinado som. No entanto, ela não irá variar de acordo com a intensidade do som. De acordo com pesquisas realizadas na área de acústica, quando a potência de um som aumenta, são necessários valores maiores para sentir o mesmo valor de aumento do volume.

A sensação de percepção do volume é limitada devido a questões que envolvem o funcionamento do nosso aparelho auditivo. A percepção do volume (potente ou fraco) sofrerá variação de acordo com a frequência do som, fato que pode ser observado em testes realizados em pesquisas. Podemos perceber que há uma relação de dependência entre a potência do som e a frequência, por causa da maneira como o nosso aparelho auditivo funciona. Para um determinado valor de intensidade, o volume tende a aumentar com alta da frequência.

2.3.5 Intensidade

Quando falamos de intensidade, pelo menos do ponto de vista perceptível, nos referimos ao elemento que nos possibilita perceber as nuances da dinâmica dos sons como a percepção e diferenciação por meio de acentos das palavras, uma vez que notamos as variações do volume que são frequentemente observadas nas sílabas tônicas, ou seja, a sílaba que recebe mais ênfase no volume que é controlado por fatores anatômicos e fisiológicas do organismo do falante. Como bem apontou Cagliari (1992), as sílabas acentuadas possuem intensidades mais potentes. É possível distinguir isso por conta do volume que é captado pelo aparelho auditivo que diferencia sons pela sua potência.

Mediante o parâmetro prosódico de intensidade, o sujeito pode criar estratégias para ressaltar aquilo que deseja destacar na sua fala e dar significados diferentes dentro de um contexto que vai desde a ironia até uma ordem. Ou seja, a variação de volume dentro da fala interage com os outros elementos suprasegmentais da fala conferindo um estilo à fala do sujeito.

Uma das vantagens de trabalhar com a análise do volume da voz é a possibilidade de mensuração desse elemento suprasegmental medido geralmente em decibéis (dB), assim como sua análise perceptiva. Para o tratamento dos dados envolvendo o volume, é necessário controlar algumas variáveis como a distância da boca do falante em relação ao microfone e o movimento da cabeça do falante, o que pode interferir na fonação do sujeito, por exemplo, dentro de uma situação de laboratório. Já em situações consideradas de fala espontânea, esse controle se torna mais difícil e desafiador. No caso desta pesquisa, o material foi coletado de uma gravação, o que pode gerar maior dificuldade de controle na análise.

Através do desse parâmetro prosódico, podemos observar alguns recursos usados pelo falante, do ponto de vista fonético, se valendo das possibilidades oferecidas pelo volume. Um dos fenômenos possibilitados pelo volume é o deslocamento da sílaba tônica em uma palavra, que recebe ênfase na frase.

3 O GÊNERO PALESTRA MOTIVACIONAL

Segundo Rojo (2005), o estudo do gênero textual pode ser dividido entre duas grandes correntes que seriam: Teoria dos gêneros do discurso, que se apoia em aspectos sócio-históricos, levando em conta o contexto de produção dos discursos; e a Teoria dos gêneros de texto, que está direcionada para descrição da materialidade do texto. Embora sejam vertentes diferentes, ambas reconhecem a importância do social para a compreensão dos gêneros. Essas duas tendências podem ser consideradas como diferentes interpretações do legado de Mikhail Bakhtin (1895-1975) a respeito do estudo de gêneros textuais.

A discussão sobre os gêneros textuais na esfera social tem acontecido, segundo Bakhtin (2003) desde a Grécia antiga, onde se estudavam os gêneros retóricos, mesmo que de forma diferente da que é discutida atualmente, pois a noção de gênero já foi modificada e ampliada para diversos tipos de produções textuais, sejam elas escritas ou orais. O teórico, então, ao iniciar seus estudos sobre gêneros textuais destaca que todas as atividades humanas estão relacionadas à utilização da língua e que, portanto, há uma diversidade nesse uso, implicando uma conseqüente variedade de gêneros incalculáveis. (BAKHTIN, 2003).

Na concepção bakhtiniana, a utilização da linguagem acontece no momento da interação, nas relações sociais, entre os indivíduos de um determinado grupo social. O uso da linguagem se faz mediante enunciados, sejam eles orais ou escritos, dentro de determinados campos da atividade humana. Esses enunciados estão ligados às intenções do sujeito na interação que se reflete no seu conteúdo e estilo. No momento da interação social, os sujeitos fazem uso de gêneros que estão relacionados a determinados contextos de enunciação. Dessa forma, o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, mas também por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2003. p. 261)

Em outras palavras, a existência de diversos campos de comunicação humana torna indispensável a diversificação do uso da linguagem para a obtenção de determinado objetivo por parte do sujeito. Devido à pluralidade de contextos comunicacionais, se faz necessária a existência de diversos gêneros do discurso. Sempre que interagimos em um dado campo da atividade humana, fazemos uso de gêneros textuais (discursivos), sendo o contexto determinante para a seleção das características do gênero usado no momento da enunciação.

Assim, para Bakhtin (2003) é dessa forma que surgem os tipos relativamente estáveis de enunciados, isto é, uma das principais características dos gêneros é o fato de serem enunciados que apresentam relativa estabilidade, pois se tomarmos o gênero convite como exemplo veremos que, entre um de aniversário e um de casamento, existem algumas variações, que não os tornam gêneros diferentes. Por isso se diz que os gêneros textuais têm uma forma mais ou menos fixa.

Marcuschi (2002) observa que, por um lado, os gêneros discursivos não são criados, a cada vez, pelos falantes, porém são transmitidos social e historicamente, mas que, por outro lado, os falantes contribuem, de maneira dinâmica, tanto para a preservação dos gêneros como também para sua permanente transformação e renovação, a exemplo da carta que “se evoluiu” para o e-mail em face do avanço da informática, das tecnologias de informação e comunicação. Essa dinâmica atende ao critério de criatividade nos usos dos gêneros e também está ligada a outra característica dos gêneros textuais: a transmutabilidade, que pode ser entendida como a capacidade de novas formas serem geradas a partir de formas já existentes.

Portanto, pela perspectiva bakhtiniana, os gêneros textuais e o enunciado mantêm uma relação bastante excêntrica, à medida que o enunciado é não repetível e individual, enquanto o gênero é relativamente estável, histórico e não individual, o que reforça a ideia defendida pelo autor de que há uma relação muito estreita entre os vários processos de formação dos gêneros e as ações humanas, tanto as individuais quanto as coletivas.

No Brasil, as teorias de gêneros receberam maior enfoque a partir da década de 1990, por parte de pesquisadores envolvidos com a Linguística Aplicada, área acadêmica que discute a utilização da linguagem, seja ela oral ou escrita, em vários e diversos contextos de acordo com o propósito comunicativo a ser alcançado na interação social (MATOS, 2007). Esse interesse pelo estudo dos gêneros textuais foi reforçado por conta da aplicação dos gêneros textuais na produção textual nas salas de aula, mais especificamente no que concerne ao ensino de línguas.

Com o crescimento das pesquisas sobre gêneros textuais no Brasil, novos gêneros vêm sendo classificados, visto que, à medida que novas demandas sociais surgem, novas formas de organização textual também emergem. A existência de variados campos de comunicação humana torna indispensável a diversificação do uso da linguagem para a obtenção de determinado objetivo por parte do sujeito. Tendo em vista a existência de diversos contextos comunicacionais, se faz necessária a existência de diversos gêneros do discurso.

Mesmo com a presença de uma enorme variedade de gêneros do discurso, alguns não recebem atenção ou não são classificados como tal. Acreditamos ser esse o caso da palestra motivacional que, apesar de existir há muito tempo, não foi abordada ou quase nunca discutida como gênero discursivo. Devido a sua capacidade de influenciar e a seu caráter persuasivo, as palestras motivacionais são bastante requisitadas em diversos âmbitos da experiência humana, tais como: escolas, sindicatos, empresas privadas, universidades etc. Isso posto, similarmente aos demais gêneros já correntemente classificados, a palestra motivacional também tem espaço e importância na comunicação em sociedade.

Ainda em se tratando do cenário brasileiro, destacamos a concepção de gênero defendida por Marcuschi (2002) para quem o gênero é o resultado do trabalho coletivo, o que contribui para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas diárias. Para o referido autor, os gêneros são condicionados por diversos fatores, entre eles semióticos, no caso das convenções léxicas; sistêmicos, em se tratando das regras gramaticais; comunicativos, no que concerne aos sistemas sócio-interativos; e cognitivos, que dizem respeito aos processamentos informacionais.

Esses fatores, porém, não impedem que o gênero possa variar quanto a seu uso, conforme os contextos discursivos. Além disso, esses fatores não são apenas responsáveis pelo condicionamento dos gêneros, pois eles podem, inclusive, não só conduzir à formação do gênero ou produzir outro gênero, como eles também podem motivar alterações da funcionalidade de um gênero, subvertendo-o, como é o caso do fenômeno da intergenericidade, termo cunhado pelo próprio Marcuschi (2008).

Na esteira de Amossy (2011), a palestra motivacional entraria num rol mais amplo de gêneros que, como característica comum, almeja persuadir o alocutário, influenciando-o de alguma maneira. Aqui subjaz a ideia de que “toda troca verbal repousa sobre um jogo de influências mútuas e sobre a tentativa [...] de usar a fala para agir sobre o outro” (p. 2).

Ao discutir sobre o percurso na argumentação, a autora traz à baila as ideias de Oléron, segundo o qual, a argumentação pode ser entendida como “a maneira pela qual uma pessoa – ou um grupo – esforça-se para levar um auditório a adotar uma posição por meio de apresentações ou asserções – argumentos – que visam a demonstrar sua validade ou pertinência” (OLÉRON, 1987 apud AMOSSY, 2011, p. 3).

O que a autora defende é uma concepção mais ampla do conceito de argumentação, pois, para ela, a argumentação no discurso almeja não unicamente fazer aderir a uma tese, mas sim a um modo de pensar. A autora assevera que essa ampliação do leque de possibilidade da argumentação para o aderir a um modo de pensar, sentir ou ver permite dar

conta de uma gama maior de gêneros, tanto os da esfera privada, como os da pública. Neste último grupo, se encontram as palestras motivacionais.

A autora ainda faz a seguinte ressalva acerca do discurso argumentativo: ainda que a argumentação seja o emprego de um raciocínio lógico, este não se basta *per se*; mas, sim, representa muito mais uma troca entre os parceiros comunicativos – seja em um ambiente real ou virtual – que pretendem influenciar um ao outro (AMOSSY, 2011, p. 7). Nesse ponto, podemos fazer um paralelo entre o pensamento da autora e o gênero palestra motivacional, na medida em que este tanto se realiza de modo atualizado, quando o palestrante interage e parece tanto esperar quanto reagir ao *feedback* da plateia (as duas palestras de autores diferentes que analisaremos são realizadas com presença de público), quanto virtualmente, pois as palestras encontram-se em ambiente virtual de ampla divulgação e fácil acesso, e, também, com o público virtual, há interação por meio das perguntas retóricas e de outras estratégias.

Além disso, se percebe que nossos locutores se adaptam ao seu público ou, como diz Amossy (2011, p.7), à imagem do público por ele projetada. A escolha de uma variedade padrão de língua portuguesa, além de outros marcadores como conhecimento da história prévia de seu público, são indícios de que ambos os palestrantes têm um perfil de público que mais provavelmente consumirá aquele produto quando colocado em plataformas de *streaming*, daí o não uso de gírias ou de marcas dialetais, pois essas características poderiam limitar o alcance do público que eles querem atingir: membros de classe média, profissionais liberais, nível superior etc.

Segundo Amossy (2011, p.7), é preciso estudar um gênero argumentativo num quadro comunicacional e sócio-histórico:

é preciso estudar de perto a maneira como a argumentação se inscreve, não somente na materialidade discursiva (escolha dos termos, deslizamentos semânticos, conectores, valor do implícito etc.), mas também no interdiscurso. O modo como o texto assimila a fala do outro pelas numerosas vias do discurso relatado, do discurso direto, ou da citação ao indireto livre, é primordial. (AMOSSY, 2011, p.7)

Levando em conta os apontamentos feitos por Amossy (2011) e, principalmente, a obra de Bakhtin (2003) que lançou diretrizes para a caracterização de um gênero discursivo, faremos a seguir uma tentativa de caracterização do gênero palestra motivacional de acordo com alguns critérios aqui elencados: (1) a estrutura específica dos textos que pertencem ao gênero, isto é, a **construção composicional**; (2) o **conteúdo temático** que é transmitido mediante o gênero; e (3) a configuração específica da sequência textual, das unidades da

linguagem, ou seja, o **estilo** da linguagem e dos tipos discursivos que contribuem para a composição de sua estrutura.

Em linhas gerais, a construção composicional (aspecto formal do texto) pode ser encarada como os procedimentos, as relações, a organização, as participações que se referem à estruturação e acabamento do texto, levando em conta os interlocutores. No caso do conteúdo temático (aspecto temático), este diz respeito aos objetos, aos sentidos, enfim, aos conteúdos gerados em uma esfera discursiva com suas realidades socioculturais. Já o estilo (aspecto expressivo) se refere à seleção lexical, frasal, gramatical, isto é, as formas de dizer que têm sua compreensão determinada pelo gênero.

À luz dessa perspectiva, cada gênero textual apresenta seu próprio estilo e pode ser diferenciado dos demais gêneros por meio de suas características, ou seja, por meio de seus aspectos composicionais, principalmente. Além disso, somando-se a sua forma, cada gênero pode ser diferenciado dos outros, considerando-se o assunto, o objetivo, o papel dos interlocutores e a situação comunicativa.

Em Swales (1990), o termo gênero é usado como referência a uma categoria distintiva de discurso seja ele falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias. Nessa perspectiva, um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos cujos membros, ou seja, os exemplares, partilham um dado conjunto de propósitos comunicativos. Esses exemplares exibem vários padrões de similaridade em termos de estrutura, estilo, conteúdo e audiência pretendida, com a possibilidade de um exemplar ser visto como prototípico.

Essa perspectiva nos parece bastante semelhante àquela, por muito tempo, atribuída ao campo literário, da Poética Clássica, em que se tem como uma espécie de “macrogênero”, como o drama, a épica e a lírica, que comportam “subgêneros” (os exemplares), como o teatro, a epopeia, o soneto etc. Acreditamos se tratar de uma visão muito abrangente e pouco funcional terminologicamente falando. Sobre o assunto, Marcuschi (2002) afirma que, embora Swales (1990) mencione, em sua concepção, vários parâmetros em relação ao gênero, teria prescindido, porém, um aspecto de grande importância para a noção de gênero textual: seu caráter sóciointerativo, imprimindo, assim, uma visão de estaticidade para o conceito de gênero.

Para Miller (1994), “uma definição teoricamente sólida de gênero centraliza-se não na substância nem na forma do discurso, mas na ação em que é usado e atua”, por isso a autora o concebe como uma ação social. Para ela, o que existe são gêneros retóricos, que, portanto, são baseados em práticas retóricas, em convenções discursivas situadas pela sociedade para uma ação conjunta. Assim, o gênero é sempre relativo a cada sociedade e

cultura. Acreditamos que essa visão já se encontra em Bakhtin (2003), e explicado por Marcuschi (2002), quando este ressalta que os gêneros são sócio-historicamente compartilhados, logo fazem parte daquela sociedade que o partilha e, conseqüentemente, são relativos àquela cultura.

Diante dessas diferentes concepções sobre gênero, adotaremos, nesse trabalho, uma perspectiva mais próxima da bakhtiniana, a partir da qual, podemos defini-lo como um modo de configuração textual, que se estabelece por seus conteúdos, suas propriedades sistêmico-funcionais, estilo e composição, organizada com vistas a atingir, juntamente de um cotexto (verbal ou imagético), um propósito.

3.1 Quanto à construção composicional

A palestra motivacional segue um pouco a estrutura de gêneros similares como conferência, seminário, aula inaugural etc. Assim, pudemos identificar como esqueleto da palestra motivacional basicamente dois grandes blocos estruturais: **fala de abertura** e a **fala do palestrante** (palestra propriamente dita), que apresentam características bem definidas.

A **abertura**, feita por um segundo participante, consiste em uma breve apresentação do palestrante ou do tema da palestra ou de ambos. Nesse caso, o palestrante é apresentado para o auditório como figura de autoridade², que possui experiência no assunto, que tem conhecimento técnico. Por essa razão, é necessário fazer menção a seus títulos acadêmicos, a trabalhos eventualmente publicados por ele, a cargos que ocupa ou já ocupou em instituições importantes etc. Os dois palestrantes cujas palestras compõem nosso corpus são assim apresentados:

[Excerto 1 - palestra 1]: Temos agora um convidado muito especial. Ele é o palestrante mais requisitado do Brasil atualmente. Historiador e professor da Unicamp. Participa de programas de rádio e televisão nas principais emissoras do país. Com vocês agora, o professor Leandro Karnal!

[Excerto 2 - palestra 2]: Boa tarde, senhoras e senhores! Nada mais agradável que retornarmos do nosso almoço com uma palestra do professor Clóvis de Barros Filho, trazendo o tema “A vida que vale a pena ser vivida”. O professor Clóvis é doutor e livre docente pela Escola de Comunicação e Arte da USP, consultor e pesquisador, suas palestras são muito conhecidas por trazerem experiências e discussões relevantes sobre comportamento humano, sentimento, filosofia e ética. Desejamos que todos desfrutem desse nosso primeiro painel da tarde, que inicia o último bloco

² O termo figura de autoridade, nesta pesquisa, deve ser compreendido como o sujeito que possui o conhecimento ou domínio sobre determinado assunto. No caso dos palestrantes que se apresentam como alguém capaz de fornecer orientações para se alcançar sucesso em determinada área da vida do sujeito que compõe seu público.

de palestras do Congresso do nosso ano. Passo palavra ao professor Clóvis! Muito obrigado.

Sobre esse ponto da estrutura vale observar que há uma variação quanto à apresentação do tema da palestra motivacional, pois pode vir na fala de abertura, dita por um terceiro, a exemplo da palestra do professor Palestrante 2, como também pode vir no início da fala do próprio palestrante, a exemplo do que ocorre na palestra proferida pelo Palestrante 1 (embora não fique tão claro em sua fala), o que já nos dá um indício da relativa estabilidade do gênero, como tantos outros:

[Excerto 3 - palestrante 1]: Boa tarde! Muito boa tarde! É um imenso prazer estar aqui no Rio de Janeiro, cidade que eu amo tanto e é um imenso prazer falar sobre o tema que nós vamos falar agora. O tema que nós vamos falar agora é, se eu for feliz e vocês receptivos, como parecem que são o bastante... Se eu for feliz e vocês receptivos, corre o risco, temos a chance de que seja um tema que transforme a vida de vocês. Por quê? Porque eu vou falar naturalmente de autores que estudo há 30 anos. Eu vou falar das coisas que me dedico na universidade. Eu vou falar de muitas coisas que vocês encontram nos livros. Mas, minhas senhoras e meus senhores, também vou falar de coisas que aprendi nesses 54 anos de vida, nesses 35 anos de magistério e que eu tento transmitir através de livros, vídeos, programas e outras participações [...].

Já a **fala do palestrante**, que é a palestra propriamente dita, segue uma lógica comum que organiza a maioria dos textos expositivos, que é a sequência textual dominante no gênero, como veremos mais adiante. Assim, a palestra motivacional, quanto à fala do palestrante, se organiza em torno de uma **introdução**, de um **desenvolvimento** e de uma **conclusão**, sendo que cada uma dessas subdivisões apresenta especificidades próprias, como discutiremos na sequência.

A **introdução** é a parte da fala do palestrante em que ocorre a saudação dirigida ao auditório, se apresenta o tema, caso este não tenha sido apresentado na abertura, se lança para a audiência, dependendo do palestrante, uma pergunta retórica, um questionamento ou uma reflexão, cuja “resposta” ficará suspensa até a conclusão da palestra, e, finalmente, em que se dá a contextualização do tema da palestra motivacional. Tudo isso pode ser constatado nos excertos 4 e 5:

[Excerto 4 – Palestrante - 1] Qual é o seu valor principal? Qual o seu valor auxiliar? O que faz você se emocionar? O que move seu coração? O que impulsiona o seu despertar? Quais as ideias que você tem mais fortes pela manhã? Em que você dorme pensando e em quem? Esses são os seus valores. Decidiu que seus valores são família? Dinheiro? Um equilíbrio entre os dois? Decidiu que seus valores são viagens, família, dinheiro com equilíbrio entre os três? Perfeito. Definido o valor, procure esse valor obsessivamente.

[**Excerto 5 – Palestrante – 2**] Desde que o homem pensa para viver, A pergunta sobre a vida boa é a mais importante. Em relação a essa pergunta, todas as outras são secundárias. Você que aprendeu tantas coisas. Decorou os afluentes da margem esquerda do rio Amazonas. A função das organelas citoplasmáticas. Talvez tenha que admitir que diante da pergunta sobre o que que tem que acontecer na vida para você ser feliz... Todas essas informações são secundárias. Se não, meio ridículas. A verdade é que a reflexão sobre a vida atravessa os séculos. E o homem sempre deixa registros na história do pensamento daquilo que sempre considerou o filé mignon da vida: O que de mais importante deve acontecer para que ela seja bem-sucedida?

O **desenvolvimento**, como em muitos outros gêneros, é a parte em que se consolida o texto, em que o tema ou assunto se enrobustece, ou seja, é a “parte principal” do texto, da fala do palestrante, por assim dizer. Como se trata de partes bastante longas, não iremos destacar, quanto a esse ponto, excertos.

Já no caso da **conclusão**, de igual modo como ocorre em tantos outros gêneros textuais, é o momento do arremate ou síntese do que foi dito durante toda a fala do palestrante, seguida, portanto, dos agradecimentos. Nessa parte do texto, além do arremate ou síntese do que foi dito, ocorre também a retomada da pergunta retórica (do questionamento ou da reflexão), caso tenha sido lançada pelo palestrante na introdução de sua fala:

[**excerto 6 – Palestrante 1**] E aí volto à pergunta que eu fiz aos senhores desde o início. Volto a essa pergunta fundamental. De fato, o que eu quero? Quem eu sou? Onde eu quero chegar? Com quem eu quero chegar? Quais são os meus objetivos? Se eu tiver consciência profunda, eu transformo por completo... Então, para a primeira pergunta vocês já me deram a resposta. E deram uma resposta antes do que eu tinha para falar. Todos aqui são felizes. Ótimo. Perfeito... A segunda pergunta é mais complicada... É a pergunta para deixar vocês pensando nessa linda tarde de domingo. Quem daqui quer nos próximos dez, vinte ou trinta anos... Quem daqui quer continuar sendo feliz? Com êxito, Melhor ainda. Agora vai começar o primeiro dia do resto da vida de vocês. Agora começa a parte mais importante. Esqueçam o que passou. Esqueçam o passado. Esqueçam tudo o que veio até aqui. Reivente-se. Reconstrua. Faça dessa vida um espaço completamente diferente. Fácil... Sua vida vai continuar sendo muito feliz. Não se acostume ao fracasso. Acostume-se a felicidade. Desafiem-se. Sejam melhores. A vida só vale a pena se ela for intensamente vivida. Intensamente aproveitada dentro desses objetivos.

[**excerto 7 – Palestrante 2**] Felicidade é esse instante que você, um dia, pretendeu a eternidade. Felicidade é esse instante que você lamenta que tudo na vida tenha um fim... Felicidade é esse instante que se Deus quiser um dia a gente vai repetir. O que eu espero que pelo menos por um segundo você tenha rido e desfrutado. Que pelo menos por um segundo tenha pensado em coisas que não tinha pensado antes. Que pelo menos por um segundo tenha pensado em trazer a mãe ou o filho. E se alguma dessas coisas aconteceu, admita, nesse singelo segundo foi feliz. Se eu saí de casa para vim até aqui hoje. A minha única meta, aliás, a meta que todos novos deveríamos perseguir, a meta das metas, proporcionara a alguém que nunca vi, proporcionar a alguém que eu não conheço, e que talvez não venha a conhecer nunca um mísero segundo de felicidade. Se todos nós nos despuséssemos a ter como meta a felicidade daqueles que confiam em nós. Todos nós patrocinariamos a nós mesmos uma sociedade mais digna, uma sociedade mais honesta. Uma sociedade mais justa.

Nos excertos 6 e 7, os palestrantes fazem o fechamento de suas palestras, retomando pensamentos iniciais que foram introduzidos na abertura das palestras. Refazem perguntas para as quais já tinham obtido uma resposta da plateia. Essas perguntas são refeitas para que os palestrantes verifiquem se as pessoas do auditório continuam dando as mesmas perguntas para as respostas, depois de escutarem todo o conteúdo da palestra. Ou seja, eles querem verificar se houve adesão do auditório às suas ideias.

3.2 Quanto aos aspectos expressivos

Podemos apontar como componentes do aspecto expressivo (estilo) do gênero palestra motivacional os seguintes elementos: sequência predominantemente expositiva; recorrência de uso de verbos no modo imperativo; frases de efeito; inserção de relato de experiência (histórias de vida); presença de intertextualidade; e interação com o auditório:

[**Excerto 8 – Palestrante 1**] Sartre disse, o filósofo que morreu em 1980... Sartre disse: não importa o que a vida fez de você [pausa] importa o que você fez do que a vida fez de você. Não importa o que a vida fez de você, importa o que você fez com isso.

[**Excerto 9 – Palestrante 2**] Lá na mitologia, Homero escreveu a *Odisseia* e a *Odisseia*, você sabe, é a aventura de Ulisses. Ulisses é o nosso herói. *Odisseia* é a sua aventura. Ulisses era rei, rei de Ítaca. E foi convidado para participar de uma guerra dos gregos contra Tróia. O porquê dessa guerra? O príncipe de Tróia pegou a mulher do rei de Esparta, Menelau. A mulher era Helena, maravilhosa Helena. E o príncipe de Tróia impiedosamente a seduziu. Menelau, então, atravessado pelo ciúme, declara guerra a Tróia. E convoca todos os gregos a se juntarem a ele. Ulisses não queria guerra nenhuma. Ulisses vivia em Ítaca, de boa, com a sua mulher, Penélope. Ulisses, no seu lugar. Ulisses adorado pelos seus súditos. Ulisses um rei aplaudido por onde passava, não queria de jeito nenhum ir para a guerra.

Na fala do Palestrante 1, podemos observar que ele inicia a sua fala usando as palavras do filósofo Sartre como referência, para apoiar aquilo que é dito para a plateia, a fim de legitimar a sua fala como figura de autoridade. Isso pode ser classificado como uma fala com presença de intertextualidade, assim como no excerto 9, o qual contém a fala do palestrante 2. O segundo palestrante traz em sua fala a história contada por Homero, a *Odisseia*, cujo personagem principal é Ulisses. Ele apresenta a história de Ulisses para ilustrar o que seria a “vida boa”, ou seja, a vida que vale a pena ser vivida. Em certo trecho de sua fala, mostra a oferta que Ulisses recebeu da deusa Calipso em sua ilha. Ela o ofereceu a eternidade juntamente com a juventude eterna. Porém, Ulisses recusou a oferta com a seguinte fala: “É preferível uma vida de mortal, uma vida de humano, vivida no seu lugar. No lugar certo, do que uma vida de Deus no lugar errado. Ou seja, o palestrante quis mostrar que

a vida boa está relacionada a estarmos no lugar certo, em sabermos qual é o nosso lugar no mundo.

Na palestra motivacional, embora haja uma visada injuntiva, na medida em que tenciona “fazer agir”, isto é, provocar um efeito de mudança de atitude, comportamento ou pensamento em relação à audiência, o comando principal, que supostamente operaria essa mudança no outro, não é exatamente explícito na fala do produtor, como seria nos textos injuntivos, cuja sequência injuntiva é predominante. Na palestra motivacional, então, o locutor expõe sua sugestão, seu conselho, enfim, seu comando, que seria o responsável pela mudança na vida do ouvinte, de modo que fique subentendido, pois é “encapsulado” por tudo o que foi dito, como a moral de uma fábula. Em outras palavras, espera-se que o auditório tire suas próprias conclusões, “capte a mensagem” e, assim, opere a mudança, aja daquela forma orientada naquele segmento específico de sua vida, que em ambos os casos se referem ao profissional, melhorando, portanto, seu desempenho nesse setor.

No gênero palestra motivacional, a fala do locutor é recheada de frases de efeito e inspiradoras, com o objetivo de impressionar o auditório e, assim, gerar um engajamento. Como último elemento componente do estilo do gênero palestra motivacional, podemos apontar a interação com o auditório, com intuito de criar familiaridade com os ouvintes, provocar descontração, deixando a palestra mais atrativa, quebrando a formalidade pontualmente etc. Essa interação, a nosso ver, pode ocorrer de duas formas: direta ou indiretamente.

Diz que há *interação direta* quando há trocas de turnos de fala entre o locutor e o auditório, no caso em que a plateia faz pergunta, e o locutor responde ou vice-versa, ou quando a audiência responde, mesmo que não verbalmente, a estímulos dados pelo locutor: em caso do auditório rir de uma piada ou de uma ironia dita pelo palestrante, se espantar com uma frase de efeito, levantar a mão em resposta a alguma solicitação feita por ele etc.

No caso da *interação indireta*, estamos considerando assim o caso das perguntas retóricas em que, claramente, não há um retorno de resposta por parte da audiência, bem como o caso em que o locutor se dirige ao auditório de forma imperativa, isto é, por meio do uso do modo imperativo, que também não haverá um retorno imediato, naquele momento, da ação comandada:

[Excerto 4 - Palestrante 1]: Primeiro conselho que dou a vocês, para que vocês reflitam ou rejeitem, como desejarem. Primeiro conselho importante: olhem para o rosto das pessoas. Olhem para o rosto dos clientes. Olhem para o rosto de quem está comprando, porque o rosto humano é um livro poderoso que traduz tudo! O rosto humano lhe diz ‘Eu estou adorando. Eu estou detestando. Eu estou entediado ou

estou entusiasmado'. Que vocês passem a avaliar valores, emoções, sentimentos... Que vocês passem a pensar claramente em cada indivíduo único. Essa é uma das grandes chaves do sucesso.

Outros aspectos que também poderiam ser considerados para a caracterização estilo do gênero em questão, são aspectos prosódicos. Podemos notar que, ao longo de suas falas, os palestrantes fazem longas pausas, com o intuito de destacar aquilo que foi dito. Valem-se, muitas vezes, de uma voz bem posta, com boa entoação e dicção, a fim de prender a atenção do auditório. Utilizam o mesmo ritmo ou velocidade da fala. Além disso, os aspectos referentes à norma podem também ser observados, como o uso de uma linguagem formal, mas que se adéqua ao público. Embora a maior parte da fala dos palestrantes recorra à linguagem formal, em muitos momentos há nuances de informalidade para descontrair o público, provocar o riso, causar efeito de estranhamento ou de provocação, entre outras intenções.

3.3 Quanto aos aspectos temáticos

O gênero palestra motivacional aborda temas que são tidos como importantes, pois sempre se referem a um setor essencial da vida daqueles que se dispõem a assisti-la. Nas palestras analisadas, o setor profissional é o focado, com intuito de motivar vendedores e corretores para que melhorem seu desempenho na função que exercem e, assim, obtenham sucesso, “tendo uma vida bem-sucedida” ou vivendo “a vida que vale a pena ser vivida”. O sucesso profissional é algo aclamado socialmente e, em muitas culturas, se torna quase um imperativo.

Como já foi dito, esse tipo de palestra, geralmente, é oferecida com o objetivo de motivar um público-alvo em áreas consideradas importantes da vida em sociedade, quer seja na vida profissional, econômica, amorosa, familiar etc. Esses assuntos são tratados com um conteúdo claro, de fácil entendimento e compatível com a projeção que o locutor faz da audiência.

4 METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo, serão apresentadas informações a respeito dos palestrantes, cujas palestras serão analisadas nesta pesquisa, pois acreditamos que essas informações podem ser úteis no momento da análise. Também apresentaremos os métodos de construção de nosso *corpus*, composto a partir da seleção de sentenças de caráter motivacional³. Por fim, apresentamos os critérios de análise dos elementos prosódicos de duração (*pitch*, duração, velocidade da fala, latência) e volume (intensidade).

4.1 Caracterização da pesquisa

Este estudo apresenta uma pesquisa com base qualitativa e características quantitativas, de cunho descritivo. Esta seção detalha todo o procedimento metodológico realizado no desenvolvimento desse estudo. Nas seções subsequentes estão descritas informações acerca das palestras que servem de dados de fala para esta pesquisa e a caracterização do *corpus* utilizado. Esse capítulo se encerra apresentando o processo de análise dos dados, feita através do aplicativo computacional PRAAT (BOERSMA & WEENINK, 2017).

4.1.1 Dos métodos de procedimento

Esta pesquisa configura-se como uma pesquisa descritivo-explicativa, pois, primeiramente, pretendemos descrever a relação e a articulação dos elementos prosódicos para a formação do gênero oral palestra motivacional e, depois, explicá-las por meio trechos de fala extraídos dos vídeos. Pretendemos ainda analisar a influência dos aspectos prosódicos (*pitch*, duração, intensidade, velocidade e pausa) para a construção da persuasão no gênero palestra motivacional.

³ Entende-se por sentenças de caráter motivacional sentenças que possuem, de forma explícita ou marcada, a função de transmitir mensagem de otimismo, encorajamento, súplica, ordem ou sugestão a respeito do comportamento do indivíduo, para que ele seja alterado. No caso desta pesquisa, comportamentos ligados a vida laboral.

4.2. Fala espontânea versus fala atuada

Ao analisarmos a prosódia dentro do discurso, devemos escolher o tipo de fala com a qual pretendemos trabalhar. Dois são os tipos a serem considerados, a saber: fala atuada e fala espontânea. O primeiro tipo de fala se refere ao discurso produzido por atores, que interpretam emoções, intenções, atitudes, sentimentos etc. Em alguns estudos, são utilizadas falas atuadas: Piot & Lyaghat (2002) e Mejvaldová & Horák (2002), por exemplo.

Geralmente, nos estudos em que são utilizadas falas atuadas, o pesquisador trabalha com as mesmas frases proferidas pelo falante, porém, em diferentes estados no que se refere a emoções representadas pelo falante. Assim, não existem diferenças no nível lexical e morfossintático no momento da análise dos dados. Esse tipo de fala tende a facilitar a análise do pesquisador, mas, ao mesmo tempo, é alvo de críticas por ser considerada apenas uma representação de uma comunicação real, na qual os sujeitos demonstrariam seus estados emocionais de forma espontânea. Alguns teóricos (DOUGLAS-COWIE; COWIE & SCHRÖDER, 2000; CAMPBELL, 2006; COWIE, 2009) afirmam que a fala atuada se assemelha a uma espécie de imitação, na qual alguns elementos podem ser exagerados e anular outros, os quais não são levados em consideração.

Em resumo, a fala atuada muitas vezes é evitada em pesquisas envolvendo análise da prosódia por não ser considerada uma representação da situação real (apenas uma aproximação). Nesse tipo de fala, as emoções passadas pelo sujeito na fala podem ser estereotipadas, não sofrendo modificação de acordo com o contexto, o que se observa apenas na fala espontânea. Muitos pesquisadores, assim, preferem usar documentários, comentários televisivos, programas de rádio. Trabalhar com a fala atuada pode trazer vantagens, mas também pode tornar a pesquisa enviesada. Assim, nesta pesquisa, optamos por trabalhar com a fala não atuada com o intuito de captar atitudes espontâneas. Usaremos palestras ministradas em empresas e armazenadas na plataforma de vídeos *Youtube*.

4.3 Delimitação do universo do *corpus*

O universo da pesquisa abrange duas palestras motivacionais que se encontram armazenadas na plataforma digital de vídeos *Youtube*. Essas palestras foram proferidas por Leandro Karnal (doravante Palestrante 1), graduado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em Porto Alegre, e doutor pela Universidade de São Paulo (USP). Especialista em História da América e professor de História na Universidade Estadual de

Campinas (Unicamp). Foi chefe do Departamento de História da mesma instituição e professor do ensino fundamental e médio em escolas públicas e privadas. Lecionou em cursinhos pré-vestibulares. É membro da Associação Nacional de História (Anpuh) e da Associação Nacional de Pesquisadores de História Latino-Americana e Caribenha (Anphlac). É mais conhecido por divulgar, junto com outros intelectuais, questões sociais ligadas à filosofia na sociedade contemporânea. É autor de vários livros e artigos nas áreas de História e Ensino. Atualmente, um dos mais requisitados palestrantes do Brasil. Apresenta diariamente a coluna "Careca de Saber", na Band News TV, onde fala sobre religião, filosofia, história, política, comportamento etc.

Trabalha na capacitação de professores da rede pública e na elaboração de material didático e de apoio ao professor. É autor, coautor e organizador de diversos livros, entre eles: *Teatro da Fé: Representação Religiosa no Brasil e no México do Século XVI* (1998), *História da Cidadania* (2003), *História na Sala de Aula* (2005), *Estados Unidos: a Formação da Nação* (2005), *História dos Estados Unidos: das origens ao Século XXI* (2007) e *Conversas com um Jovem Professor* (2012).⁴

O segundo palestrante é o professor Dr. Clóvis de Barros Filho (doravante Palestrante 2), atualmente, também um dos mais requisitados palestrantes do Brasil. Suas aulas e palestras sobre ética já foram ouvidas por milhões de pessoas em todos os estados do país, e também no Uruguai, na França, no México, na Argentina, na Espanha, em Portugal, entre outros. Ele é advogado, jornalista, escritor e professor universitário brasileiro. Nasceu em Ribeirão Preto, São Paulo, no dia 21 de outubro de 1966. É bacharel em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação Social Gasper Líbero (1985), bacharel em Direito pela Universidade de São Paulo (1986), Mestre em *Science Politique* pela Université de Paris III (Sorbonne-Nouvelle) (1990) e Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2002).⁵

Obteve, em 2007, a Livre-Docência pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, onde é professor de Ética. É professor de Filosofia Corporativa da HSM Educação desde 2013. Foi um dos fundadores da Escola Pessimista de Peruíbe. É Pesquisador e Consultor de Ética da UNESCO. É pesquisador e Conferencista pelo Espaço Ética. É colunista de Ética da Revista Filosófica Ciência & Vida. Clóvis é coautor do livro *A Vida Que Vale a Pena Ser Vivida* (2010) (em parceria com Arthur Meucci), *Somos Todos Canalhas* (2015) (em parceria com Júlio Pompeu), *Ética na Comunicação* (2008), *A Filosofia*

⁴ Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/7752713464627656>

⁵ Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0774770071354712>

Explica as Grandes Questões da Humanidade (2014), *Teorias da Comunicação em Jornalismo – Reflexões Sobre a Mídia (2012)*, entre outros. Professor Clóvis atua no mundo corporativo desde 2005, por meio de seu escritório, o Espaço Ética. Tem como clientes empresas de todos os portes, de inúmeros ramos de negócios.

Além da vasta produção bibliográfica e de notável atuação de ambos os supracitados autores nos mais diversos âmbitos culturais e intelectuais do país, chama a atenção também a quantidade de vídeos de palestras que estão disponíveis gratuitamente em plataformas de *streaming*, tal como *Youtube*. A fim de cumprir o desiderato de nosso trabalho, estabelecemos critérios para a seleção dos vídeos que seriam alvo de nossa análise.

Para a escolha do *corpus* de análise, optou-se pelo critério de popularidade dos vídeos, definida pelo número de visualizações. É válido frisar que visualização equivale a cada vez que o vídeo foi visto, inclusive por pessoas repetidas. Não seria o caso de uma visualização corresponder a pessoas diferentes, porém, independente desse fato, o número de *views* presentes na descrição dos vídeos dos dois palestrantes é grande. Portanto, farão parte da nossa análise, os vídeos listados na Tabela 1, onde se veem também a duração e o número de visualizações de cada vídeo.

Tabela 1- Vídeos selecionados por ordem de visualizações (07/06/2018).

Palestrante	Título	Duração	Visualizações
Clóvis de Barros Filho	A vida que vale a pena ser vivida	60min 21min 11s	5.619.428
Leandro Karnal	O que estou fazendo de mim?	51min 12s	4.822.691

Fonte: Dados da pesquisa.

Além do critério mencionado na Tabela 1, escolhemos esses dois palestrantes por serem bastante influentes atualmente tanto na mídia quanto na área acadêmica, ou seja, seus ensinamentos ultrapassaram o universo unicamente acadêmico. No entanto, o principal motivo que nos levou a selecionar esses dois palestrantes foi o fato de serem profissionais bastante reconhecidos pelas suas habilidades com a oratória. Nos dois vídeos, os palestrantes são os únicos oradores, e embora façam perguntas retóricas, típicas do gênero, não há

interação direta com a plateia. Essa é uma característica do gênero palestra motivacional que foi discutida anteriormente.

A seleção de trechos de sentenças de natureza persuasiva foi feita com o intuito de cumprir, mediante análise acústica, nossos objetivos e hipóteses, os quais retomamos mediante a apresentação do seguinte quadro norteador desta pesquisa:

Tabela 2 – Quadro norteador contendo objetivos e hipóteses da pesquisa.

Quadro norteador	
Objetivo geral	Hipótese básica
Verificar a interferência de elementos prosódicos na construção do gênero discursivo palestra motivacional.	Há uma relação direta entre os elementos prosódicos e a construção do gênero palestra motivacional.
Objetivos específicos	Hipóteses secundárias
Identificar regularidades de aspectos prosódicos na produção oral no gênero palestra motivacional;	Os elementos prosódicos estão diretamente ligados à construção da persuasão, de modo que, quanto maior a presença de conteúdo motivacional, maior a ocorrência de variação dos aspectos prosódicos
Verificar a articulação de elementos prosódicos por parte do palestrante para alcançar seu objetivo: a persuasão;	O palestrante faz uso de elementos prosódicos na tentativa de alcançar seu objetivo: a persuasão;
Investigar como os aspectos prosódicos variam de acordo com o uso de termos motivacionais;	Quanto maior o uso de palavras ligadas ao conteúdo motivacional, mais marcado o acento prosódico.

Fonte: Dados do autor.

4.4 Seleção de frases de caráter persuasivo com base em análise perceptiva

Para fazermos a seleção dos trechos de caráter persuasivo-motivacional presentes nas palestras escolhidas, partimos do princípio de que as palestras motivacionais têm o caráter persuasivo, uma vez que os conferencistas tentam transmitir mensagens otimistas com potencial para provocar mudanças no comportamento dos indivíduos do auditório. Além disso, os oradores transmitem também uma determinada ideologia através de seus discursos, no caso específico desta pesquisa, ideologias envolvendo o mundo do trabalho, sucesso profissional e produtividade. Dessa forma, decidimos separar os enunciados entre persuasivos e não-marcados. Os enunciados persuasivos são aqueles que contêm mensagem de otimismo, um aconselhamento que mexe com os afetos sociais (crenças, afetos, emoções etc), enquanto os não-marcados são enunciados nos quais o conteúdo motivacional não está presente na elaboração da argumentação.

Durante a seleção dos enunciados, procuramos cotejar os trechos no *corpus* nos quais atitudes como súplica, autoridade, crítica, conselho etc. eram mais marcantes, e são de fundamental importância para a construção da persuasão. Para a diferenciação das frases neutras e persuasivas, utilizamos Halliday (1970) que conceitua a entoação neutra na fala como sendo a entoação utilizada sem uma intencionalidade evidente, ou seja, que não pode ser captada pelo público como direcionada a um determinado fim. Mesmo estando cientes de que, segundo Amossy (2011), todo discurso já é em si persuasivo, ressalte-se que há partes, sentenças de um discurso que são mais marcadas e, por isso, identificados com maior facilidade como persuasivos.

É válido salientar que compreendemos que o argumento para se alcançar a persuasão perpassa todo o discurso do orador, porém, há momentos em que as estratégias e atitudes na fala do palestrante ficam mais explícitas. Podemos citar como exemplo o momento em que o palestrante faz algumas piadas com acontecimentos que faziam parte da sua rotina como estudante na época da graduação. Seria um momento de descontração dentro da palestra, sem a intenção de persuadir, pois a entoação fica mais monótona, sem variações melódicas significativas, se considerarmos os elementos persuasivos estudados nesta pesquisa.

A entoação utilizada pelos palestrantes nesse tipo de fala jocosa é muito diferente daquelas orações proferidas com o intuito de persuadir e demonstrar suas intenções, mesmo que veladas. Delimitando essa diferença entre os dois tipos de sentenças, elegemos o termo “não-marcado” para nos referirmos às frases em que o conteúdo motivacional não está

presente como naquelas de carga motivacional mais evidente. Nas frases onde o conteúdo motivacional é mais evidente, é possível ver uma maior variação nos elementos prosódicos (velocidade da fala, pausas, *pitch*, intensidade, etc) do que nos enunciados considerados não-marcados.

Durante a seleção das frases, utilizamos uma análise perceptiva, ou seja, de oitiva, com base em nossa percepção no que diz respeito aos aspectos discursivos e prosódicos. Observamos também se os conferencistas possuíam algum problema na fala que viesse a interferir durante a análise acústica no PRAAT. Nessa etapa, tivemos a preocupação de escolhermos oradores que possuíssem estilos diferentes na construção de seus discursos.

Um fato em comum entre os dois palestrantes, notado durante a nossa análise inicial, foi o senso de humor e a presença de piadas ao longo de seus discursos, o que traz descontração para seu discurso e ajuda a prender a atenção do auditório. Além disso o orador se aproxima dos interlocutores, nesse momento “eu sou como vocês”. É importante que o público se sinta cativado pelo orador para que haja uma adesão à mensagem transmitida pelo palestrante. Porém, com exceção desse fato, notamos que ambos têm suas particularidades em suas estratégias retóricas.

Ao selecionarmos as frases contidas nas falas dos palestrantes, procuramos perceber como as frases de caráter persuasivo eram articuladas e formuladas no discurso. Os comandos mais frequentes foram conselhos, ordens, frases de efeito, relato de experiência, súplicas etc. Esses comandos faziam um maior apelo à mudança de comportamento dos indivíduos em sua vida profissional. Notamos que, no discurso dos palestrantes, a colocação da própria experiência de vida, o que lhes concede uma posição de autoridade, faz com que eles sejam vistos como figuras que alcançaram o sucesso profissional, superando as dificuldades e desafios impostos pelas circunstâncias em suas trajetórias. Isso certamente os coloque como exemplo para o que irão proferir.

4.5 Procedimentos de coleta de dados

Nas pesquisas que envolvem prosódia, assim como em outros tipos de pesquisa, seleciona-se um *corpus* que é escolhido pelo pesquisador, o qual contém trechos da fala de informantes, selecionados de acordo com determinadas variáveis envolvidas na pesquisa. Em pesquisas realizadas com os sons da fala, esse *corpus* pode ser gravado em laboratório ou pode ser fruto de gravações em momentos de fala espontânea.

Antes mesmo da caracterização do *corpus*, de acordo com Barbosa (2012), é preciso classificar o gênero em que será produzido o enunciado, pois o gênero enunciativo molda aquilo que é dito pelo sujeito no momento da enunciação. Ou seja, o sujeito tende a organizar seu discurso de acordo com os limites estabelecidos pelo gênero do enunciado. Dessa forma, é preciso delimitar o gênero que será descrito durante a pesquisa. Alguns gêneros enunciativos já foram tratados amplamente nos estudos da prosódia (BRUNELLI, 2004; GONÇALVES, 2013; MOURA, 2016), por exemplo, leitura em sala de aula, entrevistas, ditado, narrativa, dentre outros.

4.6 Procedimento de análise de dados

Após a seleção dos vídeos, antes de iniciarmos a análise acústica da palestra, realizamos uma análise discursiva com o intuito de nos familiarizarmos com a dinâmica da palestra motivacional. Essa análise foi feita com base nas mensagens que possuíam conteúdo motivacional explícito, cuja elaboração se deu em forma de sugestões, encorajamento, ordem, sugestão de direcionamento e otimismo. Para a análise realizada nesta pesquisa, procedemos a análise dos vídeos do Palestrante 1 e Palestrante 2. Acreditamos que a comparação entre o discurso e estratégias usadas pelos dois sujeitos desta pesquisa forneceu subsídios e elementos para identificarmos a existência de estratégias realizadas com a manipulação de elementos prosódicos na fala.

Depois de assistir aos vídeos baixados na internet, usamos o programa *Free Video to Mp3 Converter* para extrair o áudio a ser analisado com o auxílio do PRAAT, software que oferece ferramentas que possibilitam a descrição detalhada de arquivos de áudio, oferecendo ferramentas de anotações nos arquivos de áudio e, também, sincronização.

Os arquivos usados nesta pesquisa foram convertidos para o formato WAV (Waveform Audio File Format), assim, optamos por não usarmos o formato mp3, uma vez que o formato WAV é um formato sem perda de qualidade baseado em PCM (Pulse Code Modulation) que reproduz, com fidelidade e nitidez, o conteúdo gravado. Pelo fato de não perder dados, o formato necessita de maior espaço de armazenamento, sendo indicado para uso em trabalhos profissionais, visto que permite gravações com diferentes taxas de amostragem e bits. É usado com frequência durante a edição de áudio. O formato MP3, por sua vez, é 75% a 95% menor do que os formatos que não passam pelo processo de compressão. No entanto, pode oferecer qualidade razoável em um tamanho menor do que o formato WAV.

Dizemos razoável porque no formato MP3 ocorrem perdas de informação, uma vez que os sons menos audíveis não serão captados no momento em que são convertidos para MP3.⁶

Uma vez realizada essa etapa, coletamos trechos da fala dentro do discurso de cada palestrante, 37 no total, que abordam a temática “sucesso dentro do mercado de trabalho”. O objetivo dos palestrantes, ao proferirem essas sentenças, era o de fazer com que as pessoas que compõem o auditório viessem a se tornar melhores profissionais. Tais sentenças estão relacionadas à eliminação de hábitos antigos ou à aquisição de uma nova conduta mais eficaz dentro da vida profissional.

Tabela 3 – Frases com conteúdo motivacional coletadas no vídeo de palestra motivacional de título “O que estou fazendo de mim”, proferida pelo Palestrante 1.

Minutos do vídeo	Exemplos de Frases Motivacionais
2:44	1. Se alguém acha que não pode... Ache os instrumentos para poder.
03:15	2. Sorte é o nome que o vagabundo dá ao esforço que ele não faz.
05:23	3. A crise é aquilo que separa o amador do profissional.
05:36	4. A crise separa quem é bom de quem é ruim; o amador do profissional; de quem veio ao mundo a trabalho ou a passeio.
06:00	5. Todo mundo pode vender para o cliente fácil. Pouca gente pode vender para o cliente difícil. É o cliente difícil que separa o amador do profissional.
06: 21	6. Crises passam sempre, sem exceção. Toda crise passa. E aqui já vem a pergunta: onde você quer estar quando essa crise acabar?
09:13	7. Para eu resolver um problema, para eu resolver qualquer coisa, eu preciso de um otimismo obsessivo.
11:44	8. Quem tiver mais método, quem for mais otimista, quem for mais metódico, não sabe o que vai enfrentar, mas estará melhor do que quem não fizer isso.
13:30	9. Sim, o futuro é absolutamente imprevisível. Mas quanto mais estratégia eu tiver, mais eu vou controlá-lo.
15:10	10. Errar é humano. Significa que todos que estão aqui, com exceção dos mentirosos, já erraram.
16:08	11. O que é zona de conforto? Zona de conforto é aquilo que me deixa

⁶ <https://www.tecmundo.com.br/software/120043-diferencas-entre-formatos-audio-wav-mp3-aac-flac.htm>

	satisfeito, estraga o meu desafio.
16:17	12. Ostra feliz, diz Rubem Alves, ostra feliz não desenvolve pérola. A pérola é a resposta da ostra a isso.
18:36	13. Quanto mais você tiver desafios, mais você vai responder a esses desafios. Zona de conforto é muito curiosa porque ela significa o fim da evolução.
18:47	14. Saiam da zona de conforto. Pense seriamente que tudo está em mudança, tudo está envelhecendo, tudo está passando, tudo aquilo que não está se expandindo está encolhendo.
23:54	15. Superem essa ideia de sorte, azar, destino e introduzam a ideia de decisão, estratégia e trabalho...
28:42	16. A vida é muito curta para que se perca tempo numa existência medíocre, numa existência pequena, numa existência fraca...

Fonte: Dados da pesquisa.

Na tabela 3, expomos trechos de frase de caráter motivacional, no total de 16 sentenças, proferidas pelo Palestrante 1 em sua palestra intitulada “O que estou fazendo de mim?” A seguir, apresentamos a Tabela 4, que contém, ao todo, de 21 trechos de fala de caráter motivacional presentes na palestra do Palestrante 2 intitulada “A vida que vale a pena ser vivida”:

Tabela 4 – Frases com conteúdo motivacional coletadas no vídeo da palestra “A vida que vale a pena ser vivida”, proferida pelo Palestrante 2.

Minutos do vídeo	Exemplos de Frases Motivacionais
7:45	1. Existe um lugar para você. Um jeito certo de você viver, que tenha a ver com a tua natureza. Que tenha a ver com as tuas especificidades, talentos e dons naturais. Se você estiver no lugar certo, a vida tem tudo para ser boa.
8:22	2. 350 Antes de Cristo, Aristóteles garante que o filé mignon da vida, o que definitivamente tem que acontecer, aquilo que você tem que buscar do nascimento à cova... É a excelência de si mesmo.
8:43	3. E a excelência de si mesmo é o pleno desabrochar da própria natureza. É ir o mais longe possível dados os recursos naturais que são

	os teus.
9:35	4. O filé mignon da vida é ser o mais perfeito possível de si mesmo. Buscar a excelência da sua própria especificidade. E aí, a vida terá tido sucesso.
22:08	5. Ali eu tinha achado o meu lugar. Ítaca para mim é a sala de aula. É ali aonde a vida feliz é possível. É ali aonde a excelência, eu venho buscando, nos últimos trinta anos. É ali aonde a felicidade atravessou a minha vida. Dali nunca mais saí.
22:50	6. A reflexão de que tem um lugar para você, porque você tem uma natureza que é só sua, que você descobrindo qual é a tua praia, a busca da excelência é a própria felicidade.
23:07	7. A felicidade é ir o mais longe possível, ser o mais perfeito possível e devolver para o mundo, em forma de performance, aquilo que o mundo te deu em forma de potencialidade, em forma de talento, em forma de recurso natural.
25:03	8. A vida que de fato vale a pena é a vida assumidamente dedicada ao outro.
42:17	9. O mundo às vezes é assim... Tenta te derrubar e você é um exército para impedir que a potência caia a zero.
45:26	10. Se você será sempre o espetáculo mais recorrente para você... Se você vai ser sempre o seu mais fiel espectador... Goste do que você faz!
46:20	11. Alegria... Passagem para um estado mais potente do próprio ser. Alegria! Alegria é a maior distância da morte. Alegria! Energia em alta.
48:09	12. Alegria! Alegria segunda às oito da manhã. Alegria... Alegria no trabalho, não fora dele. Alegria pelo que você faz. Não depois que acaba. Alegria pelo exercício profissional, não no descanso.
49:04	13. Eu sou diferente de você. O mundo que me alegra, não é o mesmo mundo que te alegra. Portanto vá procurar a alegria no seu canto.
52:33	14. Não só não tem formula pra todos como não tem formula para você pro resto da vida.
52:51	15. No mundo da vida, o trânsito da existência faz com que amanhã

	você seja outro em relação a hoje. As células não são mais as mesmas, os neurônios não são mais os mesmos, as ideias mudaram...
53:09	16. Aquilo que te alegra hoje, poderá bem não te alegrar amanhã.
59:55	17. A vitória de ontem não faz de você um vitorioso por definição.
01:00:25	18. A vitória de ontem é a vitória de ontem... A vida é uma sequência de encontros inéditos com o mundo. A vitória de ontem e a alegria de ontem não garantem por si a alegria de hoje
01:01:32	19. Não é porque em algumas vezes na minha vida eu triunfei que eu triunfarei por definição, por decreto necessariamente.
01:01:54	20. Portanto, se a vitória de ontem não faz de você um vitorioso, cada vitória exige uma nova preparação.
01:03:54	21. Essa prepotência, essa empáfia que faz da alegria uma verdade eterna, desprepara para a vida... A humildade de entender que o mundo é sempre mais complexo do que nossa capacidade para diagnosticá-lo é condição de uma alegria que se repete.

Fonte: Dados da pesquisa.

Para a análise das sentenças utilizou-se o PRAAT, um software aberto usado em análise e síntese da fala. O programa foi desenvolvido pelos linguistas Paul Boersma e David Weenink, do Departamento de Fonética da Universidade de Amsterdã, e o seu foco principal é a análise sonora, através de parâmetros como frequência, comprimento de onda, decibéis etc. Trata-se de um programa que permite o controle sobre todos os aspectos da edição de áudio. Ele tem um conjunto completo de ferramentas para gravação e é usado para analisar, gravar e editar áudios, digitalizar e limpar gravações antigas, modelar ambientes acústicos, criar transmissões de mídias etc.

O software tem como propriedades principais as seguintes funções: a) Análise da fala: análise espectrográfica, de alturas, formantes, intensidade etc; b) Síntese da fala: síntese articulatória; c) síntese a partir de alturas, formantes e intensidade; d) Experimentos auditivos: testes de identificação e discriminação; e) Manipulação da fala: mudança do contorno das alturas e durações; f) filtragem; g) Gráficos: criação de gráficos de alta qualidade (uso de símbolos fonéticos e matemáticos integrados); h) Estatísticas: produção de escalas

multidimensionais, produção de análises do componente principal e de discriminantes; i) Portabilidade: leitura e escrita de diversos tipos de arquivos de som e outros arquivos.⁷

A análise das frases coletadas dos vídeos, que possuem em média 51min 12s, foi feita com base nos elementos prosódicos apresentados por Bollela (2006) em seu artigo *A prosódia como instrumento de persuasão*, no qual a autora estabelece parâmetros para a estruturação de pesquisas na área de interseção entre aspectos prosódicos e argumentativos. Segundo trabalhos realizados a respeito dos elementos prosódicos (ANTUNES, 2006; 2007; 2015; Cagliari, 1992; 1993, COUPER-KUHLEN, 1986), vários parâmetros prosódicos podem dar indício de diferentes estados afetivos do indivíduo no momento da enunciação. É válido ressaltar que, nesta pesquisa, serão selecionados somente os aspectos prosódicos de maior relevância para se alcançar o objetivo da pesquisa, aqueles que contribuem para a construção da argumentação e da persuasão no discurso oral motivacional. Os elementos prosódicos a serem analisados, elencados por Bollela (2006, p.119), são:

- *Pitch* (altura): revela as ondulações rítmicas da fala, sendo responsável pela sensação de grave e agudo dentro da fala;
- Duração: pronúncia, ou prolação, alongada de elementos da fala (segmentos);
- Velocidade da fala: rapidez ou lentidão com que um mesmo enunciado pode ser pronunciado (na música, corresponde ao andamento);
- Pausa: silêncio na fala em meio a enunciados, com a função de segmentação da fala.

Assim, a análise acústica da fala do palestrante extraída dos vídeos foi realizada levando-se em consideração os elementos prosódicos supracitados na tentativa de comprovarmos nossas hipóteses referentes à interação entre aspectos prosódicos e persuasão.

4.7 Anotação e segmentação manual dos dados

As anotações no PRAAT nos permitiram coletar dados que foram manualmente esquematizados num arquivo de *textgrid*. Através das análises realizadas no PRAAT, foi possível identificar o padrão de pausas e períodos de latência, com seus respectivos valores, com o propósito de obter uma média dos valores mínimo e máximo. Esses valores nos ajudam

⁷ http://www.fonologia.org/acustica_softwares_praat.php

a perceber um padrão de ocorrência e de duração, ou apontam para quando um valor está destoando do padrão encontrado até o momento.

As Tabelas 4 e 5 mostram como as informações foram organizadas em tabela para análise dos dados. As primeiras colunas trazem informações temporais de duração total dos enunciados que possuem conteúdo motivacional. As duas colunas seguintes mostram, respectivamente, informações a respeito do tempo de pausa e latência, elementos utilizados para proferir informações que são transmitidas à plateia. Na Tabela 6, especificamente, foram anotados os valores para latência que, nesta pesquisa, é considerada como o período que acontece a partir do término de uma frase, seja ela afirmativa ou interrogativa, até o início de uma outra frase. Estes valores são apresentados na segunda coluna.

Tabela 5 – informações de duração de pausas em frases motivacionais do Palestrante 1.

Pausas		
Início	Final	Duração total
2.5656	4.0657	1.5001
7.8894	8.9717	1.0823
1.8031	2.5563	0.7532
4.9898	6.3246	1.3348
6.2106	7.3692	1.1586
5.7512	6.7912	1.040
2.1766	3.3887	1.2121
9.1590	10.210	1.051
5.7825	6.9383	1.1558
3.2848	4.5791	1.2943
3.5976	4.9847	1.3871

Fonte: Dados da pesquisa.

Como podemos observar, na tabela 5, assim como na tabela 6 que se segue, as pausas mais longas são expostas tendo seu início e fim marcados, ou seja, uma pausa, por exemplo, se inicia no minuto 3.5 e termina no minuto 4.9, ou seja, a pausa tem 1.3 segundo de duração na frase. Ao organizar os dados dessa forma, temos maior controle e organização da distribuição das pausas e de sua duração. A seguir, temos a tabela 6 com as pausas presentes em trechos da fala do Palestrante 2:

Tabela 6 – Informações de duração de pausas nos enunciados motivacionais do Palestrante 2.

Pausas		
Início	Final	Duração total
0.2291	1.23507	1.23507
3.242547	4.322842	1.080295
6.635781	8.214674	1.578893
10.389114	11.303209	0.914
14.904193	16.000000	1.095807
6.950562	8.874498	1.923936
1.910513	3.016343	1.105831
1.957305	3.001040	1.044
7.041305	8.118709	1.077
1.458103	3.047274	1.589171
7.410760	8.744048	1.333287
9.512627	10.958532	1.445905
3.003307	4.291040	1.287732
8.139469	11.038433	2.979900
3.253904	5.063918	1.810013
1.810013	16.983518	1.059520
9.498230	10.912323	1.414093
0.601018	2.124511	1.523493
5.076279	6.952079	1.875801
2.712060	4.129947	1.417887

Fonte: Dados da pesquisa

Após a organização das pausas em tabelas, criamos tabelas para organizar as latências, como podemos observar na tabela 7. Assim como nas pausas, marcamos os minutos onde se inicia a latência e o minuto em que ela termina:

Tabela 7 – Informações de tempo de latência nos enunciados de Leandro Karnal

Latência		
Início	Final	Duração
3.664	5.105	1.441
2.539	4.065	1.526
3.0112	4.2914	1.2802
6.1787	7.358	1.1793
5.7416	6.8008	1.0592
2.1766	3.4079	1.2313
0.0018	1.053	1.0512
0.8234	1.0597	0.2363

Fonte: Dados da pesquisa.

As tabelas com as informações coletadas foram utilizadas para uma análise mais detalhada dos fenômenos abordados neste estudo. No capítulo seguinte, da análise dos dados, expomos como esses dados contribuem para a constatação de padrões entoacionais por parte do palestrante que se utiliza desses elementos para delinear a sua fala com o intuito de prender a atenção da plateia e conseguir desenvolver o conteúdo de sua fala de forma eficaz.

5 ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo apresentamos os resultados obtidos nesta pesquisa, os quais serão discutidos posteriormente. Inicialmente, serão expostos os parâmetros prosódicos de pausa, *pitch* e latência. Por último, será mostrada a análise da velocidade da fala. Fizemos uma análise contemplando os 4 parâmetros sugeridos, seguindo diretrizes de análise do software PRAAT, fortalecendo, assim, o rigor metodológico da pesquisa.

Em primeiro lugar, serão abordadas as características de frases não marcadas que servirão de parâmetro de comparação com trechos de frases motivacionais. Depois será exposta a análise da pausa, um parâmetro prosódico de duração, dentro da fala do palestrante, através do uso das frases coletadas, em sua maioria, frases afirmativas e imperativas. Descrevemos a frequência com que ocorre a pausa e fazemos considerações sobre sua duração.

As análises da latência foram realizadas com o auxílio de 37 frases captadas dos dois vídeos, que possuem cerca de 51min 13s cada um, algumas delas expostas nas Tabelas 2 e 3 desse trabalho, as quais podem ser classificadas como mensagens de autoajuda, por transmitirem palavras de incentivo e otimismo. As frases possuem, em sua maioria, sequências predominantemente expositivas, recorrência de uso de verbos no modo imperativo, frases de efeito, inserção de relato de experiência (histórias de vida) e presença de intertextualidade.

É válido salientar que, com o intuito de nos familiarizarmos com a dinâmica da palestra motivacional, inicialmente, fizemos análises preliminares, utilizando apenas dados da palestra do Palestrante 1. A análise da palestra do Palestrante 2 foi realizada posteriormente, pois acreditamos que a análise da palestra do segundo orador nos forneceria subsídios e elementos para comparação com os dados já cotejados da conferência do Palestrante 1.

A duração será analisada de acordo com o alongamento das vogais apresentado nas palavras, assim como de acordo com a mudança de sílaba tônica em palavras, por exemplo, em palavras que recebem o acentoônico em uma determinada sílaba e passam a receber a ênfase em outra sílaba na pronúncia do palestrante: felicidade [fe.li.si.'da.dʒi] ≠ felicidade [ˈfe.li.si.da.dʒi]. Levamos em conta na análise da duração e alongamento da vogal o *pitch*, a duração e a intensidade.

As análises envolvendo a duração, da pausa e da velocidade de fala, foram feitas com base em uma quantidade de dados menor, posto que usamos somente frases longas o

bastante que possibilitam tal análise. Assim, apenas as 15 frases mais longas foram utilizadas na análise de duração e velocidade da fala. Finalizaremos a seção fazendo uma discussão geral a respeito dos resultados obtidos através dos dados analisados que contribuem para a identificação de características que ajudam a identificar o gênero palestra motivacional.

É apropriado ressaltar que o gênero palestra motivacional, analisado nesta pesquisa, é descrito com base na teoria de Bakhtin (2003) que expõe alguns critérios para a caracterização de um gênero discursivo. De acordo com o autor, constituem-se como critérios para a estruturação de gênero os seguintes: (1) a estrutura específica dos textos que pertencem ao gênero, a **construção composicional**; (2) o **conteúdo temático** que é transmitido mediante o gênero; e (3) a configuração específica da sequência textual, das unidades da linguagem, ou seja, o **estilo** da linguagem e dos tipos discursivos que contribuem para a composição de sua estrutura.

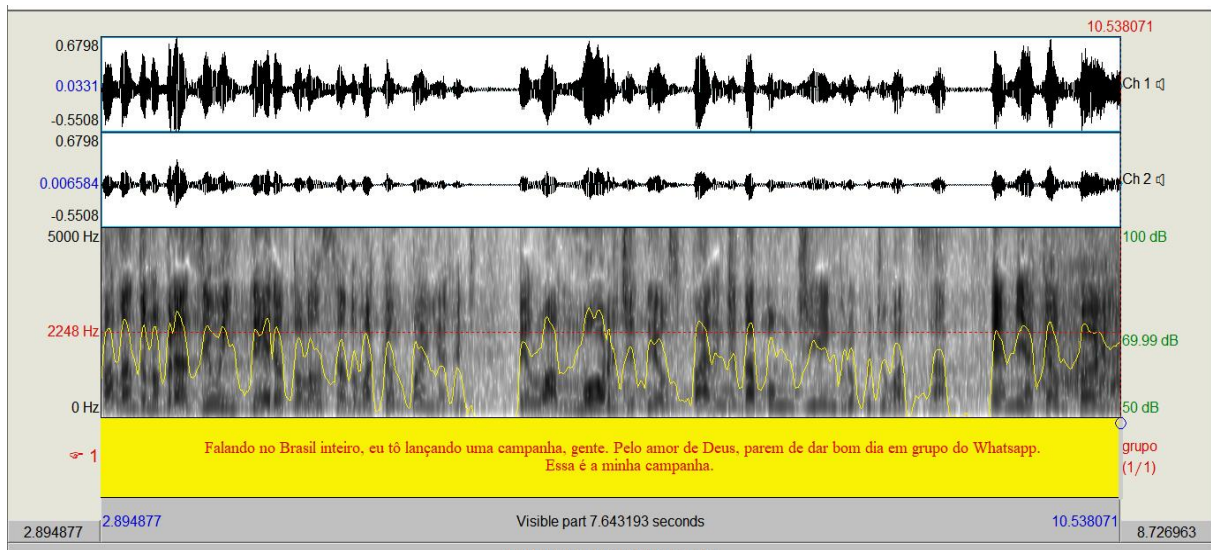
Para a análise acústica, levamos em conta, principalmente, o **conteúdo temático** que é abordado mediante a utilização do gênero e o **estilo** (refere-se às opções de expressividade e enunciação. Seleção operada nos recursos da língua, composição da sequência textual e unidades da linguagem) que ajuda a caracterizar a estrutura do texto. Essas duas categorias presentes no gênero palestra motivacional, se pensadas em forma de estratégias abordadas na fala do palestrante, colocadas em práticas através de elementos prosódicos, são passíveis de análise com o auxílio do PRAAT.

5.1 Frases não-marcadas

Após coletarmos os dados dos trechos de frases consideradas motivacionais, tivemos que fazer uma análise de trechos de frases não-marcados, a fim de estabelecer parâmetros para a análise do primeiro grupo de frases. Ao apontarmos características de frases não-marcadas, conseguimos delimitar melhor aquilo que seria mais constante em frases motivacionais em um critério de comparação.

Na figura 1, temos um exemplo daquilo que consideramos, nesta pesquisa, uma frase não-marcada, mediante a análise do trecho de fala “Falando no Brasil inteiro, eu tô lançando uma campanha, gente. Pelo amor de Deus, parem de dar bom dia em grupo do Whatsapp. Essa é a minha campanha”:

Figura 1 – Anotações das informações de intensidade em trecho de fala não-marcadas.



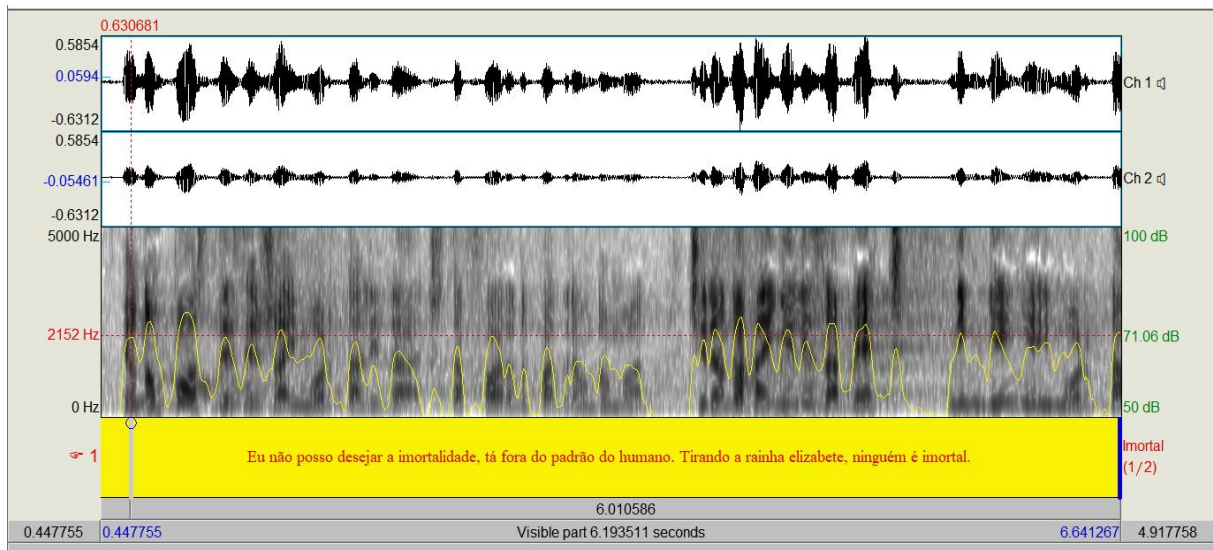
Dados da pesquisa.

Podemos observar na análise da figura 1 que as ondas sonoras de intensidade se encontram em um mesmo limiar, no qual os valores oscilam dentro de um mesmo padrão 69,99dB. Os trechos mais elevados de intensidade não se diferenciam de forma expressiva da faixa de 69,99 dB, diferente do que acontece na análise de trechos de fala de caráter motivacional, em que as ondas sonoras de intensidade e *pitch* são mais variáveis. No caso do trecho da figura 1, o valor mais alto é 78,92dB, ou seja, não é uma grande diferença se levarmos em conta o valor mais constante de 69,99dB. É válido ressaltar que o maior valor a ser registro em dB, no que diz respeito à intensidade, na configuração do PRAAT, é de 100dB e o menor valor é 50dB.

Outro fator que podemos observar na frase não-marcada é a diminuição considerável do número de pausas e de períodos de latência. Os trechos de fala se mostram mais fluídos nesse tipo de frase. No trecho de fala analisado que em duração de 10/s, a única pausa possui 0,331 /ms. Houve um segundo momento de interrupção da fala, porém, de tão breve, não foi computada pelo PRAAT.

Outro exemplo de trecho de fala não-marcada que podemos citar é a seguinte: “Eu não posso desejar a imortalidade, tá fora do padrão do humano. Tirando a rainha Elizabete, ninguém é imortal.” É uma fala que não está ligada ao conteúdo motivacional, ou seja, está destoando do conteúdo a ser apresentado na palestra. Um conteúdo, nesse caso, deslocado que tem como objetivo, a descontração. Por essa razão, consideramos esse trecho de fala como não-marcado.

Figura 2 – Anotações das informações de intensidade em trecho de fala não-marcadas.



Dados da pesquisa.

Na figura 2, observamos a linha melódica formada pela intensidade, representada pela linha amarela, onde o valor máximo a ser alcançado no espectrograma é de 100dB e o menor é de 50dB. A maior parte da sequência do som permanece em um limiar de 71,06 dB, havendo poucas oscilações acima dessa faixa, enquanto a curva que destoa desse valor chega ao taxa de 72,09 dB.

Em relação ao *pitch*, nesse mesmo trecho, ele também se encontra em uma curva melódica estável, sem grandes contrastes. No caso do *pitch*, o valor máximo a ser alcançado no espectrograma, segundo a configuração do PRAAT adotada nessa pesquisa, é de 314,9 Hz e o menor é de 75Hz. Porém, durante a emissão da fala, a curva de *pitch* se mantém em uma constância de 164Hz. O ponto mais alto a ser alcançado dentro dessa curva foi de 184Hz. Ou seja, a curva se manteve constante a maior parte do tempo, diferente do que ocorre nas frases motivacionais.

Um fato marcante em nossa análise de trechos de frases não-marcadas foi a presença inexpressiva de pausas, latência e grande variações melódicas, se compararmos com os trechos de frases motivacionais analisados nessa pesquisa. Se observarmos os exemplos acima mencionados, é notória a ausência de pausas e latência, o que indica uma fala mais fluida, sem hesitações para elaboração ou ênfase sobre aquilo que é dito.

Em suma, tendo como base os exemplos anteriores, podemos definir frases não-marcadas abordadas nesta pesquisa, como frases que possuem uma dinâmica mais fluida, no tocante à redução do número de pausas e, também, à redução do número de latência. Os trechos de falas não-marcadas são mais regulares e monótonas, no sentido das curvas

melódicas de *pitch* e intensidade serem menos discrepantes e obedecerem a alguma regularidade.

5.2 A pausa

Como foi exposto nas seções anteriores, a pausa é um elemento de duração dentro das propriedades da prosódia que tem uma grande importância na forma como o discurso é estruturado e, também, na construção da intenção daquilo que é falado. Segundo Bollela (2016), a pausa pode ser caracterizada como o silêncio presente na fala do sujeito, no momento da enunciação, tendo o papel de segmentar da fala. No período de silêncio na fala, o sistema respiratório segue produzindo pulsos torácicos originando sílabas silenciosas. O momento da falta de sonorização na fala é um recurso importante que contribui para o delineamento de ársis e tésis (desenho melódico da fala fruto de uma somatória dos elementos prosódicos).

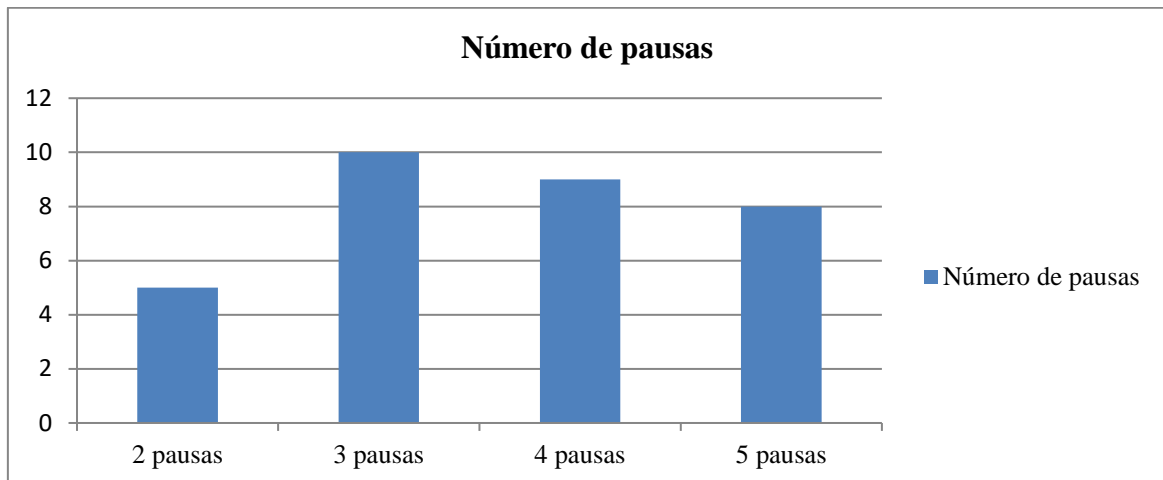
Segundo Maclay e Osgood (1959), a pausa seria uma espécie de hesitação que pode ser dividida em quatro tipos diferentes: (1) repetição, (2) falso começo; (3) pausa não silenciosa e (4) pausa silenciosa. Tal classificação demonstra que a pausa pode ter diferentes funções dentro da estruturação da fala. Cada falante pode apresentar diferentes formas de pausa, de acordo com a sua intenção, no fluxo da fala. Para esses teóricos, pessoas que falam de forma mais rápida demonstram tendência a se expressar de forma mais competente, uma vez que demonstram menos hesitação durante a fala. O resultado da análise de dados da presente pesquisa mostra que as pausas e latências, elementos que causam a desaceleração da fala, mostra que uma fala lenta, não demonstra necessariamente falta de competência na oratória. Pode até significar competência na oratória, pois o sujeito faz a pausa para planejar o aquilo que vai ser dito e estruturado em seu discurso.

De acordo com estudos realizados por Goldman-Eisler (1999), a pausa é um componente muito importante no que se refere ao processamento da fala. Segundo a autora, as pausas mais proeminentes, ou mais longas, acontecem em maior frequência quando o indivíduo tem que fazer um esforço cognitivo maior, por exemplo, quando tem que lidar com palavras que não usa regularmente. Isso pode gerar dificuldade no processamento da fala. Através da pausa, segundo a autora, se pode identificar aquilo que é hábito verbal e o que está sendo produzido de forma espontânea no momento da fala.

Os resultados apresentados a seguir mostram regularidades de valores encontrados na análise das frases que possuem um conteúdo motivacional (encorajamento e incentivo).

Como podemos observar nas Tabelas 4 e 5 desta pesquisa, a pausa se mostrou um elemento bastante frequente na fala do palestrante. Temos essas informações mais detalhadas no gráfico 1. Se considerarmos a duração dos enunciados, que variam de 7 segundos a 13 segundos em média, existe um número de pausas significativo:

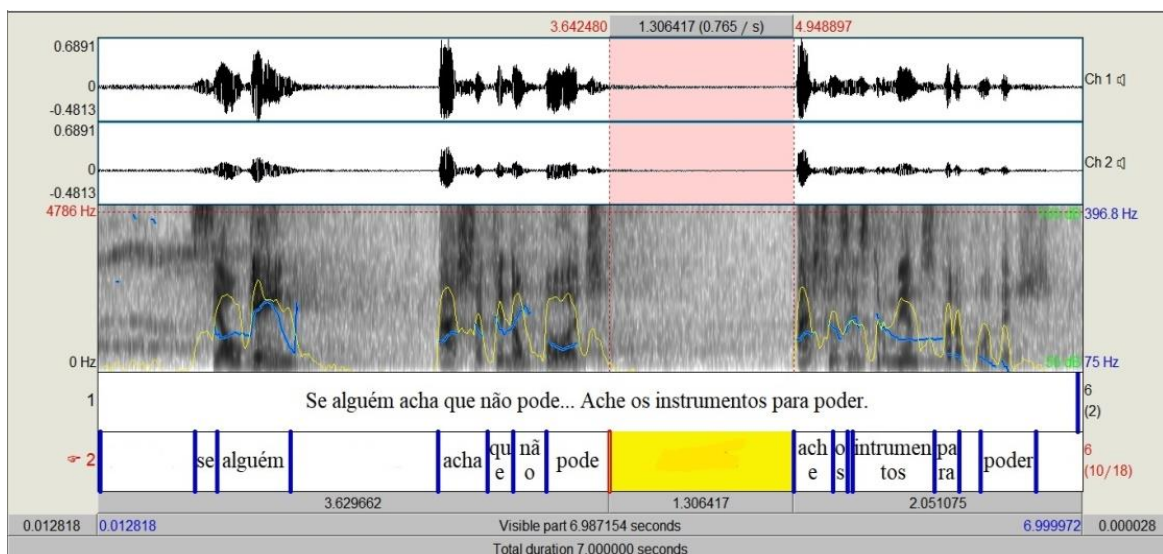
Gráfico 1 - Número de pausas em frases motivacionais.



Fonte: Dados da pesquisa

É válido salientar que a análise leva em conta não só as frases motivacionais, mas os períodos que vêm antes e depois da frase motivacional emitida pelo palestrante. A seguir, observamos um exemplo transcrito da fala do Palestrante 1, de enunciado com um número grande de pausas:

Figura 3 – Anotações das informações de pausa na fala.



Fonte: Dados da pesquisa (Gerado no PRAAT).

Para anotação das informações referentes à frase “ Se alguém acha que não pode... Ache os instrumentos para poder”, foram inseridas duas camadas no textgrid. A primeira traz a informação que diz respeito à frase no geral, enquanto a segunda camada contém a segmentação das palavras que formam a frase e sua duração. As lacunas em branco representam as pausas e, a lacuna maior, destacada em amarelo, representa a pausa que possui o maior valor de duração.

Podemos notar na Figura 3 a pausa mais longa, presente no trecho proferido pelo palestrante, destacada em amarelo no valor de 1,3064 ms. Neste enunciado de apenas 7 segundos, podemos identificar 4 pausas que auxiliam na organização da fala do palestrante. Esse padrão mostrou-se recorrente, se observarmos os dados presentes na tabela quatro. A maioria dos enunciados, em média, possui um número de pausas que fica entre 3 a 4 ocorrências. Um número bem reduzido de enunciados, cerca de 10%, apresentou apenas 1 a 2 pausas.

Uma característica que se mostrou relevante na análise das pausas dentro das frases foi o fato de que as pausas foram seguidas de verbos no imperativo, expressando algum comando. Esse padrão se mostrou presente em 20% dos trechos analisados:

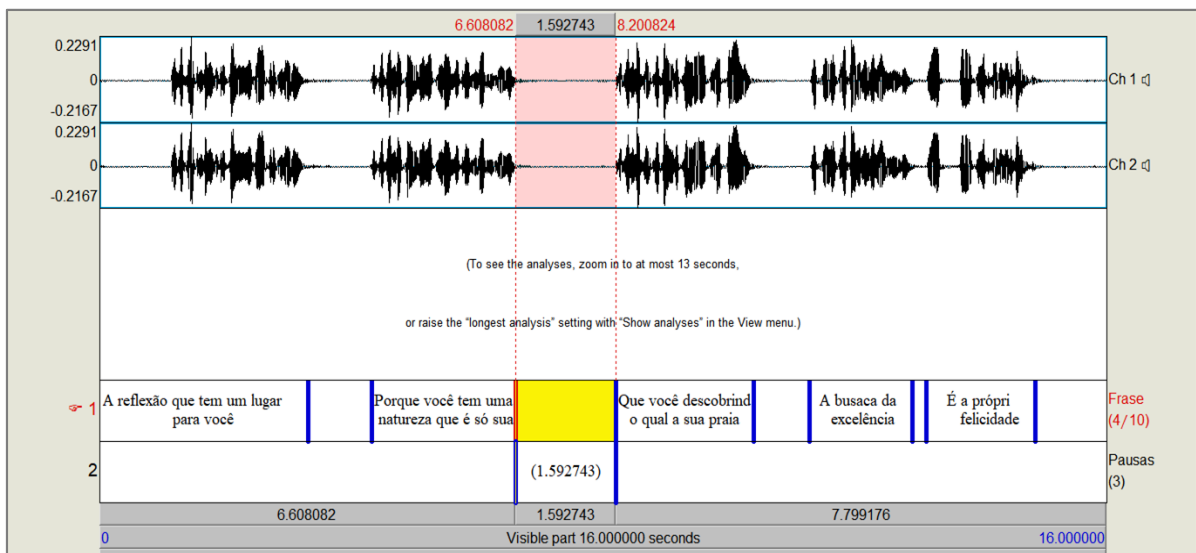
- (a) Se alguém acha que não pode (...) Ache os instrumentos para poder.
- (b) (...) Saiam da zona de conforto (...) Pense seriamente que tudo está em mudança, tudo está envelhecendo, tudo está passando, tudo aquilo que não está se expandindo está encolhendo.
- (c) (...) Superem essa ideia de sorte, azar, destino (...) introduzam a ideia de decisão, estratégia e trabalho...
- (d) Consciência é a chave de todas as transformações (...) Saibam quais as lutas que valem a pena. Por quê? Poque a vida oferece algumas lutas muito boas.

Esse fato demonstra certa regularidade na fala do Palestrante 1 e no seu uso de estratégias no momento de proferir enunciados que possuam caráter motivacional. Podemos sugerir esse fato com base na análise do que é dito minutos antes de o palestrante proferir a frase analisada e no momento depois. Levando em conta os valores encontrados, as pausas de maior duração possui cerca de 1,3348/s e 2,0254/s. É importante ressaltar que todas as ocorrências de pausas detectadas na fala do palestrante foram pausas silenciosas. Não foram detectadas, em nenhum momento, pausas não silenciosas (e.g.: hum..., hã...) ou preenchidas.

Em relação ao discurso produzido pelo Palestrante 2, podemos observar que a pausa é um elemento ainda mais constante na fala do orador se comparado à fala do Palestrante 1, apesar do Palestrante 2 possuir uma taxa de velocidade da fala mais alta do que a apresentada na fala do Palestrante 1. Esse fato se mostrou bem notório durante a análise da fala dos dois palestrantes.

Os resultados apresentados a seguir, extraídos do discurso do Palestrante 2, apresentam regularidades e valores encontrados na análise das frases que possuem um conteúdo motivacional (encorajamento e incentivo). Como podemos observar nas Tabelas 4 e 5 desta pesquisa, a pausa se mostrou um elemento frequente na fala do palestrante, mais ainda do que na fala do Palestrante 1. Se levarmos em consideração a curta duração dos enunciados, variando de 7 segundos a 13 segundos em média, há ocorrência de um número de pausas bastante notório. Como foi dito anteriormente, devemos deixar claro que a análise não leva em conta somente as frases motivacionais, mas as frases neutras que vêm antes e depois da frase classificada como motivacional proferida pelo palestrante. A seguir, observemos um exemplo retirado da fala do Palestrante 2 de um enunciado com considerável número de pausas:

Figura 4 – Anotações das informações de pausa na fala.



Fonte: Dados da pesquisa (Gerados no PRAAT).

Para a anotação das informações referentes à análise da frase “A reflexão de que tem um lugar para você, porque você tem uma natureza que é só sua, que você descobrindo qual é a tua praia, a busca da excelência é a própria felicidade”, foram inseridas duas camadas no textgrid. A primeira traz a informação que diz respeito à frase, enquanto a segunda camada

tem a informação da duração da pausa mais longa dentro da frase. A lacuna na cor amarela representa a pausa mais longa dentro da frase, e seu valor está registrado na segunda camada do textgrid, no valor de 1,592743/s.

É válido ressaltar que o palestrante usa a pausa como um recurso recorrente em sua fala, o que sugere a formação de uma estratégia na interação com o público. A sua fala apresenta pausas mais longas se comparadas às pausas do Palestrante 1, que possui a velocidade da fala menor em frases não-marcadas e persuasivas. O que vai contra a afirmação de Maclay e Osgood (1959) de que falantes mais competentes, tendem a falar mais rápido.

Neste enunciado de apenas 16 segundos, podemos identificar 5 pausas que auxiliam na organização da fala do palestrante. Esse padrão se mostrou recorrente, se observarmos os dados presentes na Tabela 4. A maioria dos enunciados, em média, possui um número de pausas que fica entre 3 a 5 ocorrências na fala de Clóvis Barros Filho. Um número menor de frases classificadas como motivacionais, cerca de 20%, apresentou apenas 1 a 2 pausas. Ou seja, os trechos de fala, que possuíam um número reduzido de pausas (1 a 2), eram reduzidas nas sentenças que possuíam caráter motivacional.

Se compararmos os dados obtidos na fala do Palestrante 1, podemos notar que há características semelhantes relacionadas às pausas no discurso do Palestrante 1 que foram encontradas nas falas do Palestrante 2. Isso se mostrou relevante na análise das pausas dentro das frases: o fato de que as pausas foram seguidas de verbos no imperativo:

- (a) Se você vai ser sempre o seu mais fiel espectador... Goste do que você faz!
- (b) Alegria (...) Seja alegria no trabalho, não fora dele. Alegria pelo que você faz. Não depois que acaba. Alegria pelo exercício profissional, não no descanso.
- (c) Eu sou diferente de você. O mundo que me alegra, não é o mesmo mundo que te alegra. Portanto (...) vá procurar a alegria no seu canto.

As pausas seguidas de verbos no imperativo, indicando comando, se mostram com frequência na fala do Palestrante 2, mesmo que em menor frequência, se comparadas com a ocorrência existente no discurso do Palestrante 1. Podemos afirmar, assim, que faz parte de uma estratégia dentro das habilidades retóricas dos conferencistas no momento da persuasão, ou seja, na tentativa de persuadir o seu interlocutor, tocá-lo profundamente, para que além de levá-lo a pensar como ele, ainda o admire. Como foi dito anteriormente nesta seção, a identificação desse fenômeno foi feita não só mediante a observação da frase motivacional em si, mas também das frases consideradas não-marcadas que vinham antes ou

depois da frase motivacional. Com base nas análises feitas da pausa na fala do Palestrante 2, as pausas de maior duração possuem cerca de 1,923936 s a 2,979900 s. Assim como na fala do Palestrante 1, cerca de 95% das pausas na fala do Palestrante 2 foram de pausas silenciosas. O palestrante raramente usou pausas não silenciosas, principalmente em pausas longas.

Em suma, a pausa é uma constante no que se refere à fala do orador. Ao tentar persuadir a plateia que o tem como figura de autoridade, a pausa acaba por se mostrar uma ferramenta importante na estruturação da fala e da formulação da mensagem que o orador deseja transmitir.

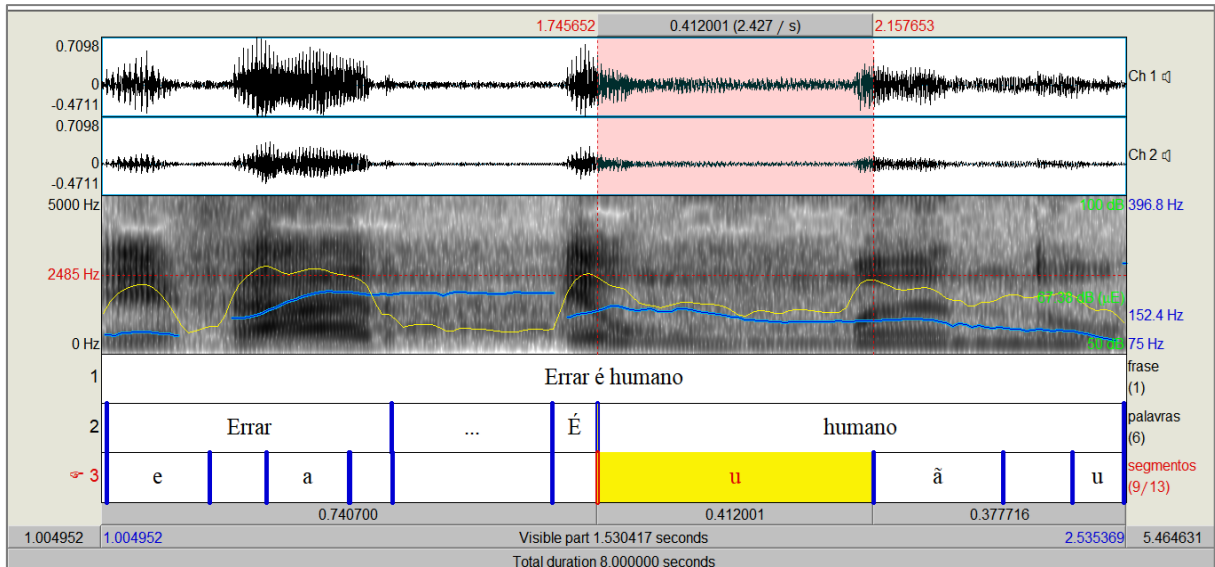
5.3 Duração e alongamento das vogais

Na literatura, o termo duração, estudado dentro da área da prosódia, é definido como a pronúncia de forma prolongada ou alongada de segmentos presentes na fala. Ela pode se manifestar na fala de duas maneiras distintas: desempenhando o papel de determinação do ritmo da fala mediante durações das sílabas, dos pés e dos grupos tonais; ou desempenhando a função de salientar unidades sintáticas e semânticas pela pronúncia alongada de um segmento (CAGLIARI, 1999)

A duração também pode contribuir para o desenvolvimento da entoação que é, comumente, definida como a organização de padrões de variação de graves e agudos, na cadeia da fala, durante os enunciados. A percepção da variação de graves e agudos na fala é conhecida como *pitch*. Segundo Barbosa (2016), o acento de *pitch* tem como função primária a proeminência de uma palavra fonológica. Esse acento, combinado com o ritmo da fala e os tons de fronteiras, os quais desempenham a função de segmentar a cadeia de fala em enunciados e sintagmas entoacionais, contribui para a expressão de atitudes, afetos, distinções ilocucionárias como perguntas etc.

Durante a análise do desenho melódico das frases proferidas pelo Palestrante 1, focando nas palavras que possuíam maior destaque dentro da frase, responsáveis pelas maiores curvas melódicas das frases, podemos observar um considerável alongamento das vogais. Estratégia usada pelo palestrante, possivelmente, para dar destaque àquela palavra que se torna mais proeminente e chamar atenção para aquilo que é dito. Vejamos esse fenômeno no seguinte exemplo:

Figura 5 – Anotação de alongamento vocálico dentro de uma sentença.



Fonte: Dados da pesquisa (Gerado no PRAAT).

Para anotações referentes às informações da Figura 5, foram inseridas três camadas no textgrid. A primeira camada exibe a informação referente à frase “ Errar é humano” com sua duração. A segunda linha contém a segmentação da frase em palavras com o valor de duração de cada uma. A terceira, por sua vez, registra as vogais presentes nas palavras com seus devidos valores de duração, *pitch* (linha azul) e intensidade (linha amarela). A lacuna destacada em amarelo está preenchida com a vogal [u], que possui maior duração na frase.

Nessa figura, gerada da análise realizada no software PRAAT, podemos ver o alongamento da vogal alta posterior arredondada [u] em uma fração de 0,412001 ms em uma frase que possui duração de 2,5353 ms. Esse seria um alongamento considerável, se levarmos em conta a extensão da frase e a duração da palavra ‘Humano’, que tem 0,789717 ms de duração dentro da sentença. Ou seja, mais da metade do tempo (52,17%) da realização da palavra recai sobre a vogal [u]. Verificamos essa ocorrência constante dentro das frases de caráter motivacional. Além da palavra *humano*, podemos citar como exemplos as seguintes ocorrências de alongamento de vogal:

- (a) **Conforto** [õ:]⁸
- (b) **Fundamental** [ũ:]
- (c) **Crise** [i:]

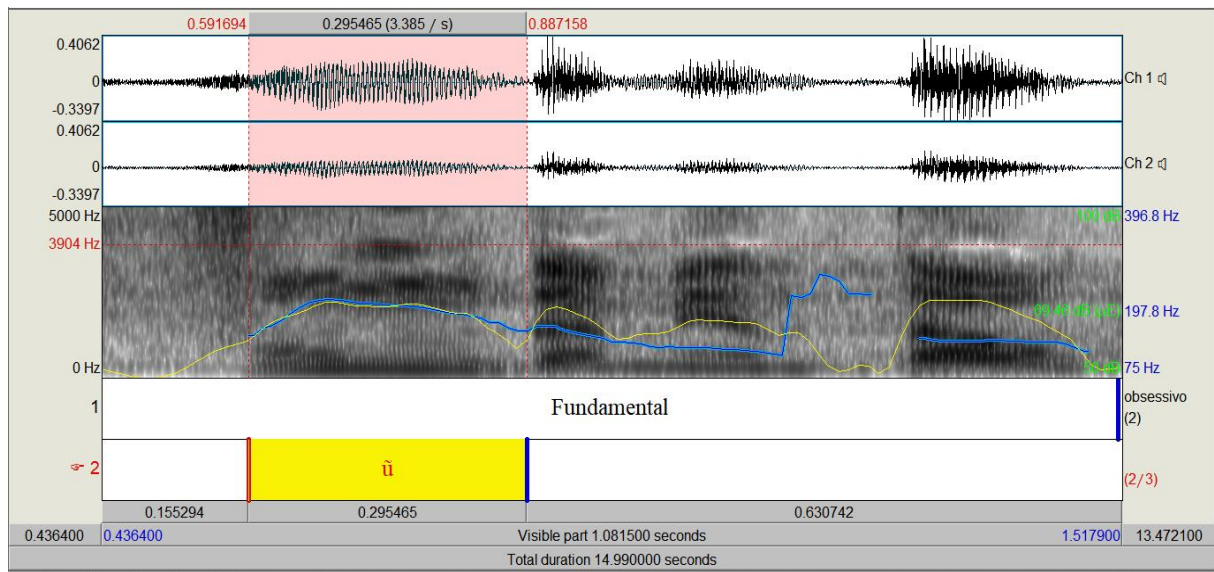
⁸ Os dois pontos (:) indicam o alongamento da sílaba nas palavras segundo o IPA.

(d) Atenção [ã:]

(e) Sorte [ɔ:]

As palavras proeminentes ‘Conforto’, ‘Fundamental’, ‘Crise’, ‘Atenção’ e ‘Sorte’ estão inseridas em enunciados de caráter motivacional e recebem ênfase dentro da frase proferida pelo palestrante. Os trechos de curvas formadas pelo acento de *pitch* e intensidade durante a pronúncia dessas palavras proeminentes têm sua forma organizada em torno da sílaba tônica de forma dinâmica. As vogais alongadas, com o acento de *pitch* mais alongados, acabam por influenciar no desenho melódico da frase. O desenho melódico do enunciado é um dos elementos responsáveis na produção da intenção na fala do sujeito. Identificamos esse padrão na fala do palestrante, ao proferir frases de caráter motivacional e destacando palavras-chave em sua fala:

Figura 6 - Anotação de alongamento vocálico dentro de uma sentença na fala de Leandro Karnal.



Dados da pesquisa gerado no PRAAT

Na figura 6, podemos perceber o alongamento da vogal [ũ] em um intervalo de 0,295465 ms em uma palavra que tem duração de 1,5179 s. Esse seria um alongamento considerável, se levarmos em conta a extensão da palavra ‘Fundamental’ pronunciada dentro de um trecho de fala que tem 14 s de duração. Verificamos essa ocorrência constante dentro das frases de caráter motivacional.

Além das palavras ‘Humano’ e ‘Fundamental’ e das demais listadas, podemos perceber o alongamento constante das vogais nos advérbios, uma classe de palavras usada com frequência pelo Palestrante 1. As vogais presentes nos advérbios se tornavam proeminentes ao sofrer alongamento, mesmo quando a vogal não fazia parte da sílaba tônica. Esse é outro fenômeno que será tratado mais adiante. É possível identificarmos o alongamento das vogais presentes na tabela 7:

Tabela 7 – alongamento das vogais em advérbios.

Adverbio	Vogal proeminente	Duração
Muito	/u/	1.5775
Nunca	/ũ/	0.8140
Mais	/a/	0.7635
Todo	/o/	0.6597

Fonte: Dados da pesquisa.

No que diz respeito ao prolongamento das vogais nas palavras presentes na fala do palestrante 2, usamos o mesmo procedimento utilizado na análise da fala do Palestrante 1. Para anotações referentes às informações da Figura 7, inserimos três camadas no textgrid. A primeira camada exibe a informação referente à frase “Alegria! Alegria no trabalho. Não fora dele” com sua duração, 9,8/s. Na segunda linha está a segmentação da frase em palavras com o valor de duração de cada uma. A terceira camada contém as vogais presentes nas palavras com seus respectivos valores de duração, *pitch* (linha azul) e intensidade (linha amarela). A lacuna destacada em amarelo está preenchida com a vogal /o/ que possui maior duração na frase.

Na figura 7, podemos notar o alongamento da vogal [o] em uma fração de 0,323187 ms em uma frase que tem como duração 9,8 segundos. Podemos considerar esse alongamento da vogal proeminente, levando em consideração a extensão da frase em que outras vogais também são alongadas. Podemos observar a ocorrência desse fenômeno de forma constante dentro das frases de cunho motivacional. As palavras que sofreram alongamento de vogal na frase são as seguintes:

- (a) Alegria [i:]
- (b) No [u:]
- (c) Trabalho [a:]

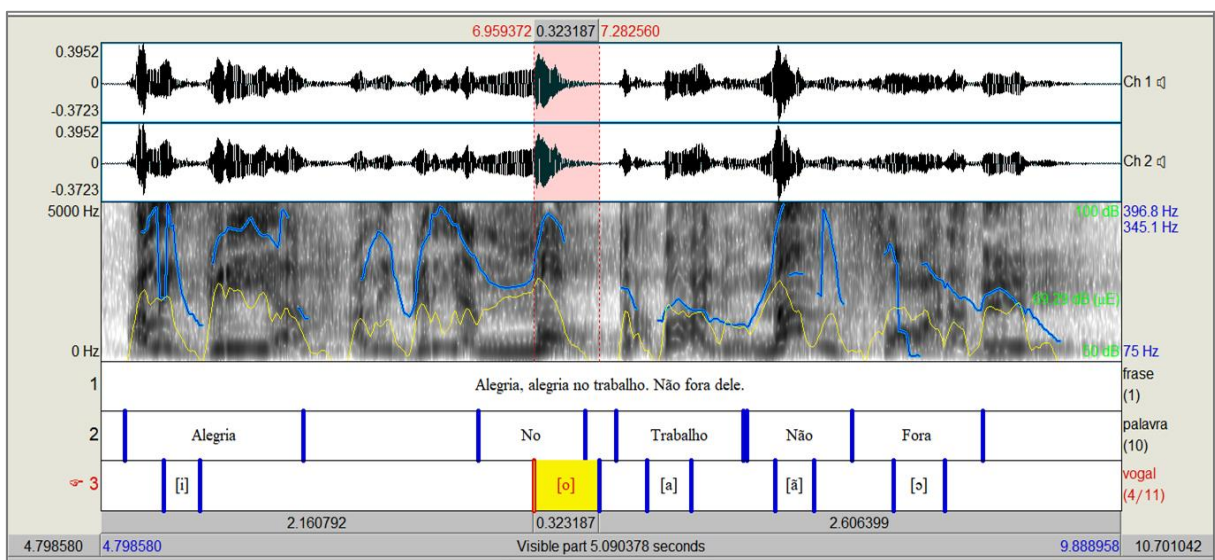
(d) Fora [ɔ:]

(e) Não [ẽw:]

As palavras com maior ênfase ‘Alegria’, ‘No’, ‘Trabalho’, ‘Não’ e ‘Fora’ estão dentro de frases com conteúdo motivacional e recebem destaque sobre o que é dito. Os trechos de curvas formadas pelo acento de *pitch* e intensidade durante a pronúncia das palavras em destaque têm sua forma organizada em torno da sílaba tônica de forma dinâmica. As vogais que sofrem alongamentos, com o acento de *pitch* e intensidade mais alongados, influenciam e acabam por moldar o desenho melódico da frase. Como foi dito anteriormente, o desenho melódico da frase é um dos elementos responsáveis no momento da expressão das intenções do orador em sua na fala. Além de encontrarmos esse padrão na fala do Palestrante 1, com maior frequência, também notamos o mesmo padrão na fala do Palestrante 2 quando este destacava palavras-chave em sua fala.

Quanto à classe de palavras destacadas com maior frequência na fala do Palestrante 2, podemos apontar os advérbios como as palavras que são enfatizadas com maior regularidade. As vogais alongadas na frase também provocavam, muitas vezes, o deslocamento da sílaba tônica na palavra pronunciada dentro da frase de caráter motivacional:

Figura 7 – Anotação de alongamento vocálico dentro de uma sentença na fala de Clóvis de Barros Filho.



Fonte: Dados da pesquisa.

Outro fenômeno que surgiu em decorrência do alongamento das vogais e o acento de *pitch* é o deslocamento da sílaba tônica em palavras de maior proeminência dentro da frase

motivacional. Por vezes, quando uma palavra se repetia ou recebia maior destaque em um enunciado, a palavra tinha sua sílaba tônica alterada, sendo que o acento de *pitch* e a intensidade se organizavam em torno dessas sílabas tônicas que sofreram alterações por parte da estratégia do palestrante de enfatizar um termo chave:

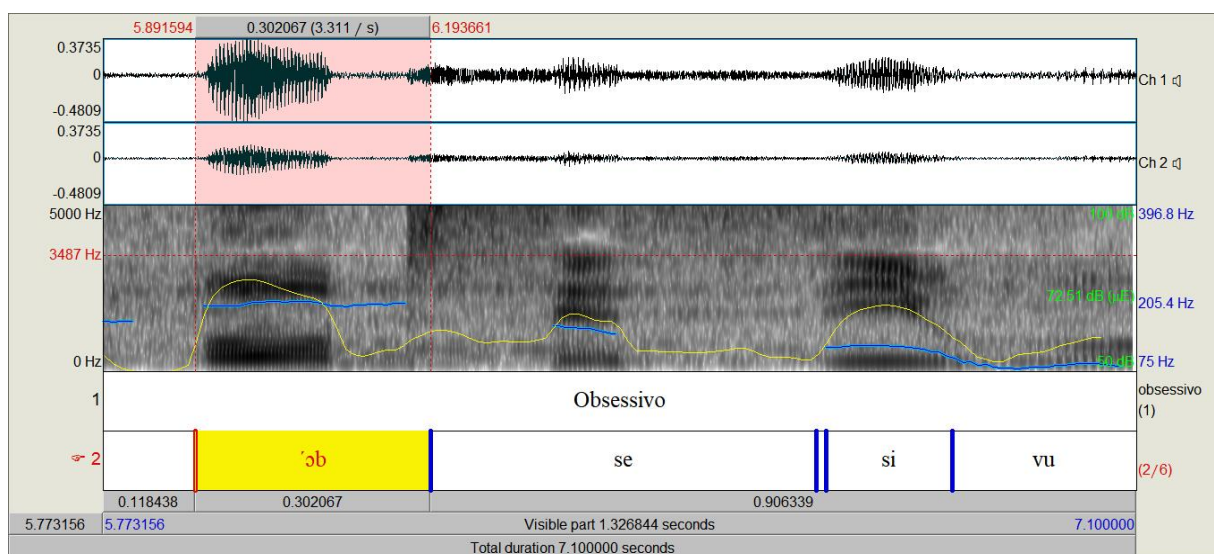
Tabela 8 – Lista de palavras com deslocamento de sílaba tônica proferidas pelo Palestrante 1.

Palavra	Sílaba modificada	Duração sílaba
Humano	H umano	0.789717
Obsessivo	O bsessivo	0.183767
Fundamental	F undamental	0.281940

Fonte: Dados da pesquisa.

Na Figura 8, podemos ver esse fenômeno de forma mais clara. No espectrograma, observamos a ênfase dada à primeira sílaba [ɔb], enquanto, normalmente, a sílaba [si] seria a tônica da palavra ‘obsessivo’. A linha amarela representa o desenho melódico da intensidade da pronúncia dos segmentos proferidos pelo palestrante. O maior pico de intensidade é visto na sílaba [ɔb], com aproximadamente 75 dB, enquanto a intensidade da sílaba [si] fica em torno de 205,4 Hz. Outro elemento a ser levado em conta é o *pitch*, representado pelas listras azuis na figura. O *pitch* da sílaba [ɔb] é de 205,4 Hz (a mais alta na palavra), enquanto a sílaba [si] apresenta um *pitch* de aproximadamente 100 Hz:

Figura 8 – Mudança de sílaba tônica em uma palavra.



Fonte: Dados da pesquisa.

Nas anotações das informações concernentes à palavra contida na Figura 8: “Obsessivo”, foram inseridas três camadas no textgrid. A primeira traz a palavra que foi retirada de uma frase com conteúdo motivacional; a segunda camada mostra a segmentação da palavra ‘obsessivo’ e a terceira camada registra o destaque dado na pronúncia da vogal [ɔ], que possui o maior tempo de duração e o maior valor de *pitch* e intensidade.

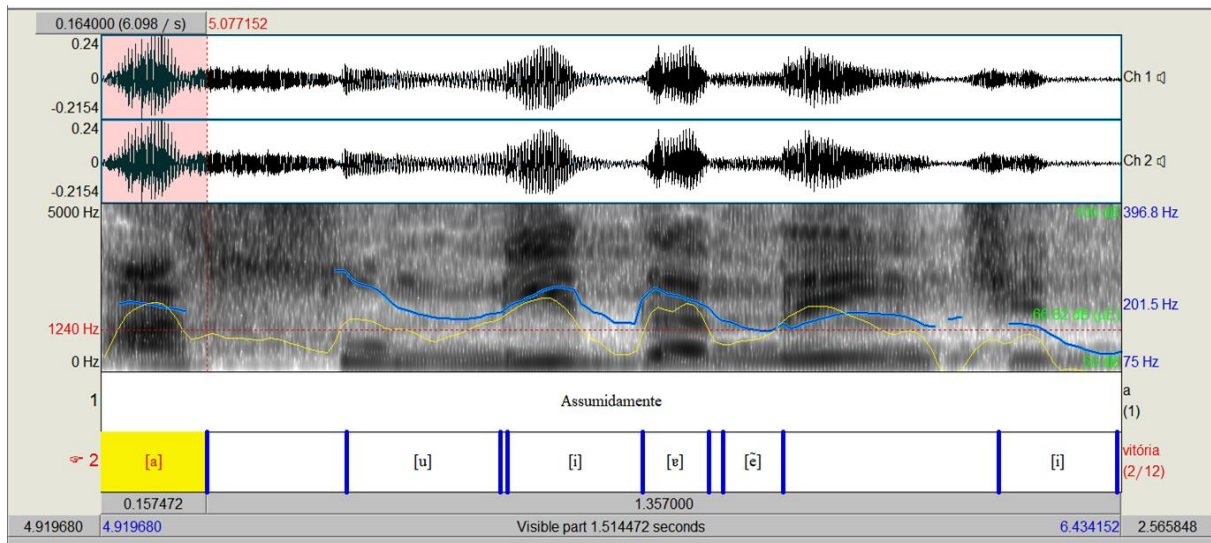
Como essa era a característica que o palestrante queria destacar em sua fala, quando diz que “Para eu resolver um problema, para eu resolver qualquer coisa, eu preciso de um otimismo obsessivo”, ele acaba usando dessa estratégia para enfatizar a característica que deve ser enaltecida no comportamento humano. Nesse momento de sua fala, pela proeminência da sílaba, chama atenção por essa mudança na sílaba tônica e alongamento da vogal /ɔ/.

Em síntese, o alongamento das vogais influencia significativamente na melodia da frase e das palavras pronunciadas pelo palestrante, fazendo com que ele chame atenção para aquilo que é dito e para a mensagem que se deseja transmitir mediante os destaques de uma determinada vogal dentro de uma palavra. O deslocamento da sílaba tônica também demonstrou ter a mesma função do alongamento da vogal dentro de uma palavra. Geralmente, as palavras que têm vogais alongadas ou a tônica mudada de posição estão ligadas ao mesmo campo semântico de palavras que tem um papel importante dentro da frase que carrega conteúdo motivacional, por exemplo, ‘superação’, ‘sorte’, ‘otimismo’ e ‘mudança’.

Podemos observar esse fenômeno, por vezes, na fala do Palestrante 2. Na Figura 9, temos um exemplo de palavra analisada com o uso do espectrograma, em que ocorre o deslocamento da sílaba por conta do alongamento da vogal e intensidade do som da fala. No momento da análise, averiguamos que na palavra ‘assumidamente’, a qual é transcrita normalmente da seguinte forma [asumida’mētʃi], a sílaba tônica passa a ser a primeira, podendo ser transcrita da seguinte forma [‘asumidəmētʃi]. As curvas de cor amarela na imagem abaixo representam a intensidade da fala, o que ajuda no desenho melódico da fala.

Ao analisarmos a palavra no espectrograma, podemos ver que ocorre um declínio do *pitch*, representado pelas curvas das linhas azuis, a partir da vogal [u], fazendo com que a vogal [a] ganhe mais destaque. No espectrograma, o desenho melódico da vogal [a] está destacado em vermelho:

Figura 9 – Mudança de sílaba tônica em uma palavra.



Fonte: Dados da pesquisa.

A fim de fazermos as anotações das informações referentes à palavra transcrita na Figura 9: ‘assumidamente’, foram inseridas duas camadas no textgrid. A primeira linha contém a palavra extraída de uma frase classificada em nossa seleção como motivacional. A segunda camada traz a divisão das vogais presentes na palavra ‘assumidamente’. A vogal [a] está destacada de amarelo porque é a vogal pronunciada com maior intensidade.

Esse era o termo que o palestrante, possivelmente, gostaria de destacar em sua fala no momento em que expressou o seguinte pensamento: “A vida que de fato vale a pena é a vida assumidamente dedicada ao outro.” Nesse trecho do seu discurso, o Palestrante 2 falava que a vida só tinha sentido se ela fosse dedicada ao outro e para deixar essa ideia ainda mais forte, se valeu do advérbio ‘assumidamente’, no sentido que o indivíduo tem de assumir esse tipo de vida para si. Ao proferir o advérbio ‘assumidamente’ deslocando a sílaba tônica da palavra, ele chama atenção para esse termo e para o significado que ele exprime na frase.

O padrão descrito acima é algo constante dentro da fala dos palestrantes e se apresenta, possivelmente, como uma técnica para fixar a atenção do ouvinte naquilo que é dito pelo conferencista. As frases são organizadas entre pausas, latência, alongamento das vogais e e modificação na tônica das sílabas de uma palavra. Podemos apontar esse fato como algo bastante recorrente no discurso do palestrante.

Em suma, o alongamento das vogais contidas nas palavras interfere de forma significativa no delineamento da melodia da frase, fazendo com que ele chame atenção para aquilo que é dito e para a mensagem que se deseja transmitir ao público para que a persuasão

seja alcançada. O deslocamento da sílaba tônica também é um fenômeno influenciado pelo alongamento da vogal nas palavras

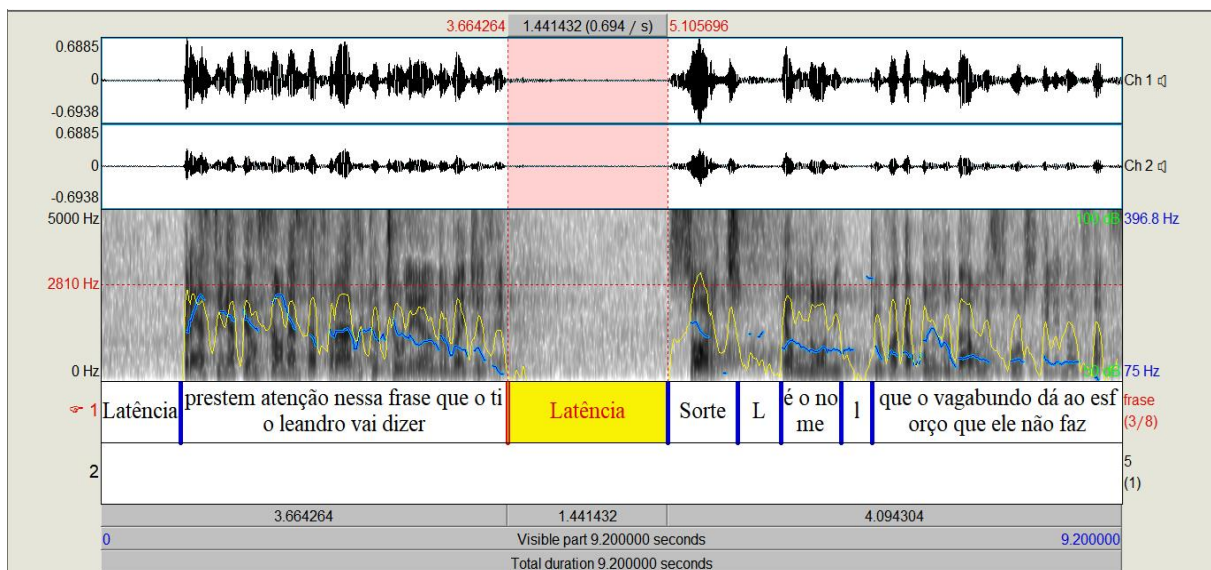
5.4 Latência

Nesta pesquisa, trabalhamos também a duração da latência dentro da fala, de sentenças proferidas pelo palestrante, levando em conta o fim de uma frase e o início de outra. Segundo Maclay e Osgood (1959), a latência pode indicar uma espécie de processo cognitivo para que alguém possa organizar, rapidamente, aquilo que será dito e como será dito.

Esse elemento prosódico se mostrou de grande importância na organização do discurso dos conferencistas. Notamos sempre a ocorrência de longas latências entre uma frase e outra. Os valores mais baixos de latência foram encontrados fora das frases que possuem conteúdo motivacional.

O menor valor de latência encontrado dentro de frases motivacionais persuasivas no discurso do palestrante 1 possuía um valor de 0,6685ms, enquanto a de maior duração foi de 2,4414 ms. Geralmente, dentro das frases de conteúdo motivacional, as latências seguiam certa frequência e estabilidade. Um exemplo de latência de longa duração, se comparada com as demais, é a seguinte:

Figura 10 – Registro de latência de longa duração dentro da frase motivacional proferidas pelo Palestrante 1.



Fonte: Dados da pesquisa.

Durante as anotações referentes à frase presente na Figura 10, foi inserida apenas uma camada no textgrid que traz a frase motivacional proferida pelo palestrante: “Prestem atenção nessa frase que o tio Leandro vai dizer... Sorte é o nome que o vagabundo dá ao esforço que ele não faz”. A parte destacada em amarelo diz respeito ao período de latência no intervalo de uma frase para outra.

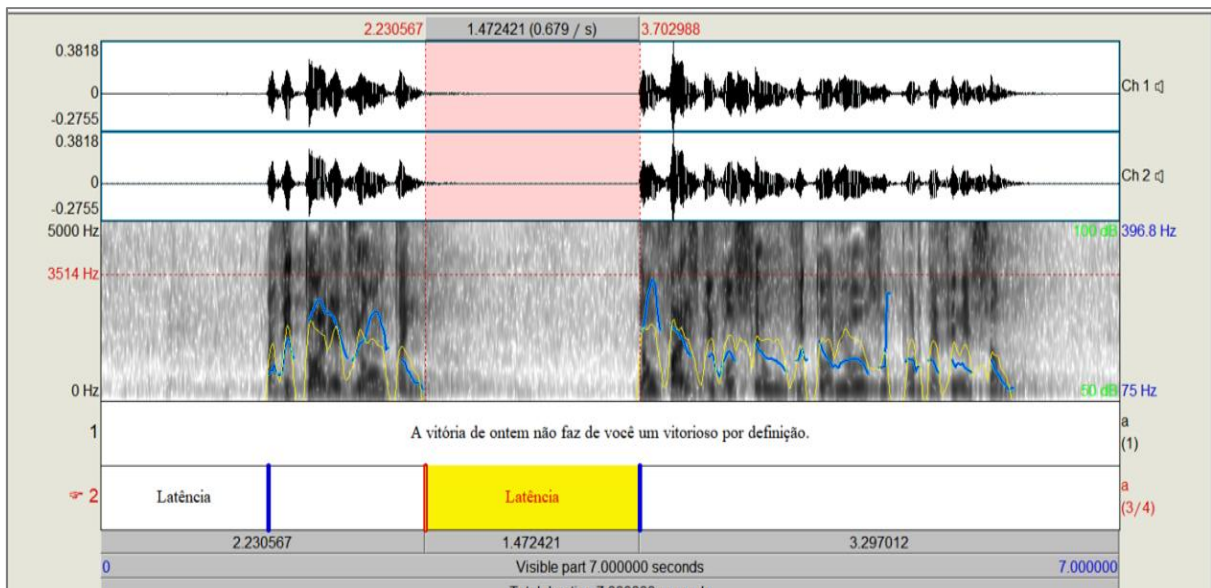
Nessa figura, observamos que a latência pode ser considerada de longa duração, uma vez que atinge o valor de 1,441432/s e está dentro de uma frase que possui apenas 9.2000/s. Uma particularidade notada na latência é a amplitude da intensidade, representada no espectrograma pela linha amarela. Logo no início da frase, a intensidade atinge um valor acima de 2810Hz, valor mais alto apontado no espectrograma apontado pela linha vermelha. Após um período de latência, foi verificado um início de frase com elevada intensidade.

Pela presença constante da latência na elaboração do discurso, podemos inferir que ela faz parte de estratégias retóricas utilizadas pelo palestrante. A latência foi observada logo após o uso de uma frase de conteúdo motivacional. Muitas vezes, ela era percebida, com maior frequência, após uma pergunta ou uma frase no imperativo.

Em relação ao discurso proferido pelo Palestrante 2, esse elemento prosódico se mostrou também relevante na organização do discurso do conferencista, uma vez que esse recurso era usado em momentos em que o palestrante se dirigia ao público com mensagens motivacionais. Notamos sempre a ocorrência de longas latências entre uma frase e outra. Os valores mais baixos de latência foram encontrados fora das frases que possuem conteúdo motivacional, ou seja, naquelas consideradas neutras. Durante as análises realizadas no PRAAT, as frases não-marcadas se mostraram com menos variações de ritmo e de intensidade da fala.

No que diz respeito à fala de Clóvis Barros Filho, apontamos como o menor valor de latência 0,779994 ms, encontrado em uma frase de cunho motivacional, enquanto o maior valor de latência apresentado foi de 2,979900/s. Assim como nas falas do Palestrante 1, a taxa de ocorrência da latência seguiu determinada frequência e constância:

Figura 11 – Registro de latência de longa duração dentro da frase motivacional.



Fonte: Dados da pesquisa.

Durante as anotações referentes à frase presente na Figura 11, foi inserida apenas uma camada no textgrid que traz a frase motivacional proferida pelo palestrante: “A vitória de ontem não faz de você um vitorioso por definição”. O trecho destacado em amarelo no espectrograma se refere à duração da latência que acontece no intervalo de uma frase para o outro.

Nessa figura, observamos que a latência pode ser considerada de longa duração, uma vez que atinge o valor de 1,472421/s e está dentro de uma frase que possui apenas 7/s. Podemos notar no espectrograma que, no espaço representado pela latência, há ausência de *pitch* e intensidade representados respectivamente pela linha azul e amarela, uma vez que há ausência total de registro de som.

Além de aprofundar posteriormente os tópicos abordados, nesta análise, será explorada a velocidade da fala, um elemento fundamental para a compreensão da modelação da fala, apesar de receber menos atenção de pesquisadores e existir menos exemplos de estudos envolvendo a velocidade da fala na literatura, em comparação com outros elementos prosódicos como a entoação.

5.5 Velocidade da Fala

A velocidade da fala mostrou-se um elemento bastante significativo durante as análises das falas dos dois participantes desta pesquisa, visto que auxiliou na diferenciação do estilo de cada um deles. Como foi dito na seção anterior sobre elementos prosódicos, a

velocidade da fala é um elemento prosódico que está relacionado à quantidade de fala do sujeito, ou seja, a duração de sílabas, palavras e sentenças proferidas dentro de uma unidade de tempo, seja ela minuto ou segundo. O estudo de Antunes (2007) que tinha como foco a análise de expressão de atitudes do falante em seu discurso, pontuou a importância das taxas de articulação e de elocução no estudo atitudinal da fala do indivíduo.

A taxa de elocução diz respeito à duração do tempo em que um som é propagado em determinada unidade de tempo. De acordo com Kent (2016), quando a taxa de elocução torna-se mais elevada, a duração dos elementos que constituem a fala diminui. Ou seja, quando o sujeito fala de forma mais acelerada, a duração do enunciado tende a diminuir. É sabido que essa alteração da taxa de elocução durante a fala de uma pessoa pode afetar o enunciado em vários níveis, apesar de não haver um consenso entre os estudiosos de como isso realmente acontece. Um exemplo que podemos citar, de acordo com o autor, são as diferenças devido à oscilação na taxa de elocução durante a fala, é a interação entre vogais e consoantes, entre sílabas acentuadas e sílabas átonas etc. Quando um enunciado atinge taxas de elocução muito rápidas, alguns segmentos da fala podem ser apagados, inclusive sílabas átonas.

De acordo com Lopes e Lima (2014), a velocidade de fala, sendo um elemento prosódico, pode ser medida pelo número de sílabas contidas em uma fala ou sentenças, sofrendo modificações com base no contexto da situação comunicacional. Durante a fala do sujeito que articula a velocidade da fala, é possível observar a ênfase dada em alguns pontos de seu discurso. Dessa forma, a velocidade de fala pode ser mensurada mediante o número de sílabas por segundo (s/s), ou seja, o cálculo é produzido com base na duração total do segmento de fala dividido pela quantidade de sílabas.

Segundo Kente (2015) e Barbosa (2016), a competência de um falante pode ser analisada com base em sua habilidade de emitir um enunciado em diversas taxas diferentes de elocução, compreendendo desde as mais lentas, moderadas e mais rápidas. Geralmente, essas oscilações são observadas pelo ouvinte produzindo diferentes efeitos de acordo com diferentes percepções daquilo que é dito no discurso do falante. Um fenômeno considerado fruto dessa variação na fala do sujeito é a mudança de sílaba tônica, por exemplo, dentro de uma palavra. Porém, esse elemento deve ser analisado em conjunto com outros recursos prosódicos como intensidade e *pitch*.

É sabido que as variações de velocidade da fala dentro de uma sentença ou do discurso possibilitam a identificação da ênfase e da relevância daquilo que o sujeito deseja expressar em sua fala, com base na aceleração ou diminuição da velocidade da fala em uma

sentença. Com base nos estudos de Massini-Cagliari; Cagliari (2001) a fala acelerada de um sujeito pode indicar a não ênfase naquele momento do discurso, evitação de intromissões por parte do ouvinte etc. Enquanto a fala desacelerada pode ser indício de destaque naquilo que é dito ou pode indicar a finalização do discurso, o fechamento de uma ideia.

Em estudos que utilizam a variável da velocidade da fala como fator a ser analisado para a compreensão do discurso, são utilizados, muitas vezes, a contagem de articulação de sílabas, pelo falante, por unidade de tempo (minutos, segundos). Assim, podemos observar a velocidade da fala de um determinado sujeito, dentro de seu estilo e as estratégias comunicativas.

Um dos fatores levados em conta nessa pesquisa é a desaceleração da velocidade da fala com o passar da idade. Kent (2015) e Barbosa (2019) apontam para esse fato, pois afirmam que esse fenômeno ocorre à medida que o indivíduo envelhece. Ou seja, quanto mais idoso, menor a velocidade de fala. Temos que levar em consideração o sexo também pois homens e mulheres possuem características diferentes na emissão da voz. Os homens têm uma velocidade da fala mais rápida, se comparados com as mulheres. Eles possuem uma taxa de elocução de 4,79 s/s em média, enquanto elas possuem uma taxa de 4,50 s/s em média.

É válido salientar que nesta pesquisa, no momento da análise envolvendo velocidade da fala, consideramos os valores das pausas, com exceção das silenciosas, ou seja, a pausa que não possui algum som como interjeição etc., que é o caso das pausas consideradas preenchidas. Para se referir a esse tipo de velocidade da fala, usaremos o termo comum na literatura de taxa de elocução que leva em conta no momento da análise das pausas. Também levamos em conta a variável idade, por isso escolhemos sujeitos na mesma faixa etária.

De acordo com Barbosa (2019) a velocidade da fala está relacionada, muitas vezes, a elementos externos e internos de uma língua. Por essa razão, esses elementos devem ser controlados durante a análise, pois podem interferir nos resultados. Alguns autores defendem a ideia de que fatores como significado, dimensão das palavras e aspectos semânticos têm a capacidade de influenciar na velocidade da fala. As emoções (ansiedade, raiva, alegria, medo, etc) apresentadas pelo falante também podem interferir na velocidade da fala, porém essa variável é a de mais difícil controle.

Nesta pesquisa, ao analisarmos a velocidade da fala dentro dos 37 enunciados extraídos dos discursos motivacionais do Palestrante 1 e do Palestrante 2, levamos em conta não só as frases consideradas motivacionais, mas também aquelas classificadas como neutras que antecediam ou sucediam as motivacionais. Logo de início, notamos uma diferença considerável entre a velocidade de fala, pois o Palestrante 2 obteve uma taxa de elocução um

pouco superior a do Palestrante 1. O primeiro alcançou a taxa mais alta de 4,7 s/s e o segundo alcançou 4,5 s/s. Vejamos a diferença na Tabela 9:

Tabela 9 – Maior e menor taxa de elocução referente à velocidade de fala no discurso dos participantes.

	Velocidade da fala mais alta	Velocidade da fala mais baixa
Palestrante 1	4.5 s/s	3.2 s/s
Palestrante 2	4.7 s/s	2.5 s/s

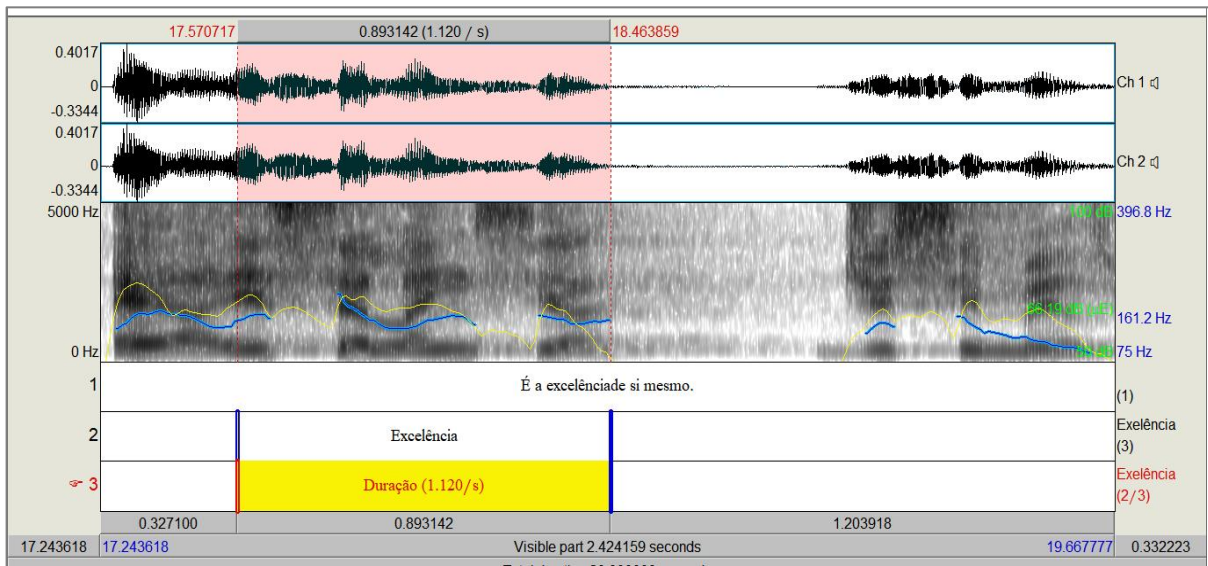
Fonte: Dados da pesquisa.

Podemos observar que existe uma diferença mínima entre a taxa de elocução concernente à velocidade da fala mais alta entre os conferencistas. Os palestrantes, ao proferirem as frases de cunho motivacional, acabam por apresentar características semelhantes na entonação e desenho melódico da fala. As falas mais rápidas dos dois palestrantes foram encontradas nas falas consideradas não-marcadas, que ocorriam antes ou depois da frase com conteúdo motivacional.

Em relação aos enunciados com velocidade da fala mais baixa, ela foi encontrada com maior frequência em enunciados classificados como motivacionais nesta pesquisa, principalmente em enunciados que exprimiam ordens. A velocidade mais lenta, como mostrado na tabela, alcançou a taxa de 2,5 s/s por parte do Palestrante 2 e 3,2 s/s na fala do Palestrante 1. Isso indica uma diferença relevante dentro da análise acústica.

Podemos observar os efeitos de uma taxa de elocução mais rápida e de uma taxa de elocução mais lenta sobre o enunciado, bem como na forma como é delineado e como os elementos são distribuídos dentro de uma sentença que possui uma duração específica, seja ela de longa ou de curta duração. Nas figuras 12 e 13, podemos observar a diferença na forma como a palavra ‘excelência’ é pronunciada dependendo da velocidade da fala adotada pelo palestrante:

Figura 12 - Registro de taxa de elocução de uma palavra em uma frase motivacional do Palestrante 1.

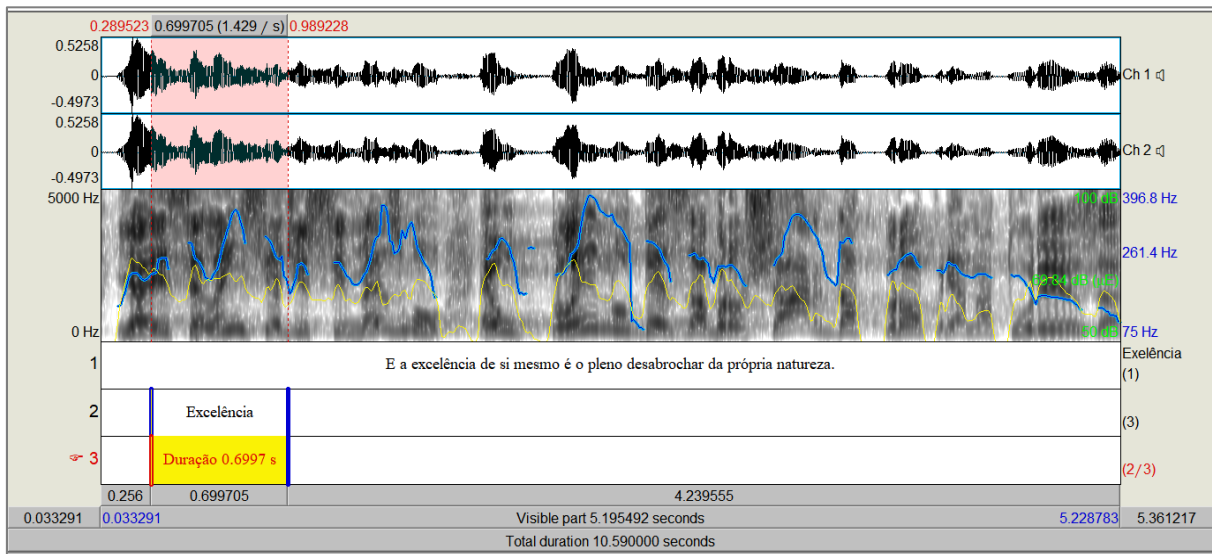


Fonte: Dados da pesquisa.

Como podemos ver, a figura 12 possui três camadas de textgrid: a primeira contém a frase; a segunda registra a palavra; e a última, a duração da palavra. A duração total da palavra ‘excelência’ nessa frase é de 1,120/s, o que pode ser considerada uma emissão breve, visto que a frase possui 19 segundos. Pelo desenho do espectrograma, podemos notar que trata-se de uma frase que possui poucas pausas em sua sequência de sons. A fala do sujeito possui uma taxa de elocução baixa, se comparada com frases que possuem mais pausas e uma taxa de elocução menor. Como foi dito anteriormente, quanto mais rápida a frase é pronunciada, menor a taxa de elocução, o que é o caso da frase em foco que traz a palavra ‘excelência’ pronunciada de forma rápida.

A figura 13 traz outra frase na qual a palavra ‘excelência’ novamente está presente, porém, com uma duração um pouco mais baixa de 1,094/s: “A excelência de si mesmo é o pleno desabrochar da própria natureza”. A frase possui menos pausas se comparada à frase apresentada na figura 12, o que indica uma taxa de elocução menor, visto que a frase é pronunciada de forma mais rápida. Se comparada à frase representada na figura 12, a taxa de elocução é maior, visto que à medida que a taxa de elocução aumenta, a duração dos componentes da frase fica menor. É o que se verifica na Figura 13:

Figura 13 - Registro de taxa de elocução de uma palavra em uma frase motivacional do Palestrante 2.



Fonte: Dados da pesquisa.

Dessa forma, podemos observar que a diferença na taxa de elocução entre uma frase e outra pode mudar a ênfase de um termo em específico que seja usado de forma recorrente em um discurso. A palavra ‘excelência’ é um termo usado com frequência durante o discurso do Palestrante 1 e do Palestrante 2, porém, pronunciada de formas distintas dependendo do que se pretende enfatizar em determinado momento da fala.

Assim como em relação as pausas produzidas nos enunciados, em média de 3 a 5 pausas produzidas nas frases motivacionais, os valores obtidos em relação à velocidade da fala entre os dois sujeitos da pesquisa não foram muito discrepantes. Ambos tiveram taxas de elocução parecidas. Esse recurso esteve bastante presente na fala dos palestrantes e variando dentro de seus discursos. Esse elemento mostrou-se importante para a construção de técnicas da oratória, uma vez que nos permitiu identificar momentos de ponderação dos palestrantes a respeito do que seria dito, de acordo com o feedback do auditório.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo investigar a relação entre elementos prosódicos na construção do gênero palestra motivacional, e buscava, como um de seus propósitos, Identificar regularidades de aspectos prosódicos na produção oral no gênero palestra motivacional mediante análise acústica. As palestras analisadas foram ministradas pelo Palestrantes 1 e pelo Palestrante 2, ambos conhecidos por serem professores renomados, por suas palestras e por suas habilidades com a retórica.

No tocante as análises, elas foram realizadas a partir de dois vídeos, um de cada palestrante, com duração de 60 min cada um. Foram selecionados e, então, extraídos, desses dois vídeos, trechos específicos nos quais os palestrantes emitiam frases de motivação, encorajamento, direcionamento, súplicas e sugestões, referentes ao crescimento e ao desenvolvimento profissional dos espectadores que procuravam aperfeiçoar suas habilidades no trabalho. Assim, presumivelmente, eles se tornariam profissionais mais capacitados ao aderirem às ideias contidas no discurso dos palestrantes.

Em relação à estrutura do gênero palestra motivacional, notamos que sua estrutura tem suas especificidades. Primeiramente, ocorre a apresentação do palestrante como figura de autoridade, uma vez que o conferencista é apresentado por um anfitrião à audiência com todos seus atributos e títulos acadêmicos, o que distancia o palestrante da plateia, pois esse é visto como alguém que está ali presente para compartilhar seus conhecimentos e experiências com os espectadores, ou seja, é detentor do conhecimento pelo fato de ter se aperfeiçoado e ter vivido situações que superaram com base em suas potencialidades. Ao se dirigir à plateia, o palestrante se mostra carismático e conselheiro, nunca de forma coercitiva, ele apresenta seu pensamento e opinião de uma forma sutil.

No que diz respeito aos aspectos expressivos do texto oral, percebemos a predominância de sequências expositivas, uso de frases de efeito, inserção de relato de experiências e presença de intertextualidade. Podemos afirmar que há uma visada injuntiva (menos frequente) na fala do palestrante, ou seja, ele tenta provocar mudanças de atitude, comportamento ou pensamento por parte da plateia. Porém, o comando não é explícito na fala do conferencista ou coercitivo, mas, sim, de forma velada.

Ao longo de suas falas, os palestrantes expõem suas opiniões na forma de sugestão, conselhos, que seriam responsáveis por uma mudança de atitude ou adesão dos conselhos por parte dos ouvintes, de modo que fique subentendido. Isto é, o palestrante faz o aconselhamento a fim de que os espectadores tirem suas próprias conclusões, ou,

simplesmente, o palestrante os conduza a captar o cerne da mensagem. Dessa forma, é esperado que o auditório tire suas próprias conclusões e opere mudanças em seus hábitos. É válido salientar que a pesquisa não tem o intuito de comprovar a efetividade da persuasão por parte dos palestrantes, mas, sim, a sua presença, que é parte constitutiva do gênero. Analisamos como os palestrantes organizam suas falas mediante elementos prosódicos para transmitir seus pensamentos à plateia.

Em relação aos elementos prosódicos analisados na fala dos palestrantes, percebemos mudanças e oscilações de tais elementos: *pitch*, volume (intensidade), latência e pausa na fala dos palestrantes, se compararmos as falas não-marcadas e as frases carregadas de conteúdo motivacional. As frases que indicam conselho, ordem, advertência, súplicas e direcionamento possuem maior pico de *pitch*, intensidade, maior número de pausas e variação na velocidade da fala.

Sobre a duração, observamos que há diminuição da velocidade da fala por parte dos palestrantes em frases que possuem conteúdo motivacional, as quais são marcadas por um número considerável de pausas se considerarmos o tempo de emissão de cada período. A diminuição da velocidade da fala e as inúmeras pausas adotadas na fala dos conferencistas podem ser interpretadas como estratégias para chamar ou prender ou chamar a atenção do espectador para aquilo que é dito.

No que se refere à intensidade e ao *pitch* nas frases analisadas, proferidas pelos palestrantes, podemos notar, nesse estudo, que esses elementos prosódicos têm valores mais elevados em frases em que há presença de conteúdo motivacional do que nas frases consideradas neutras.

Por último, o parâmetro prosódico velocidade da fala mostrou-se um elemento constantemente presente na fala dos palestrantes, permitindo que fosse possível observarmos momentos em que os conferencistas ponderam sua fala ou, segundo a literatura aqui abordada, organizam rapidamente aquilo que será dito a seguir. A diminuição ou aumento da velocidade de fala, obtida através da medida da taxa de elocução, nos permitiram também constataremos momentos de ênfase em determinada frase ou termo usados pelos palestrantes.

Mediante a análise acústica das palestras selecionadas para o *corpus*, evidenciamos o papel da prosódia como um elemento importante para a efetividade do discurso e da argumentação dos palestrantes. Esses elementos contribuem diretamente para a construção do sentido e da persuasão direta do discurso.

Apesar desta pesquisa ter se detido a estudar alguns aspectos prosódicos relacionados à estruturação do gênero discursivo palestra motivacional, ainda restam

questões a serem estudadas acerca do tema. O estudo envolvendo análise acústica e prosódia ainda está em expansão e, por isso, possui lacunas a serem preenchidas. Em relação à persuasão, podemos nos questionar, para pesquisas futuras, sobre se é possível estabelecer graus de persuasão de acordo com diferentes gêneros discursivos, ou estabelecer níveis de persuasão. Também seria interessante o estudo de gêneros discursivos mediante análise acústica, ao invés de um estudo que limita-se apenas ao gênero escrito.

Assim, as questões mencionadas acima ficam como lacunas a serem preenchidas em pesquisas futuras, até mesmo em uma futura tese de doutorado. Para fazer pesquisas na área de análise acústica é preciso articular uma gama de conhecimentos fonéticos e fonológicos, além do desenvolvimento metodológico rigoroso que requer precisão nos procedimentos para coleta e análise de dados. Este estudo apresenta uma contribuição nos estudos ligados à linguística textual, fonética acústica e áreas afins, objetivando estimular as pesquisas na área.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE-GNERRE, M. B. M. **Simplificação e Complicação de Estruturas silábicas no Português: Duas tendências em conflito?** Em: Atas do II Encontro Nacional de Linguística, Rio de Janeiro: Departamento de Letras/PUC, 1978.
- AMOSSY, Ruth. **Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares.** Trad. Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. In: EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n. 1, nov. 2011, p. 129-144.
- ANTUNES, L. B. **O conceito das atitudes na literatura prosódica.** *Asa-Palavra*, Brumadinho, v. 5, p.107-125, 2006.
- _____. **O papel da prosódia na expressão de atitudes do locutor em questões.** 306f. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- _____. AUBERGÉ, V. **Análise prosódica da certeza e da incerteza em fala espontânea e atuada.** *Revista Diadorim*, 18, 2015.
- ARISTÓTELES. 1999. **Arte retórica e arte poética.** 14.ed. São Paulo: Ediouro.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.
- BARBOSA, P. **Ritmo da escrita e ritmo da fala: congruências e não congruências.** In: Domínios de Linguagem (http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosde_linguagem) v.7, n. 2, pp. 47-70, 2013.
- _____. Conhecendo melhor a prosódia: aspectos teóricos e metodológicos daquilo que molda nossa enunciação. In: **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 11-27, jan./ jun. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2571/2523>>. Acesso em ago. 2014.
- _____. **Manual de fonética acústica experimental: aplicações a dados do português.** São Paulo: Cortez, 2016.
- _____. **Prosódia.** São Paulo: Parábola, 2019.
- BOERSMA, Paul & WEENINK, David (2017). **Praat: doing phonetics by computer [Computer program].** Version 6.1.13, retrieved 19 April 2020 from <http://www.praat.org/>
- BOLLELA, M. F. F. P. A prosódia como instrumento de persuasão. In: NASCIMENTO, E.M. F. S. *et al.* (Orgs.). **Práticas enunciativas em diferentes linguagens.** Franca: UNIFRAN, 2006. (Coleção Mestrado, 1).
- BRUM DE PAULA, Mirian Rose. **Broto da fala: o papel da prosódia no despertar da linguagem.** *ReVEL*, v.8, n. 15, 2010. Disponível em <www.revel.inf.br>. Acesso em 22 de novembro de 2018, às 13h.

BRUNELLI, A. F. "**O sucesso está em suas mãos**": análise do discurso de auto-ajuda. 2004. 149f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do português brasileiro**. 1981. 192f. Tese (livre-docência) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/268979>>. Acesso em: 14 jul. 2018.

_____. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 23, p. 137-151, jul./dez. 1992.

_____. **Da importância prosódica de fatos gramaticais**. In: ILARI, R (org.). Gramática do português falado. Vol. II: Níveis de análise linguística. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

CAMPBELL, Nick. On the structure of spoken language. In: **Proceedings of III Speech Prosody**. Dresden, maio de 2006. CD-Rom.

CITELLI, A. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 2004. (Série Princípios, 17)

COUPER-KUHLEN, E. **Na introduction to English Prosody**. Tübingen. Niemeyer, 1986.

COWIE, Roddy. **Describing the emotional states expressed in speech**. In: COWIE, R;

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís ; YEHIA, Hani Camille. **Sonoridade em Artes, Saúde e Tecnologia**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2009. Disponível em <http://fonologia.org>. ISBN 978-85-7758-135-1.

CRUZ, F. M. (2008). **Linguagem, interação e cognição na doença de Alzheimer**. Tese de Doutorado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, SP.

CRYSTAL, D. **Prosodic systems and intonation in English**. Cambridge: The Cambridge University, 1969.

DAUER, R. M. (1987). Phonetic and phonological components of language rhythm. Paper presented at the 11th International Congress of Phonetic Sciences, vol. 5, (pp. 447-450). Tallinn. de Pijper, J. R. (1983). **Modelling British English intonation**, Dordrecht - Holland: Foris

DE MELO, Livia Chaves; DE PAULA BRITO, Cristiane C. Literatura (d) e (des) motivação: representações sobre o "bom professor" em relatórios de estágio supervisionado. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 14, n. 2, p. 355-375, 2014.

DOUGLAS-COWIE, Ellen; COWIE, Roddy & SCHRÖDER, Marc. A new emotion database: considerations, sources and scope. In: COWIE, R; DOUGLAS-COWIE, E &

SCHRÖDER, M (eds). **Proceedings of the ISCA Workshop on Speech and Emotion**. Newcastle, september, 2000. p. 39-44.

FREITAS, Maria João. 1997. Aquisição da fonologia em língua materna: a sílaba. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de Linguística.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDMAN-EISLER, F. **Psycholinguistics**: experiments in spontaneous speech. London/New York: Academic Press, 1999.

GONÇALVES, C. S. **Taxa de elocução e de articulação em corpus forense do português brasileiro**. Porto Alegre, 2013 Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em:<<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2115/1/449942.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

HALLIDAY, M.A.K. **A course in spoken English: Intonation**. London: Oxford University Press, 1970.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cutrix, 2008.

KENT, Raymond D. Desenvolvimento fonológico como biologia e comportamento. In: CHAPMAN, Robin S. **Processos e distúrbios na aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

KENT, Raymond; READ, Charles. **Análise acústica da fala**. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOPES, Leonardo Wanderley; LIMA, Ivonaldo Leidson Barbosa. Prosódia e transtornos da linguagem: levantamento das publicações em periódicos indexados entre 1979 e 2009. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 651-659, Apr. 2014. Available from<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151618462014000200651&lng=en&nrm=iso>. access on 10 July 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0216201423012>.

MACLAY, H; OSGOOD, C. E. Hesitation phenomena in spontaneous English speech. **Word**, v. 15, p. 19-44, dez 1959.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: BEZERRA, M. A.; DIONISIO, A.; MACHADO, A. R. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna. 2002. p. 19-36.

_____. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.

MATOS, Francisco Gomes de. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. DELTA, São Paulo, v.23, n.1, p.161-163. 2007.

MIGLIORINI, L; MASSINI-CAGLIARI, G. **Acento e ritmo**. São Paulo: Contexto, 2001. (Coleção Repensando a língua portuguesa).

MILLER, Carolyn R. Genre as social action. In: FREEDMAN, Aviva; MEDWAY, Peter (Orgs.). Genre and the new rhetoric. London: Taylor & Francis, 1994, p. 23-42.

MEJVALDOVÁ, Jana & HORÁK, Petr. Synonymie et homonymie attitudinale en tchèque et en français. In: **Speech Prosody**, Aix-en-Provence, abril/2002. Disponível em: <<http://www.lpl.univ-aix.fr/sp2002/papers.htm>> Acessado em abril de 2006.

MORAES, João. **Recherchessurl'Intonation Modaledu Portugais Brésilien Parlé à Rio de Janeiro**. Thèse de Doctorat de Troisième Cycle. Université de la Sorbonne Nouvelle, Paris III, 1984. *Apud* ANTUNES, L. B. **Análise da entonação de enunciados declarativos e interrogativos na fala de crianças**. 157f. Dissertação. (Mestrado em Letras: Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: UFMG, 2000.

MOURA, L. **O papel da prosódia na expressão de atitudes no discurso político**. In: V Colóquio Brasileiro de Prosódia da Fala, 2016, Brasília. Anais do Colóquio Brasileiro de Prosódia da Fala, 2016.

OLÉRON, Pierre. **L'argumentation**. Paris: PUF, 1983 [A *argumentação*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1987].

PACHECO, Vera. Percepção dos sinais de pontuação enquanto marcadores prosódicos. In: **Estudos da língua(gem)**. Vitória da Conquista, 2006. Disponível em <<http://estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/70/141>> Acesso em 22 de novembro de 2018, às 13h.

PIOT, Olivier & LYAGHAT, Mehdi. Expression et reconnaissance de onze attitudes assertives et interrogatives em persan satandard. In: **Speech Prosody**, Aix-en-Provence, abril/2002. Disponível em: <<http://www.lpl.univ-aix.fr/sp2002/papers.htm>> Acessado em abril de 2006.

PLATÃO. **Fedro**. São Paulo: Editora 34, 2016.

ROJO, R. H. R. **Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas**. In: *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

SCARPA, E. M (Org). **Estudos de prosódia**. Campinas: Unicamp, 1999.

SOUSA, A. **A persuasão: estratégias para uma comunicação influente**. Universidade da Beira Interior. Portugal, março, 2000. Dissertação de mestrado em ciência da comunicação. <http://www.bocc.ubi.pt>

SWALES, J. M. **Genre analysis: english in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

VALENTIM, A. F; CORTÊS, M. G; GAMA A. C. C. **Análise espectrográfica da voz: efeito do treinamento visual na confiabilidade da avaliação**. Rev Soc Bras Fonoaudiol. 2010;15(3):335-42.